

**FACULDADES INTEGRADAS DE TAQUARA  
CURSO DE HISTÓRIA**

**GETÚLIO VARGAS:  
“SAIO DA VIDA PARA ENTRAR NA HISTÓRIA”**

**LUANA REUTER**

**Taquara  
2017**

**LUANA REUTER**

**GETÚLIO VARGAS:  
“SAIO DA VIDA PARA ENTRAR NA HISTÓRIA”**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso Licenciatura Plena em História das Faculdades Integradas de Taquara, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História, sob orientação do Prof. Dr. Daniel Gevehr.

**Taquara**

**2017**

Dedico este trabalho aos meus primos-irmãos Bruna Zimmermann (*in memoriam*) e Jhoni Reuter (*in memoriam*), que, infelizmente, partiram tão cedo, mas vivem eternamente em meu coração!

## AGRADECIMENTOS

Neste momento, paro para pensar em todas as pessoas que estiveram ao meu lado nesta caminhada de mais de sete anos, e então percebo que tenho muito a agradecer, primeiramente a Deus, por me dar sabedoria e por sempre guiar meus passos, fazendo-me enxergar que tudo acontece em seu tempo.

À minha família, meus avós Eloi e Soeli Zimmermann e aos meus tios e tias, por sempre me apoiarem e mostrarem grande interesse pelos meus estudos, e por compreenderem por muitas vezes a minha ausência.

Agradeço especialmente aos meus pais, Loreci e Jair Reuter, por sempre me incentivarem a lutar por um futuro melhor, pela paciência e por toda a ajuda que sempre me prestaram.

Ao meu namorado, Anderson Massaia, por sempre estar comigo, pelo companheirismo, compreensão, por todo apoio e também pelas caronas e toda a correria que eu o fiz passar! Obrigada por todas as palavras de incentivo em cada momento de incerteza, pela paciência e por sempre me fazer enxergar o lado bom de todas as coisas. Agradeço, também, por sempre tirar um tempo para ouvir ou ler meus trabalhos, apresentações e principalmente esta monografia, e a isso também devo agradecer à minha mãe. Vocês dois sempre foram meus grandes críticos e incentivadores.

Agradeço também a todos os professores que tive oportunidade de conhecer na Faccat, especialmente Andréa Rahmeier, Dóris Fernandes e Daniel Gevehr. Seus ensinamentos me ajudaram a enxergar o mundo e a educação de outra maneira. Obrigada por todo conhecimento compartilhado, e obrigada principalmente por terem acendido em mim a vontade de lecionar. Vocês são ótimos professores, e mais do que isso, são ótimos seres humanos. Sempre carregarei vocês como um exemplo de dedicação, comprometimento e profissionalismo.

Ao meu estimado professor e orientador, Daniel Gevehr, que, mesmo sem saber, foi quem instigou em mim a curiosidade pelo “tal” Getúlio Vargas. Obrigada por toda atenção, auxílio, dedicação, por toda sinceridade em suas críticas construtivas, e principalmente por sempre conseguir me acalmar com suas palavras acolhedoras.

Agradeço também a todos os colegas que tive ao longo desses anos, por todos os momentos de aprendizado que tivemos, pelos momentos de alegria,

risadas proporcionadas, por compartilharem seu conhecimento e por todos os passeios e momentos de descontração.

Aos colegas que se tornaram meus grandes amigos, Luana Wingert, Daniela de Paula e Dalvan Bonfada. Ao longo desses anos, passamos por muitos momentos bons e ruins, sabemos das lutas, conquistas e dificuldades uns dos outros. Obrigada pela amizade, cumplicidade, palavras de apoio e pelo companheirismo. Nunca vou me esquecer das nossas pérolas!

A todos os meus verdadeiros amigos, os quais não cabe aqui nomear, pois todos sabem quem são, agradeço por todo apoio, compreensão e amizade.

Agradeço também à minha super amiga Laiana Rodrigues, que, sempre positiva e alegre, ensinou-me a nunca desistir e sempre confiar em Deus. Obrigada por sempre estar ao meu lado, por sempre ter um tempo para me ouvir, por torcer por mim e ficar feliz a cada vitória minha. Pode ter certeza de que o sentimento é recíproco!

“É nas ilusões que uma época alimenta a respeito de si própria que ela manifesta e esconde, ao mesmo tempo, a sua ‘verdade’, bem como o lugar que lhe cabe na lógica da história”.

*Bronislaw Baczko*

## RESUMO

Getúlio Vargas é conhecido como um dos personagens mais polêmicos e contraditórios da história política brasileira, sendo caracterizado por estar ao lado das pessoas certas nos momentos mais oportunos. Assim, utilizando-se de um jogo duplo em seus governos, assumia compromissos com variados grupos sociais, com o intuito de satisfazer a todos, e, é claro, de se manter no poder. Seus feitos, ao longo de seus governos, juntamente com todo um aparato em torno da construção de sua imagem, renderam-lhe o título de político estrategista, obtendo também grande destaque na história política brasileira. Em vista disso, o presente estudo se propôs a analisar como se deu a construção da imagem de Vargas, buscando fazer uma breve retrospectiva em sua trajetória pública e política, com a finalidade de encontrar traços dessa construção. Ao longo do trabalho, dar-se-á ênfase ao período do Estado Novo, que teria sido o grande divisor de águas da mídia brasileira, quando os principais meios de comunicação foram utilizados como instrumentos para manipular o pensamento e imaginário em relação à ideologia do Estado Novo e à imagem de Vargas. Além disso, procurou-se analisar os diários que foram escritos pelo próprio Vargas, entre os períodos em que esteve na presidência brasileira, com o propósito de perceber se esses escritos também teriam servido como instrumento para a construção da imagem do ex-presidente. Não obstante, este estudo fará um trabalho de análise e interpretação, que seguirá o viés da Nova História Política, sob os olhares de René Remond e Pierre Rosanvallon, que afirmam que o político está vinculado às mais diversas esferas da sociedade, nos aspectos econômico, cultural e social. Contudo, o estudo também abrangerá algumas especificidades da História Cultural, a partir da análise e do entendimento do imaginário e das representações, sem os quais não seria possível fazer um trabalho de análise da construção da imagem.

**Palavras-chaves:** Getúlio Vargas. Imagem. Estado Novo. Diário.

## LISTA DE IMAGENS

Imagem 1- Fotografia Oficial de Vargas como presidente .....	61
Imagem 2- Fotografia de Vargas na inauguração da prefeitura de São Leopoldo, 1940 .....	63
Imagem 3- Fotografia de Vargas na inauguração da prefeitura de São Leopoldo, 1940 .....	63

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Demonstrativo de páginas escritas por ano .....	70
---	----

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
<b>2</b>	<b>CONSTRUINDO UM “SALVADOR PARA A PÁTRIA”</b> .....	<b>17</b>
<b>2.1</b>	<b>Através do imaginário e da representação</b> .....	<b>17</b>
<b>2.2</b>	<b>Período Pré-1930</b> .....	<b>24</b>
2.2.1	“De São Borja para o mundo” .....	25
2.2.2	“O homem certo no lugar certo” .....	30
<b>3</b>	<b>A TRAJETÓRIA DE VARGAS NAS DÉCADAS DE 1930 E 1940</b> .....	<b>39</b>
<b>3.1</b>	<b>Antecedentes do golpe de 1937</b> .....	<b>39</b>
<b>3.2</b>	<b>As ações de Vargas na política nacional</b> .....	<b>44</b>
<b>3.3</b>	<b>DIP A propaganda e a construção da imagem de Vargas</b> .....	<b>56</b>
3.3.1	Imagens de um “certo” presidente .....	61
<b>4</b>	<b>A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE GETÚLIO VARGAS</b> .....	<b>67</b>
<b>4.1</b>	<b>As narrativas de Getúlio Vargas</b> .....	<b>69</b>
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>87</b>
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>91</b>

## 1 INTRODUÇÃO

*“Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História” (Getúlio Vargas, 1954).*

A frase da epígrafe que abre este capítulo, que por acaso teria sido a última escrita por Getúlio Vargas<sup>1</sup> em sua carta-testamento poucos momentos antes de seu suicídio, faz refletir sobre as intenções de “um certo” político, um gaúcho de baixa estatura, um “pequeno” homem que deixou uma grande marca na história de todo o país.

Ao nos depararmos com suas últimas palavras, percebemos que estas acabaram por se concretizar. Vargas entrou para a história, conhecido como um dos personagens mais emblemáticos da história política brasileira, sendo considerado por muitos como um herói, devido ao seu legado e às mais divergentes visões em relação a sua pessoa e sua personalidade tão controversa. Nesse sentido, no que diz respeito às diferentes visões acerca do ex-presidente, a grande pergunta que se busca aqui responder é: quais os principais fatores que contribuíram para propagar a construção da imagem de Vargas e alimentar o imaginário social em torno dele?

Nesse contexto, sabendo-se de toda discussão em torno da personalidade de Vargas, este trabalho tem como enfoque central a construção da imagem deste. Para se alcançar esse objetivo, utilizou-se metodologia de cunho exploratório, a fim de analisar a imagem que Vargas pretendia passar por meio de seus escritos em seus diários. Além disso, busca-se, por meio da revisão bibliográfica, contextualizar os primeiros anos do governo Vargas, identificando os principais acontecimentos políticos e sociais desse período, bem como os possíveis instrumentos que foram utilizados para a construção da imagem do presidente.

A escolha desse tema justifica-se pelo fato de que, na atualidade, o contexto político no Brasil está bastante complicado, tendo grande repercussão e dividindo opiniões a respeito do caráter dos políticos. A partir disso, surgiu a grande questão, por que não falar sobre o personagem político que mais trouxe — e ainda traz —

---

<sup>1</sup> Ao longo deste trabalho, Getúlio Vargas poderá ser mencionado apenas como Getúlio, Vargas, presidente ou ex-presidente.

tanta divisão de opiniões entre a sociedade brasileira?

Nessa perspectiva, este trabalho aliará a conjuntura atual das visões em relação aos políticos e a curiosidade da pesquisadora em tentar desvendar e compreender quem realmente foi Getúlio Vargas. Por sua vez, é necessário ressaltar a importância em abordar os anos entre 1930 e 1942, espaço de tempo em que Vargas escreveu quase que diariamente em seus diários, sendo esse o período em que a construção de sua imagem ganhou maior destaque. Do mesmo modo, será abordado o período entre 1930 e 1945, conhecido como “Era Vargas”, dando-se ênfase principalmente aos anos 1937-1945, quando o Brasil experimentou um novo período político, que ficou conhecido como Estado Novo.

Com efeito, o Estado Novo foi um regime implantado durante os anos de 1937 e 1945, período ditatorial imposto pelo então presidente Getúlio Vargas. Conhecido como um dos períodos mais polêmicos de Vargas no poder, foi durante esse período que houve maior preocupação em propagar uma boa imagem do presidente, por meio da mídia, da imprensa e principalmente dos jornais. É preciso destacar também que foi seu governo durante o Estado Novo que o ajudou a consolidar essa imagem ambígua, que suscita inúmeras divisões de opiniões.

Por seu turno, o governo varguista durante o Estado Novo teve tanto pontos negativos quanto positivos, pois trouxe grandes avanços para o país, principalmente no que diz respeito aos aspectos econômicos e sociais. Houve, de fato, a aplicação de investimentos em indústrias e infraestrutura, ao mesmo tempo em que muitos trabalhadores foram beneficiados por leis trabalhistas, com a criação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), que lhes garantiu inúmeros direitos. Entretanto, no campo político, o Estado Novo ficou conhecido como um período autoritário, pois foi a partir do golpe de 1937 que Vargas conseguiu manter-se no poder, eliminando as eleições que ocorreriam em 1938.

Ainda em 1937, Getúlio Vargas organizou uma estratégia que lhe garantiria a presidência até 1945. No dia 30 de setembro de 1937, houve uma denúncia de que os comunistas estariam tramando para tomar o poder. Essa denúncia, por sua vez, passou a ser espalhada pelo país inteiro, servindo como instrumento para que Vargas colocasse o povo brasileiro em alerta. A suposta estratégia dos comunistas recebeu o nome de Plano Cohen, e tornou-se a peça fundamental para garantir a permanência de Getúlio Vargas no poder, dando início ao já mencionado Estado Novo. A partir de então, o governo passaria a experimentar um regime ditatorial, que

se notabilizou pela censura, pela falta da democracia e pela adesão a um regime autoritário<sup>2</sup>e populista<sup>3</sup>.

Analisando o contexto do Estado Novo, parou-se para refletir sobre o caráter ambíguo de Vargas. Afinal, é possível que um político ditador e autoritário seja, ao mesmo tempo, um líder carismático e preocupado com o povo? Considerando esse questionamento, a presente monografia tem como finalidade encontrar meios de tentar entender ou compreender, por assim dizer, quem realmente foi esse personagem e qual imagem pretendia passar ao povo brasileiro. Suas características fazem parte do Vargas homem, ou do Vargas político? Ou são apenas frutos dessa construção que se pretendia fazer de sua imagem? Quais os principais acontecimentos ocorridos na política brasileira entre 1937 e 1942? O que Vargas pretendia em sua trajetória? Será que todos os seus atos, ações, falas e escritas fazem parte dessa construção ou de quem ele realmente era?

Sendo assim, diante de tantos questionamentos que essa personalidade traz consigo, neste trabalho busca-se descortinar a história de Vargas, examinando seus escritos pessoais, para tentar achar pistas que ajudem compreender um pouco melhor Getúlio Vargas. Não se tem a pretensão de trazer algo novo, posto que muito já foi escrito, mas de pôr em prática uma nova análise e interpretação, que seja capaz de trazer um novo olhar a um assunto tão conhecido entre os brasileiros.

É importante ainda mencionar que o tema principal deste trabalho, que é a construção da imagem de Vargas, já foi trabalhado por Luciano Aronne de Abreu, em uma de suas obras, intitulada: “Getúlio Vargas: a Construção de um mito (1928-30)”. Por sua vez, em seu livro, o autor visa analisar o processo de construção da imagem de Vargas (embora o autor utilize o termo mito ao invés de imagem), com ênfase nos aspectos políticos no período anterior a 1930. Nesse sentido, é preciso mencionar também o trabalho de conclusão de curso de Leonardo Wichinheski (2014). Mas cabe ressaltar que Wichinheski teve como enfoque em seu trabalho os primeiros anos dos diários, analisando o período entre 1930 a 1936, com o intuito de encontrar traços da construção da imagem do ex-presidente em seus próprios

---

<sup>2</sup> Os autoritários são uma forma de governo, marcado pelo autoritarismo do Estado e principalmente pelo Chefe de Estado (no caso brasileiro, do presidente), utilizando-se do abuso de poder, e da dominação dos cidadãos por parte das autoridades governamentais, as quais são privilegiadas com a concentração do poder político em poucas mãos.

<sup>3</sup> Populista é o político que se utiliza do populismo em seu governo. No populismo, o Chefe de Estado se utiliza de inúmeros recursos (principalmente os meios de comunicação e os discursos voltados para a massa) para obter o apoio popular, fazendo uso de uma linguagem popular e simplista, usa e abusa de sua “simpatia e carisma” para conquistar as massas populares.

escritos, bem como visualizar os aspectos de maior relevância durante o governo provisório e constitucional<sup>4</sup>.

Ademais, existe uma gama de material escrito tendo o ex-presidente e seus feitos como tema, inúmeros livros, biografias, artigos, monografias, dissertações, teses, e até mesmo os diários escritos pelo próprio Vargas. No entanto, apesar de muito se ter escrito sobre esse personagem, ele ainda continua sendo um mistério para muitos, sendo tão amado por uns e ao mesmo tempo odiado por outros.

Dito isso, a necessidade de analisar seus diários justifica-se pelo fato de que foram escritos pelo próprio Vargas, ou seja, não serão apenas as visões, revisões e opiniões de outros autores, ou uma história contada e recontada, mas as ações e características do personagem através de seu próprio olhar. Vendo por esse ângulo, seria como analisar uma autobiografia, mostrando tanto o lado do homem quanto o lado do político, de forma detalhada, abordando aspectos de sua vida pessoal e dos acontecimentos políticos da época.

Por sua vez, os diários se dividem em dois volumes, contendo os escritos de mais de 12 anos. Vargas começou a escrevê-los em 3 de outubro de 1930, data que marca o início da Revolução de 1930, que acabou por render a Vargas, por meio de um golpe de Estado, a presidência do Brasil com o Governo Provisório. Os últimos escritos datam do fim de setembro de 1942, sendo necessário ressaltar que houve uma pausa entre fim de abril e início de maio até o mês de setembro de 1942. O motivo dessa pausa, segundo disse o próprio Vargas (1995) em seu diário, seria em função de um acidente automobilístico que ele havia sofrido no dia 1º de maio, na Praia do Flamengo, ocasionando-lhe fraturas em suas pernas, mão e maxilar. Isso teria obrigado sua imobilização em um leito durante vários meses, tendo retornado apenas em setembro para Petrópolis. Só então pôde retomar suas anotações, porém, como ele mesmo explicou, passados tantos meses, e depois de tantos acontecimentos, para ele já não fazia mais sentido continuar escrevendo.

A propósito, o ano de 1942 foi um período bastante conturbado para a história brasileira. O Brasil, que até então estava neutro nas questões da segunda Guerra Mundial, cortou relações com a Alemanha. Nesse mesmo ano, submarinos alemães

---

<sup>4</sup> O Governo provisório compreende os anos de 1930 a 1934, que foi quando Vargas assumiu a presidência da República pela primeira vez, tendo um governo apoiado pelos tenentes, os quais exigiam uma renovação política, econômica e estrutural para o país. Já no ano de 1934, Getúlio assumiu o poder de forma indireta, resultante da constituição do mesmo ano, dando início ao governo constitucionalista, sendo esse um período de fortalecimento do poder executivo e relaxamento do legislativo.

afundaram navios brasileiros no Oceano Atlântico, atitude que deixou grande parte dos brasileiros revoltados. Parte da população passou a pressionar para a entrada do Brasil na guerra contra o Eixo<sup>5</sup>, ato que foi consumado no mês de agosto.

Analisando todo esse contexto, surgiram inúmeras indagações a respeito desses diários. Teria Getúlio Vargas iniciado, feito uma pausa e depois encerrado seus escritos, nessas respectivas datas, por algum motivo? E quais suas intenções ao escrevê-los?

Nesse ínterim, surgiu a necessidade de analisar e pesquisar essa figura tão excêntrica e contraditória, que foi, e ainda é, Getúlio Vargas. Sendo assim, buscou-se um vasto aporte teórico para dar seguimento ao trabalho: com relação à figura pública e política de Getúlio Vargas, e aos acontecimentos políticos anteriores e durante o período do Estado Novo, trabalhou-se com documentos disponíveis no portal da CPDOC<sup>6</sup> e, entre outras, com as obras de Luciano Aronne de Abreu (1996), Boris Fausto (2000, 2006, e 2010), Thomas Skidmore (1998), Maria Helena Capelato (2007) e também Lira Neto (2012). Vale ressaltar que este último é um jornalista e escritor, especializado em biografias, e publicou uma trilogia de livros respectivamente nos anos 2012, 2013 e 2014, consistindo na biografia de Getúlio e seus feitos durante sua trajetória política. Em se tratando de biografia, ao falar sobre a trajetória de vida de Vargas, será abordado, de forma sucinta, o uso de biografias, para o qual foram utilizados os estudos de Schmidt (2012) e Piovesan (2007).

Tendo em mente que não é possível falar sobre a construção de imagens sem trabalhar com os conceitos de imaginário e representação, faz-se uma breve discussão teórica em relação a esses conceitos, baseando-se nos trabalhos de Roger Chartier (1991), Sandra Pesavento (1995, 2005), Bronislaw Backzo (1985) e Pierre Bourdieu (2007).

Para a análise de imagens e dos diários, lançou-se mão de autores como Maria Luiza Remédios (2005), Maria Eliza Linhares Borges (2005), Susan Sontag (1986) e Peter Burke (2004). Além das obras mencionadas, ao longo desta

---

<sup>5</sup> Os Países do Eixo, durante a Segunda Guerra Mundial, foram aqueles que reuniam as ideologias autoritárias, englobando o nazismo e o fascismo. Os três principais países aliados do Eixo foram Alemanha, Itália e Japão.

<sup>6</sup> O CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil) é um depositário do arquivo do presidente Getúlio Vargas e fonte de importantes pesquisas sobre o que foi chamado de Era Vargas. Desde sua criação, em 2002, o portal do CPDOC exibe a seção "Navegando na História", destinada a transmitir ao grande público informações sucintas e consistentes sobre a história republicana brasileira.

monografia o embasamento teórico terá o aporte de muitas outras, como artigos, publicações acadêmicas, dicionários, monografias e teses.

Faz-se necessário ressaltar que a análise e a leitura crítica serão feitas sob a perspectiva da nova história política, apesar de que, ao analisar os objetivos desta monografia, é possível se afirmar também que ela poderia ser trabalhada sob o viés da história cultural, pois abrange muitas especificidades dessa corrente, trabalhando com o imaginário e representações. Porém, quando se aborda o tema Getúlio Vargas, torna-se impossível não seguir a linha da nova história política, sob o entendimento de que, ao se pesquisar e estudar o político, estarão sendo englobados também o social, o cultural e o econômico, pois se entende que há uma ligação íntima entre essas esferas da sociedade.

Seguindo a linha teórica da Nova História Política, é possível perpassar os mais diversos caminhos e relações, afinal, o campo político sofre influências e também influencia muitos outros caminhos da História. Sendo assim, dentro dessa corrente historiográfica, o entendimento e linha teórica seguem as obras de René Rémond (2003) e Pierre Rosanvallon (2010), os quais afirmam que o político está vinculado às mais diversas esferas da sociedade, nos aspectos econômico, cultural e social. Desse modo, é impossível compreender o político sem compreender a sociedade em um todo. É precisamente isso que se pretendeu fazer neste trabalho, analisar toda uma conjuntura para tentar compreender como se deu a construção da imagem.

Para melhor compreensão de todo o processo que envolveu a construção da imagem de Getúlio Vargas, a presente monografia será dividida em cinco capítulos, entre a introdução, o desenvolvimento e a conclusão. Na introdução, apresentam-se o tema, o problema, a justificativa e os objetivos da monografia, bem como um breve resumo sobre os pontos mais relevantes e sobre os principais autores a serem observados e discutidos ao longo do trabalho.

O segundo capítulo apresenta de forma sucinta o período anterior à Revolução de 30, ou mais conhecido como pré-1930, tendo em vista que foi nesse período em que se iniciou o processo de construção da imagem, pois foi a partir de então que Vargas passou a ter maior visibilidade na vida política do país. Dessa forma, o segundo capítulo abrange o período pré-1930 e o início da construção da imagem. Além disso, são tratados os aspectos teórico-metodológicos que servem de base para a análise que se pretende realizar.

No terceiro capítulo, discorre-se de forma geral sobre o período do Estado Novo, iniciando brevemente com os antecedentes do golpe de 1937. Em seguida, aborda-se o Estado Novo, apontando aspectos como o contexto sociopolítico e as principais ações de Vargas na política brasileira. Levando-se em conta que foi nesse período em que se teve maior preocupação com a imagem do ex-presidente, sendo esta bastante propagada pelos meios de comunicação, apresenta-se a contribuição da propaganda para a construção da imagem do presidente.

No quarto capítulo, pretende-se analisar, à luz das teorias que discutem os discursos no campo da história, os diários escritos por Vargas. Com o intuito de encontrar os traços da construção da imagem deste, é feito um cruzamento entre os principais acontecimentos políticos e sociais entre os anos de 1930 e 1942 (período em que Vargas escreveu seus diários) abordados neste trabalho, e os escritos de Vargas em relação a esses acontecimentos. Busca-se, nesse processo, identificar o que o próprio presidente tinha a dizer em relação aos seus feitos, procurando indícios de que possa ter utilizado seus escritos como forma de moldar sua imagem.

No quinto e último capítulo, são apresentados os resultados obtidos ao longo da monografia.

De modo geral, ao pensar neste trabalho de análise, considerando todos os apontamentos e hipóteses apresentadas, é possível perceber que Getúlio Vargas foi e ainda é um personagem ambíguo, e que, apesar de tantos estudos feitos a seu respeito, ainda existem muitas divergências e diferentes visões em relação à personalidade do ex-presidente.

## **2 CONSTRUINDO UM “SALVADOR PARA A PÁTRIA”**

Passado mais de meio século da morte de Getúlio Dornelles Vargas, sabendo que esse é um personagem de grande importância para a história política brasileira, o ex-presidente ainda é objeto de grandes discussões em consequência de seus feitos, e de seu caráter duvidoso, durante todo o seu período no governo. De fato, ao longo de sua carreira pública e política, Vargas foi a “estrela principal” de muitas propagandas, manchetes e falácias a seu respeito, sendo até hoje tema de inúmeros trabalhos e obras.

Para a elaboração deste estudo, partiu-se do princípio de que possa ter sido feito todo um trabalho em torno da imagem de Getúlio Vargas, por meio de suas ações, discursos, falas e de toda propaganda midiática construída em seu entorno, com a intenção de vangloriar seus feitos e qualidades e, ao mesmo tempo, encobrir os problemas do governo, seus golpes e atos ditatoriais. Desse modo, tendo conhecimento de que o principal objetivo será tentar compreender como se deu a construção da imagem de Vargas, tem-se consciência de que não é possível compreendê-lo sem analisar todo o contexto dessa construção. Sendo assim, este capítulo tem o propósito de construir o aporte teórico necessário para se tentar conceituar o que de fato são representações e imaginário, principais fatores que integram e norteiam esse processo de construção da imagem do ex-presidente.

Cabe ainda ressaltar que, apesar de Vargas ter sua imagem bastante divulgada durante o período do Estado Novo, essa construção não começou ali. Teria ela iniciado antes mesmo de ele chegar ao poder, portanto faz-se necessário retroceder na trajetória política de Vargas, analisando os aspectos dessa construção desde o início de suas intenções políticas em relação ao país.

### **2.1 Através do imaginário e da representação**

Getúlio Vargas, possuidor de uma personalidade contraditória, é considerado um dos grandes líderes políticos brasileiros, e, por que não dizer, um dos mais polêmicos. Sua trajetória política e sua vida pública despertam inúmeras indagações e visões a seu respeito. Com efeito, trata-se de um presidente que chegou ao poder por meio de um golpe militar, implantou um regime ditatorial, além de ser manipulador e estrategista, sendo autoritário a ponto de seu governo ser muitas

vezes comparado aos governos de Hitler e Mussolini (grandes ditadores da Europa). No entanto, por que, mesmo assim, é considerado por muitos como o “salvador da pátria”?

Nesse ínterim, não se pode deixar de mencionar que esse líder autoritário também trouxe inúmeras melhorias para o país em questões econômicas, de infraestrutura e sociais. Dessa maneira, acabou por conquistar as massas com seu carisma e simpatia, chegando a ser conhecido como o “pai dos pobres”. De certa forma, ao longo de seus governos seus atos acabaram por agradar os mais diversos setores da sociedade. Nessa perspectiva, Gomes<sup>7</sup> sustenta que:

Vargas, durante essa longa trajetória, foi sendo identificado tanto por suas surpreendentes qualidades de estadista — coragem, sabedoria, ousadia —, como por suas características de ‘homem comum’ — simpatia, malandrice, simplicidade —, facetas que o aproximavam ao mesmo tempo dos grandes líderes de seu tempo e do povo brasileiro, o ‘seu’ povo. Ficou conhecido como o ‘pai dos pobres’, o protetor dos trabalhadores, mas também como o presidente em cujo governo trabalhadores foram presos, torturados e até mortos (2004).

Ao analisar os discursos de Gomes em relação à personalidade e todos os fatos que envolvem a pessoa do ex-presidente, torna-se impossível falar de Vargas sem realmente caracterizá-lo como um habilidoso político, que, mesmo com tantas ações contra a democracia e os direitos do povo, foi até mesmo considerado um herói. É, portanto, de grande importância averiguar se essa definição de Vargas como um bom homem é fruto de suas ações e habilidades políticas, ou de todo um aparato montado com o intuito de passar essa imagem aos cidadãos. Partindo desse princípio, é possível encontrar indícios de que, ao longo da carreira política, sua imagem foi trabalhada e construída para que fosse visto como um herói, alguém que seria lembrado por seus feitos e legado.

Valendo-se mais uma vez dos escritos de Gomes (2004), pode-se constatar que a boa visão que se tinha de Vargas pode estar relacionada à identidade do povo brasileiro daquela época, com a chegada de um político que pretendia trazer o “novo” e a mudança que tanto se almejava. Com efeito, estando o país atravessando um período conturbado e cheio de rupturas e mudanças, era presumível que a população se apegasse a uma figura vista como “salvador da

---

<sup>7</sup> Ângela de Castro Gomes é pesquisadora associada ao CPDOC, sendo que neste trabalho fazemos uso de um de seus textos publicados no portal do CPDOC, intitulado: “Vargas: para além da vida> o mito Vargas”.

pátria”. Este, por sua vez, teria surgido para renovar a esperança nacional, a partir de discursos que pregavam mudanças e prosperidade. Sendo assim, ancorando-se a esse princípio, aventa-se a possibilidade de que tenha sido criado todo um aparato sobre a imagem de Vargas, objetivando atrair o apoio das massas em relação a sua pessoa.

A esse respeito, é possível citar Eliade (1972), quando este apresenta a *mass media*<sup>8</sup>, pondo em questão o fato de que as estruturas da fabricação de imagens são impostas por intermédio dos meios de comunicação em massa. O autor cita como exemplo o caso do personagem de quadrinhos *Superman*, que se trata de alguém com dupla personalidade, um homem comum e ao mesmo tempo um herói: “Em última análise, o mito do *Superman* satisfaz às nostalgias secretas do homem moderno que, sabendo-se decaído e limitado, sonha revelar-se um dia um ‘personagem excepcional’, um ‘herói’” (ELIADE, 1972, p. 130). O autor ainda fala da fabricação de personagens na mídia, da personificação de uma imagem exemplar que se quer passar, sendo os meios de comunicação capazes de criar uma imagem totalmente distorcida da realidade, construindo heróis e pessoas que serão extremamente fanáticas por eles.

Nesse caminho, ao utilizar o termo “construção da imagem”, torna-se fundamental trabalhar com o termo “imaginário”, afinal, a aceitação das imagens só será possível se estas fizerem parte de construções do imaginário social, alimentados pelas mais diversas ferramentas materiais e ideológicas. Destarte, como seria possível analisar e interpretar o passado sem compreender a mentalidade e o imaginário da sociedade de determinada época? Para começar a responder a essa questão, pode-se observar a visão de Barros:

A história do imaginário estuda essencialmente as imagens produzidas por uma sociedade, mas não apenas as imagens visuais, como também as imagens verbais e, em última instância, as imagens mentais. O imaginário será aqui visto como uma realidade tão presente quanto aquilo que poderíamos chamar ‘vida concreta’. Essa perspectiva sustenta-se na ideia de que o imaginário é também reestruturante em relação à sociedade que o produz (2007, p. 26, grifo do autor).

Por sua vez, Serbena (2003, p. 6) afirma que “O imaginário possui uma

---

<sup>8</sup> O termo *mass media* é formado pelas palavras latinas *media* (meios) e pela palavra inglesa *mass* (massa), tendo como significado os meios de comunicação em massa (rádio, imprensa, jornais, televisão, etc.).

função social e aspectos políticos, pois na luta política, ideológica e de legitimação de um regime político existe o trabalho de elaboração de um imaginário por meio do qual se mobiliza afetivamente as pessoas”. Levando em conta esses pressupostos, pretende-se aqui seguir esse viés, a fim de descortinar o imaginário criado em torno da figura de Vargas, indagando se este teria sido criado e imposto à população como uma estratégia de conceder a Getúlio Vargas a imagem de “salvador da pátria” na história política brasileira.

Porém, trabalhar com o imaginário não é tarefa fácil, sabendo que essa vertente pode carregar tanto concepções reais quanto irreais, abrangendo questões visuais, mentais e verbais. Dessa maneira, é preciso atentar às questões que levaram a construção de determinado pensamento. Nesse caso, é necessário encontrar as ferramentas que construíram o imaginário social em relação à imagem de Vargas. Ou seja, acredita-se que o imaginário social em torno desse personagem teria sido fomentado e alimentado por diversos meios, externos e internos, por meio de propagandas, promessas, ações, representações e devido ao próprio contexto e mentalidade da época em questão.

Em seu estudo sobre o imaginário social, Baczko (1985) afirma que todos os sonhos, ambições e esperanças sociais, mesmo que inconscientemente, buscam encontrar meios de se tornarem reais, utilizando, para isso, a crença em linguagens e modos de expressões que pareçam palpáveis. Desse modo, os princípios, símbolos, representações e conceitos só se transformam em algo real quando são capazes de fazer parte do imaginário coletivo.

Elisete Paz<sup>9</sup>, baseando-se em Baczko em sua dissertação, faz a seguinte afirmação: “Entende-se que o imaginário é fabricado e manipulável e que nenhuma instituição política é possível sem que o homem prolongue a sua existência através das imagens que tem de si próprio e de outrem” (2016, p. 97). Partindo dessa ideia de fabricação do imaginário, é possível lembrar-se de Vigário:

Imaginário envolve representações e as representações dão sentido ao mundo, são construídas a partir do real e introjetadas social e historicamente no inconsciente coletivo. Faz parte de um campo de representação em que o pensamento se manifesta pelas imagens que vem à mente como forma da realidade (2009, p. 5).

---

<sup>9</sup> Elisete Paz em sua dissertação de mestrado, intitulada “Identidade cultural e representação social: uma possibilidade de leitura sobre o desenvolvimento regional” nos traz uma vasta revisão bibliográfica acerca das representações.

Sobre o termo “representações”, Santiago acrescenta:

O uso do conceito de representação se tornou plenamente corrente na historiografia brasileira desde os finais dos anos 1980, no movimento acelerado de expansão da história cultural. Recentemente está mais comum o emprego seu conceito como aparato teórico e metodológico (2009, p.1).

Por seu turno, o estudo da representação, segundo Pesavento (2005), é uma categoria central da História Cultural<sup>10</sup>, que tem como proposta decifrar a realidade do passado, por meio de suas representações através dos discursos pelos quais os homens expressam a si mesmos e ao mundo. Pesavento ainda deixa claro que decifrar o passado por intermédio das representações não é uma tarefa fácil, pois o historiador deverá interpretar símbolos e representações de outros tempos, ou seja, caberá a ele interpretar algo que ele não viu e nem viveu. Dessa maneira, restará a ele narrar e decifrar a representação do passado, trazendo reformulações compreensíveis e fidedignas.

Não obstante, quando se fala em decifrar o passado por meio de representações, baseando-se nos escritos de Pesavento e Chartier (1991), constata-se que não haverá uma verdade definitiva, porquanto as próprias representações apenas representam algo ou uma imagem que se pretenda passar, mas não significa que expressem a realidade. Assim, Chartier afirma que as interpretações vão se modificando ao longo da história, pois os resultados de qualquer estudo irão depender da leitura e do olhar de quem o estará decifrando e interpretando. Desse modo, um mesmo documento ou fonte pode despertar inúmeras visões e opiniões.

Conforme Pesavento (2005), a História Cultural e suas vertentes permitem reinventar ou reescrever o passado com o olhar, atentando para a fidelidade às fontes, tomando cuidado para que a realidade dos fatos não seja alterada. Sendo assim, é preciso levar em conta a importância que deve ser dada à noção de representação, pois será essa noção que definirá a forma como serão trabalhados e analisados os fatos e as fontes.

Por outro lado, segundo os estudos de Chartier (1991), as representações não estão presentes somente nas imagens, mas também na escrita. O autor ressalta que é possível estudar o homem a partir de sua escrita, de modo que é preciso estar

---

<sup>10</sup> A História Cultural é um campo historiográfico que passou a ter mais ênfase ao fim do século XX. Abriga inúmeras possibilidades de análise, abrangendo a noção de cultura por meio das tradições e interpretações culturais no estudo de determinada época e sociedade.

atento aos significados sociais que as fontes textuais e documentos escritos podem revelar. Este estudo, por seu turno, propõe-se a investigar as representações impostas de forma escrita, que teriam como intuito a construção de uma imagem, isto é, analisar-se-ão as fontes documentais escritas (diários).

A título de embasamento, segue-se aqui a ideia de Pesavento:

As representações construídas sobre o mundo não só se colocam no lugar deste mundo, como fazem com que os homens percebam a realidade e pautem a sua existência. São matrizes geradoras de condutas e práticas sociais, dotadas de força integradora e coesiva, bem como explicativa do real. Indivíduos e grupos dão sentido ao mundo por meio das representações que constroem sobre a realidade (2005, p. 39).

Percebe-se que representar é estar no lugar de algo (pessoa, símbolo, objeto, etc.), não como uma cópia, mas representação de uma construção feita a partir dele. Para explicar essa observação, Pesavento e Chartier utilizam a noção de imagem presente no lugar do objeto ausente, ou seja, a representação, que pretende passar uma imagem que nem sempre corresponde à realidade.

Para compreender melhor a questão da representação aqui empregada, basta pensar nas propagandas políticas em tempos de eleições. Os candidatos, tanto na TV quanto em seus discursos e folhetos, tentam passar uma imagem de “bom moço”, cheios de ideias, discursos de mudanças, promessas, com suas comoventes histórias de vida. Busca-se construir uma imagem de que se trata de pessoas preocupadas em praticar boas ações, tanto que em fotografias e vídeos os indivíduos aparecem abraçando crianças, idosos e pessoas carentes. Ao pensar nisso, pode-se perceber que toda essa propaganda em torno dos candidatos nada mais é do que uma representação da ideia ou da imagem que se pretende passar daquela pessoa para os seus eleitores.

Corroboram com essa reflexão as palavras de Chartier (1991, p. 185): “A relação de representação é, desse modo, perturbada pela fraqueza da imaginação, que faz com que se tome o engodo pela verdade, que considera os signos visíveis como índices seguros de uma realidade que não o é”.

Nessa linha, Pierre Bourdieu (2007), em sua obra “O poder simbólico”, confirma essa visão em relação às representações, afirmando que os símbolos são instrumentos de construção do mundo e de integração social, capazes de construir a realidade, tornando possível um consenso em relação ao sentido do mundo social. Ele declara que: “Os símbolos são instrumentos por excelência da ‘integração

social': enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação" (2007, p. 10).

Bourdieu ainda acrescenta a importância do poder simbólico, afirmando o "[...] poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo [...]" (2007, p. 14). Além disso, o autor toma o poder simbólico dentro das relações de comunicação e de discurso como relações de poder, de forma que esse poder e a importância dada a ele irão depender do valor simbólico que cada agente irá constituir.

Nessa linha, quando se mencionam as relações de poder segundo Bourdieu, é possível também aplicá-las à noção de imaginário social de Backzo, já que este considera que:

O imaginário social é, deste modo, uma das forças reguladoras da vida coletiva. As referências simbólicas não se limitam a indicar os indivíduos que pertencem a mesma sociedade, mas definem também de forma mais ou menos precisa os meios inteligíveis das suas relações com ela, com as divisões internas e as instituições sociais, etc. (1985, p. 310).

O imaginário social segundo Backzo pode ser considerado como uma ferramenta utilizada para o controle da vida coletiva, em especial quando utilizada para o exercício do poder. Nesse contexto, pode-se situar também as representações, que, por sua vez, são a fabricação de todo o imaginário social. Com o propósito de dar mais sentido a essa colocação, pode-se citar a seguinte afirmativa de Félix:

Baczko já nos demonstrou que o poder político cerca-se de representações coletivas e que, para tal poder, o domínio do imaginário e do simbólico é um importante lugar estratégico, onde se dá a dominação efetiva pela apropriação de símbolos, e garante-se a obediência pela conjunção das relações de sentido e poderio (FÉLIX, 1998, p.142).

Amparando-se principalmente no aporte teórico de Chartier, Bourdieu e Pesavento, procurou-se investigar como os instrumentos de representação acabaram por contribuir para o imaginário social, e que serviram como base para a construção de determinada imagem. Dessa maneira, acredita-se que representações individuais ou coletivas nada mais são do que construções que se fazem do mundo, da sociedade e, neste caso, de uma personalidade.

Nesse sentido, pode-se compreender o quanto a comunicação escrita, textos, artigos, matérias jornalísticas e outros elementos textuais podem ter êxito no sentido de produzir representações e imaginários na mente de seus leitores (PAZ, 2016, p. 41).

Assegurando-se ainda nos estudos de Pesavento, Chartier e Paz, constatou-se que os diários de Vargas, ao serem considerados como documentos ou fontes, são vistos como instrumentos de representações, sobretudo quando se parte do pressuposto de que estes poderiam ter, de alguma forma, influenciado na construção de um personagem, alimentando todo o imaginário em torno dele. Portanto, ao analisá-los, pretende-se encontrar e interpretar expressões e traços que tragam indícios de como poderia ter ocorrido essa construção.

De fato, representar é fazer conhecer por meio de imagens, figuras, símbolos, palavras e escrita, é criar, repensar e interpretar uma imagem através do imaginário. Seguindo essa linha de raciocínio, compreende-se que “O imaginário faz parte de um campo de representação e, como expressão do pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade” (PESAVENTO, 1995, p. 7).

## **2.2 Período Pré-1930**

Pensando na construção em torno da imagem de Vargas, e questionando-se sobre a personalidade ambígua de Getúlio, e se este foi mesmo um herói para a pátria ou apenas mais um político estrategista e ardiloso, acabou-se por reconhecer a importância em se falar primeiramente não sobre a construção de sua imagem, mas sobre a construção do menino, do homem e do político Vargas.

Quem foi Getúlio Vargas em sua vida privada? De onde veio? Qual sua formação? Como foi sua vida antes de se tornar o líder do país? Quais foram seus primeiros passos para se tornar esse personagem tão polêmico e importante para a história política brasileira? Diante de tantos questionamentos, propõe-se voltar um pouco no tempo, com o objetivo de fazer uma retrospectiva na trajetória pública e política de Vargas. Para isso, baseando-nos nos escritos de Abreu (1996), Franco (1993), Faria e Barros (1997), Fausto (2006) e também na obra do jornalista Lira Neto (2012), e por meio da análise de suas obras como um todo, busca-se aqui traçar um breve resumo, uma linha do tempo desde o nascimento de Vargas, até o início de sua carreira política.

### 2.2.1 “De São Borja para o mundo”

Ao se propor fazer uma retrospectiva na trajetória de vida de Getúlio Vargas, não com o intuito de heroicizar o personagem sob o aspecto positivista, mas com a finalidade de traçar sua história de vida (mesmo que de forma breve) sob o contexto sociopolítico, acaba-se por adentrar o campo das biografias. Nessa área, podem-se citar as autobiografias e a biografia propriamente dita, que é quando o autor escreve sobre outra pessoa. Nesta seção, serão utilizadas as biografias, com o objetivo resgatar um pouco da história de vida do ex-presidente, partindo do princípio de que os traços do Vargas como um político estrategista e sua personalidade foram ganhando forma e se alicerçando ao longo de sua vida e de suas vivências.

No campo das biografias, tem-se Piovesan (2007), que afirma que, a cada dia, aumenta mais o número de obras relacionadas à história de vida de certos personagens. Paralelamente, vem aumentando o interesse pelo gênero das biografias e das trajetórias individuais, no sentido de se buscar resgatar as memórias de certos indivíduos que foram e ainda são importantes para a história de determinados grupos ou sociedades, procurando reconstituir o interior desses personagens, a partir de seus desejos, anseios e sentimentos.

Sobre as autobiografias, Piovesan salienta:

A questão da escrita de si (autobiografia) permeia o campo da memória. A formulação de textos sobre a própria trajetória de vida se faz através do recurso da memória, resultado da lembrança que se transforma em linguagem, adicionada à imaginação e ao olhar particular sobre aquilo que se passou, recriando situações a partir do ponto que se fala, do presente que se escreve e se lembra. (2007, p.3).

Com os escritos de Piovesan (2007), é possível perceber que as autobiografias servem como repositórios de memória do próprio autor que escreve sobre si, de maneira que o autor dá o seu olhar particular em relação a suas ações e acontecimentos que norteiam sua trajetória de vida. Nesse aspecto, voltando aos escritos de Vargas, nos quais o autor escreve acerca de si mesmo e sobre acontecimentos de seu cotidiano, nota-se que não há muitos detalhes sobre sua vida pessoal, pois faz apenas poucos comentários em relação aos seus sentimentos, família e cotidiano, dando mais ênfase aos seus trabalhos no governo. Nesse sentido, ao ler os diários de Vargas, talvez não seja possível decifrar sua história de

vida e suas memórias como homem, apenas como político — e, é claro, sob o ponto de vista dele mesmo.

Ademais, quando se decide trabalhar com a biografia, é preciso considerar o significado e a importância que esse gênero pode trazer para o trabalho. Essa postura pode ser verificada por meio das palavras de Schmidt:

Uma das primeiras perguntas que deve ser feita pelo historiador interessado em realizar uma biografia é: por que vale à pena biografar esse indivíduo? Ou, melhor ainda: que dimensões do passado são possíveis de conhecer pesquisando a trajetória de determinado personagem? Deseja-se com isso dizer que uma biografia não se justifica por si só, mas pelo que ela pode contribuir para o avanço das discussões próprias ao conhecimento histórico. As respostas a tais questões podem ser bastante variadas. Por vezes, a importância da atuação do indivíduo biografado em determinado contexto parece legitimar a investigação sobre sua vida, já que, sem a compreensão de suas experiências, seria impossível compreender/explicar certos processos e acontecimentos (2012, p.195).

Assegurando-se em Schmidt (2012), pode-se afirmar que o uso da biografia supõe contar a história de vida de alguém, dando importância aos aspectos mais relevantes. Por sua vez, conhecer a biografia de uma determinada pessoa permite não apenas saber mais de sua vida, mas também do tempo em que viveu. Então, a partir da análise de biografias, é possível compreender o pensamento e o contexto de toda uma época, e também os fatos que serviram de alicerce para certos acontecimentos e ações que ocorreram ao longo da vida de determinados personagens e sociedades. Neste caso, é o que se pretende investigar a seguir, ao fazer a breve biografia de Getúlio Vargas.

Getúlio Dornelles Vargas, assim foi chamado o menino franzino e frágil, filho do coronel Manuel do Nascimento Vargas e Cândida Dornelles Vargas, carinhosamente apelidado de “Getulinho”. Nasceu na cidade de São Borja (RS), no dia 19 de abril de 1882. Anos mais tarde, mais especificamente no centenário de seu nascimento, teria sido comprovado que o próprio havia alterado o ano de seu nascimento para 1883. Durante as comemorações do centenário, a igreja onde havia sido registrado entregou sua certidão assinada com o ano de 1882, enquanto que todos os seus outros documentos oficiais marcavam a data do ano posterior, pois, durante a realização de exames preparatórios para o ingresso no curso de Direito na faculdade de Porto Alegre, Vargas teria entregado uma certidão militar que comprovava o ano de nascimento como 1883. O fato é que até hoje não se sabe os reais motivos para essa alteração.

Vargas veio de uma família influente politicamente em São Borja, tendo grandes envolvimento em questões políticas e militares do Rio Grande do Sul. Getúlio dividia a atenção dos pais com mais quatro irmãos: Viriato, Protásio, Spartacus<sup>11</sup> e Benjamim, sendo ele o mais calado entre todos.

Getúlio completou seus estudos primários na cidade de São Borja, e então, em 1897, foi enviado para a cidade mineira de Ouro Preto, onde já se encontravam seus dois irmãos mais velhos, Viriato e Protásio, com o intuito de ingressar nos estudos preparatórios do curso secundário. No entanto, pouco tempo depois de seu ingresso, Vargas, juntamente com seus irmãos, envolveu-se em um conflito gerado por rivalidades entre estudantes gaúchos e paulistas, tendo como resultado a morte de um estudante paulista. Esse fato motivou o retorno dos irmãos Vargas para a cidade de São Borja.

No ano de 1898, Vargas decidiu “abraçar” a carreira militar, alistando-se no ano seguinte no 6º Batalhão de Infantaria de São Borja, onde foi promovido a segundo-sargento. Todavia, com o objetivo maior de se tornar oficial do Exército, matriculou-se em 1900 na Escola Preparatória e Tática de Rio Pardo, solicitando seu próprio desligamento dois anos mais tarde em solidariedade a alguns colegas que haviam sido expulsos em razão de um incidente disciplinar. Seu desligamento da escola forçou-o a voltar a integrar as fileiras do exército, sendo enviado para Porto Alegre, ao 25º Batalhão de Infantaria.

Decidido a deixar o exército, Vargas acabou por se matricular na Faculdade de Direito de Porto Alegre. Porém, no início de 1903, pouco antes de seu desligamento da carreira militar, o Brasil passou por momentos tensos em sua relação diplomática com a Bolívia, devido a disputas pelo território do Acre, pelo qual o país boliviano exigia a soberania, que não era reconhecida pelos habitantes da província. Com medo de investidas, o governo solicitou que as guarnições militares sediadas ao longo da fronteira com a Bolívia fossem reforçadas. Para isso, foi solicitado que se enviasse o 25º Batalhão para lá, e, nessa ocasião, Getúlio, que se encontrava no posto de sargento, teve de acompanhar seu batalhão. As tensões só tiveram fim quando, em novembro de 1903, foi firmado o Tratado de Petrópolis entre Brasil e Bolívia, por intermédio da diplomacia e iniciativa do Barão do Rio Branco, então Ministro das Relações Exteriores.

---

<sup>11</sup> O nome Spartacus é mencionado em algumas obras também como Espártaco.

Regressando a Porto Alegre, Vargas desligou-se da vida militar e ingressou definitivamente no curso de Direito. Nesse momento, já morando em Porto Alegre, Getúlio começou a firmar amizades que mais tarde lhe seriam de grande ajuda no seu ingresso à carreira política. Em seus estudos, demonstrou grande apreço por literatura, destacando-se por seus escritos e sua fala. Sobre esse aspecto, pode-se afirmar que Vargas continuou se destacando por esses atributos anos mais tarde, durante todos os anos de seu governo.

No início da vida adulta, Vargas passou a demonstrar forte tendência ao castilhismo<sup>12</sup>, e, em 1907, agora já formado em Direito, passou a manifestar cada vez mais sua afeição pela vida política. Foi então que resolveu ingressar na política partidária republicana. Ainda em 1907, houve uma grande campanha em prol do domínio do Partido Republicano Riograndense (PRR)<sup>13</sup>, lançando-se a candidatura de Carlos Barbosa Gonçalves à presidência do estado. Borges de Medeiros<sup>14</sup>, o então governador, havia decidido não concorrer novamente naquele ano. Vargas, juntamente com alguns amigos, fundaram o Bloco Acadêmico Castilhista, em apoio ao candidato do PRR. A participação de Vargas em apoio a essa candidatura e todo o seu comprometimento e poder de discurso não passaram despercebidos por Borges de Medeiros, que, além de presidente do estado, também era o chefe do PRR, sobre o qual tinha grande poder e influência política. Dessa forma, sabendo da formação em Direito de Vargas, acabou nomeando-o como segundo promotor público do Tribunal de Porto Alegre.

No ano de 1909, Vargas deu início a sua longa trajetória política, sendo eleito para a Assembleia dos Representantes, pela legenda do PRR, como deputado estadual, ao mesmo tempo em que exercia a função de advogado em São Borja. Já em 1911, Vargas casou-se com a jovem Darcy Sarmanho, com quem futuramente viria a ter cinco filhos: Lutero, Jandira, Alzira, Manuel Antônio e Getúlio.

Encerrando suas atividades como deputado em 1913, foi eleito novamente em 1917. A partir de então, passou a desempenhar na Assembleia a função de líder

---

<sup>12</sup> Castilhismo foi o nome dado à corrente política que tinha como referência Júlio de Castilhos, com tendências positivistas e forte cunho conservador; ao mesmo tempo, apostava na modernização econômica, tendo a burguesia industrial e urbana como bases de apoio. O castilhismo surgiu em 1882, com a fundação do Partido Republicano Riograndense (PRR).

<sup>13</sup> Fundado em 1882, o PRR foi um partido adepto ao regime republicano, sendo coordenado e organizado por Júlio de Castilhos e Joaquim Francisco de Assis Brasil, seus primeiros grandes líderes. Tinha como programa a busca por um governo republicano e federalista.

<sup>14</sup> Borges de Medeiros foi advogado e político revolucionário brasileiro, sendo presidente do estado do Rio Grande do Sul num total de 25 anos durante a República Velha.

do PRR, sendo reeleito para o cargo de deputado novamente nos anos de 1921 e 1924. Exercendo cada vez mais sua influência, ampliando suas relações com parlamentares de outros estados e fortalecendo amizades que lhe seriam de grande importância futuramente, Vargas já estava plantando os frutos que iria colher mais tarde.

Em 1926, foi nomeado ao cargo de Ministro da Fazenda pelo presidente recém-eleito, Washington Luís. Inicialmente, Vargas hesitou em aceitar o cargo, pois acreditava que não tinha muito conhecimento em finanças. Contudo, foi aconselhado por Borges de Medeiros a aceitar, ficando pouco mais de um ano no cargo.

No ano de 1927, Vargas foi indicado por Borges de Medeiros como candidato à presidência do estado<sup>15</sup>, juntamente com João Neves, indicado como vice. Devido à sua tendência ao liberalismo<sup>16</sup>, Vargas passou a representar a esperança de um governo mais liberal, tendo, desse modo, o apoio de muitos políticos. Foi eleito em novembro de 1928 como presidente do Rio Grande do Sul, sem nem ao menos ter feito campanha. Seria esse o pontapé inicial na construção da imagem de Vargas?

Como presidente do estado, Vargas foi “[...] uma figura representativa da ascensão política de uma geração política, a de 1907, que marcou o fim da era Borges e a introdução de novos pressupostos políticos e econômicos na gerência do Estado” (ABREU, 1996, p. 15). Em seu governo, acabou por assumir certa autonomia, destacando-se por suas realizações nos aspectos econômicos e políticos, nos quais obteve grande êxito. Na economia, implantou uma série de medidas em favor da pecuária e da lavoura, fundou o Banco do Rio Grande do Sul, conseguiu importantes concessões econômicas do governo federal, entre outras medidas.

Na política, fomentou um acordo com a oposição, dando-lhe muitas garantias políticas, como ter mandado incluir membros do Partido Libertador (PL)<sup>17</sup> na administração do governo. Todos os esforços conciliadores do então presidente obtiveram sucesso, e, assim, Vargas conseguiu aos poucos ir unificando o Rio Grande do Sul, que, desde 1893, vivia uma guerra civil, dividindo os cidadãos entre dois partidos, o PRR e o Partido Federalista. Em torno do PRR, estavam

---

<sup>15</sup> Cargo que na época se referia ao governador do estado.

<sup>16</sup> Doutrina que prega a liberdade política e econômica.

<sup>17</sup> Partido Libertador (PL), defendia o sistema parlamentarista de governo e o federalismo. O Partido foi fundado em 1928 por políticos do antigo Partido Federalista do Rio Grande do Sul. Sendo adversário do PRR, alguns anos mais tarde veio a participar da Frente única Gaúcha em coligação com o PRR, lançando Vargas como candidato a presidência do país em 1930.

organizados os pica-paus ou republicanos, os quais tinham como principal líder Júlio de Castilhos. Os republicanos defendiam a centralização do poder do Estado e uma modernização mais conservadora. Por sua vez, os federalistas, também conhecidos como maragatos, foram liderados por Silveira Martins e defendiam a descentralização do Estado, pois não aceitavam a intervenção deste na economia. Getúlio, entretanto, conseguiu atenuar as dimensões desse conflito, porque, como “bom político”, sabia respeitar os pontos de vista dos dois partidos.

Ao analisar essa conjuntura, é possível afirmar que Vargas estaria preparando o terreno e dando o pontapé inicial para, quem sabe, uma futura aliança para que um político gaúcho pudesse ter chances de se tornar o presidente do país?

De fato, com a política de conciliação, Getúlio construía as bases para uma grande aliança estadual, algo decisivo para as pretensões de uma candidatura rio-grandense ao Catete. Somente com o estado marchando unido em torno de um mesmo nome haveria alguma mínima chance de êxito (NETO, 2012, p. 286).

Estava começando ali uma nova empreitada, com novos capítulos para a história do povo Brasileiro.

## 2.2.2 “O homem certo no lugar certo”

Entre os anos 1920 e 1930, o Brasil atravessava um período denominado “República das Oligarquias”<sup>18</sup>, que compreendia uma fase de grandes tensões geradas pelo sistema político da época, quando o poder do governo se encontrava nas mãos de poucas pessoas. É necessário ressaltar, também, que, nesse momento, a política brasileira estava fundamentada na Constituição de 1891<sup>19</sup>.

A República das Oligarquias na década de 1920 foi marcada pela política dos

---

<sup>18</sup> O período da República das Oligarquias compreende os anos 1894 a 1930. Naquele momento, houve a predominância das oligarquias na política brasileira. Faziam parte das oligarquias os homens ricos e poderosos, fazendeiros e proprietários rurais pertencentes principalmente da região sudeste do Brasil.

<sup>19</sup> A Constituição de 1891 foi a primeira constituição republicana do país. Moldada em partes pelo positivismo, essa Constituição estabeleceu as principais competências que caberiam ao Estado brasileiro, que a partir de então adotaria um modelo presidencialista e federativo, o voto direto e aberto para os representantes do executivo e legislativo, a separação entre Estado e Igreja, o fim das instituições monárquicas e a independência dos três poderes.

governantes mediante troca de favores<sup>20</sup>, pelo coronelismo<sup>21</sup>, pela política do café com leite<sup>22</sup>. Segundo Wichinheski (2014), durante esse período o governo central foi comandado intercaladamente por paulistas e mineiros, os quais tinham o direito de interferir na escolha dos presidentes, propiciando a si próprios um grande poder político e econômico. Esse fato ocorreu, pois, tanto os paulistas quanto os mineiros faziam parte das principais oligarquias da época. Os paulistas tinham forte interesse em controlar a política econômica, com o intuito de se beneficiarem no setor cafeeiro, ao passo que os mineiros tinham interesse na máquina política como um todo, o que possibilitaria melhor controle sobre todos os setores e atividades do Estado. Toda essa situação não era bem vista por parte dos outros estados, já que estes também desejavam se inserir nas tomadas de decisões políticas.

Como se não bastassem todas as tensões geradas por essa “política para poucos”, esse período também foi marcado pelas fraudes eleitorais, visto que, naquela época, o voto era aberto, facilitando a manipulação dos políticos sobre os eleitores e também a compra de votos. Ainda na década de 1920, o país foi palco de um movimento que ficou conhecido como o tenentismo<sup>23</sup>, que “[...] buscou, durante boa parte da década de 1920, pela via armada, mudanças no sistema eleitoral e na forma de concepção do Estado, que estava nas mãos de uma elite” (WICHINHESKI, 2014, p. 14).

Conforme salientam Barros e Faria (1997), no movimento Tenentista encontrava-se uma grande parcela da juventude militar, que, em conjunto com setores civis urbanos, estariam unidos para contestar as oligarquias. Embora não trouxesse um programa ou uma proposta ideologicamente clara, o movimento trazia em si um grito de esperança e votos de renovação política para todos os que se encontravam descontentes com a situação política daquela época.

---

<sup>20</sup> Troca de favores políticos entre presidente da República e governadores para a manutenção do poder e garantia de governabilidade.

<sup>21</sup> Poder político e econômico centrado nas mãos de coronéis (grandes latifundiários, que usavam o voto de cabresto, violências e fraudes para obter vantagens eleitorais para si e para seus candidatos).

<sup>22</sup> A Política do café com leite foi marcada pela alternância na presidência da República entre políticos paulistas e mineiros. Este ato político teria recebido esse nome pois, na época, o café era o principal produto de São Paulo, sendo o leite o principal produto dos mineiros.

<sup>23</sup> O tenentismo foi um movimento social de caráter político-militar ocorrido no Brasil entre 1920 e 1930, tendo a participação dos jovens tenentes do exército, que por sua vez, contestava a ação política dos governos representantes das oligarquias cafeeiras e do coronelismo, defendendo a reforma política e social do país.

Todas essas ações políticas ocorridas entre os anos 1920 e 1930, e também a crise econômica mundial de 1929<sup>24</sup>, acabaram por agravar ainda mais a instabilidade do país. Nesse período, o Brasil foi palco de inúmeras tensões, revoltas e movimentos sociais contra os métodos políticos da época, que revelavam o conservadorismo extremo e a falta de democracia.

Na década de 1920, a sociedade brasileira viveu um período de grande efervescência e profundas transformações. Mergulhado numa crise cujos sintomas se manifestaram nos mais variados planos, o país experimentou uma fase de transição cujas rupturas mais drásticas se concretizaram a partir do movimento de 1930 (FERREIRA; PINTO, 2006, p. 389).

As autoras Ferreira e Pinto (2006) ainda mencionam que a instabilidade política, somada a todos os acontecimentos da época, iriam colocar em questão os padrões culturais e políticos da Primeira República<sup>25</sup>. Desse modo, a vontade da maior parcela da população era encontrar um político astuto e habilidoso, que fosse capaz de renovar a política brasileira e “colocar o país nos eixos”. Seria Getúlio Vargas esse político? O homem que iria derrubar as oligarquias e conciliar o país há tempos dividido por disputas partidárias?

Ao ingressar na vida política, Vargas já tinha conquistado o apreço de personalidades de grande influência no estado e no país. Desde jovem, o futuro presidente já deixava clara sua postura diante de questões políticas, revelando-se um político perspicaz, astuto e com forte inclinação conciliatória. Obteve grande êxito no que se refere a conquistar o respeito, o carisma e a simpatia dos mais diversos grupos sociais. Uma de suas principais facetas era estar no lugar certo, na hora certa, tendo presença ativa em assuntos de importância e que estivessem ligados aos rumos da nação.

Ao longo do governo de Vargas no Rio Grande do Sul, seus feitos foram criando traços que deixam indícios da construção de sua imagem, como conceder regalias e pôr em prática medidas que há muito tempo eram sonhadas pela população. Isso fez com que o povo gaúcho passasse a acreditar que Vargas era

---

<sup>24</sup> A Crise de 1929, ou a Grande Depressão, como ficou conhecida. Foi considerada como o período de maior recessão econômica mundial, tendo como consequências, elevadas taxas de desemprego, diminuição de produção comercial de diversos países, prejudicando as atividades econômicas de muitos países.

<sup>25</sup> A Primeira República teve início com a Proclamação da República em 15 de novembro de 1889, que trouxe consigo o fim da monarquia e o início do regime de governo presidencialista. Esse período também ficou conhecido como República Velha e chegou ao fim em 1930.

realmente o homem certo para transformar a política brasileira, já há muito tempo defasada. Nesse contexto, segundo Abreu, “[...] Getúlio era o homem certo para o lugar certo” (1996, p. 54).

Durante o seu governo, Vargas foi conquistando espaço, sendo apontado, inúmeras vezes, como a “esperança” para a nação, que até então passava por momentos de rupturas e tensões. Era visto, portanto, como alguém capaz de trazer novos rumos para a nação, inspirando votos de uma mudança necessária.

Além disso, “[...] Vargas representa a ação contra uma velha e corroída ordem, que precisava ser transformada. Era visto como o líder e o condutor desse processo de ruptura e de mudanças no contexto gaúcho e brasileiro” (ABREU, 1996, p. 15).

Ao se pensar em Vargas como candidato à presidência, acreditava-se que, de certa maneira, ele fosse capaz de romper a hegemonia das oligarquias, implantando novos princípios políticos. Nessa perspectiva, pode-se perceber que, pouco a pouco, foi se iniciando a construção de um novo político, que pudesse ser capaz de atender a todas as expectativas da “massa”, e também das pessoas de maior influência na sociedade e na política. Como já era de se esperar, juntamente com essa construção do Vargas político, estaria se iniciando também a construção de sua imagem, como se pode constatar,

Entre os anos de 1928 e 1930, o processo de construção do mito Vargas ganha força, pois suas ações passam a ter maior repercussão na vida política do Estado e do país. Getúlio é visto, no período, como uma esperança concreta de mudança nas práticas políticas gaúchas e também brasileiras, em oposição às oligarquias então dominantes (ABREU, 1996, p. 23).

Nessa época, começou a se articular todo um aparato em torno da imagem de Getúlio Vargas, com ajuda principalmente da imprensa, com o jornal *A Federação*<sup>26</sup>. Isso pode ser verificado em Abreu (1996, p. 67): “As notícias que circulavam diariamente no jornal *A Federação*, enaltecendo a figura de Vargas e procurando dar um caráter de unanimidade ao seu nome, contribuíram sobremaneira para o processo de construção”.

Cabe destacar que o jornal *A Federação* servia como disseminador dos ideais republicanos. Durante o período pré-1930, o principal redator e posteriormente

---

<sup>26</sup> O Jornal “*A Federação*”, foi o principal órgão do PRR, criado em 1883 o jornal tinha como principal finalidade, disseminar e defender os ideais republicanos.

diretor do jornal foi João Carlos Machado, que também foi um dos elementos mais atuantes entre as lideranças do PRR. Sabe-se que, em 1929, com a formação da Aliança Liberal entre Minas Gerais e Rio Grande do Sul, os membros da aliança eram contra a candidatura do paulista Júlio Prestes, e a favor do lançamento da candidatura de um gaúcho para a presidência da República (que acabou sendo Getúlio Vargas).

Por meio desse pacto entre Minas e Rio Grande do Sul, intensificou-se a campanha da Aliança Liberal e a propaganda em torno do candidato gaúcho. Assim, João Carlos Machado, que era apoiador dessa candidatura e também um dos principais redatores do jornal, utilizou-se do veículo midiático para fazer campanha e posteriormente para elogiar o governo Vargas. Trabalhou para divulgar e propagar a imagem do presidente entre a população, vangloriando os feitos dele e compartilhando seus discursos e falas.

Nessa linha, convém ressaltar a fala de Abreu (1996), na qual o autor afirma que, até aquele momento, a imagem de Vargas já estava consolidada a nível regional, sendo assim, o próximo passo seria o nacional. Vargas deveria apostar em algo maior, que lhe desse maior visibilidade, porquanto precisava ser visto e reconhecido. Sua grande oportunidade chegou no início de 1929, quando o então presidente Washington Luís, que era paulista e que deveria indicar um candidato mineiro, resolveu quebrar a política do café com leite, indicando Júlio Prestes, também paulista, para sua sucessão. Esse ato acabou por provocar, segundo Fausto (2010), uma cisão entre as elites dos grandes estados, que teve, como consequência, um acordo entre gaúchos e mineiros, formando a Aliança Liberal.

A Aliança Liberal tinha como

[...] sua base de sustentação o situacionismo de Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraíba e mais alguns grupos de oposição ao governo federal, vários estados, tais como o Partido Democrático (PD)<sup>27</sup>, criado em 1926 em São Paulo e facções civis e militares descontentes (FERREIRA; PINTO, 2006, p. 404).

Com a formação da Aliança Liberal, iniciou-se a busca por um candidato à

---

<sup>27</sup> O Partido Democrático (PD) se diferenciava do Partido Republicano Paulista (PRP) pelo seu liberalismo, repudiado na prática pelo PRP e pela maior juventude relativa de seus integrantes. Defensor de reformas políticas, da “vocação agrária do país” e sem defender uma política industrialista, em suas linhas militavam tanto setores da burguesia urbana e profissionais liberais quanto representantes das oligarquias cafeeiras descontentes com seus representantes políticos. Ver Forjaz (1978).

presidência que fosse forte e capaz de impor certo medo em Washington Luís, para que este desistisse da ideia de lançar Júlio Prestes como seu sucessor. Foi então que surgiu o nome de Getúlio Vargas, que, graças à sua fama de conciliador, possuía todas as características que se buscava para o novo candidato, como se observa em Abreu:

Getúlio Vargas, em termos regionais, como temos visto, era tido como um político conciliador e empreendedor. Ele havia sido capaz de reunir, em um mesmo congresso, governistas e oposicionistas. Várias conquistas haviam sido obtidas em seu curto mandato presidencial, o que lhe conferia legitimidade junto à sociedade gaúcha. Em termos nacionais, o nome de Vargas conquistara o respeito de importantes políticos, inclusive do próprio Presidente da República. (1996, p. 92).

Desse modo, começou uma articulação dentro da Aliança Liberal entre os representantes gaúchos e mineiros, para o lançamento da candidatura de Vargas para a presidência. Para a vice-presidência, foi indicado o paraibano João Pessoa. Juntamente com a Aliança Liberal, houve também, segundo Fausto (2010), maior aproximação entre os partidos gaúchos, processo que já havia sido estimulado por Vargas, e que veio a se fortalecer ainda mais com os acontecimentos de 1929-1930. Nesse ínterim, a coligação entre o PRR e o PL foi denominada como Frente Única Rio-Grandense, tendo início em agosto de 1929, com o intuito de apoiar a candidatura do político gaúcho. Conforme salienta Abreu (1996), a formação da Frente Única Gaúcha acabou por introduzir Vargas à presidência da república.

As eleições se realizaram em março de 1930 e a vitória coube a Júlio Prestes, que recebeu cerca de um milhão de votos, contra 737 mil dados a Getúlio Vargas. O resultado das eleições foi aceito pela Aliança Liberal, entretanto, segundo Fausto (2010), o fato não foi bem aceito entre os quadros mais jovens da oposição. Isso colaborou para que houvesse maior aproximação entre esses políticos mais jovens, tenentes civis e militares rebeldes, dando início a uma conspiração revolucionária que pretendia derrubar o presidente. Os revolucionários acabaram por organizar um conflito armado com o propósito de assumir o poder: “Oswaldo Aranha<sup>28</sup>, Carlos Lima Cavalcanti<sup>29</sup> e João Neves da Fontoura, políticos civis, foram chamados de tenentes

---

<sup>28</sup> “Oswaldo Euclides de Souza Aranha (RS, 1894-1960): Secretário do Interior e Justiça do RS (1928-1930); um dos principais articuladores da Revolução de 1930; Presidente Interino do RS (1930); Ministro da Justiça (1930-31); Ministro da Fazenda (1931-34)” (VARGAS, 1995, v. 2, p. 507).

<sup>29</sup> “Carlos de Lima Cavalcanti (PE, 1892-1967): líder civil da Revolução de 1930 em Pernambuco; governador provisório PE (1930); Interventor PE (1930-35)” (VARGAS, 1995, v. 2, p. 525).

civis por compactuarem com as propostas dos tenentes”. (WICHINHESKI, 2014, p.17). A esse respeito:

A principal ideia da Revolução de 1930 era que se necessitava de uma profunda mudança, passando de uma política oligárquica para uma que atendesse aos anseios de uma ampla parcela da sociedade, com um governo distante de pactos políticos e agindo de forma técnica. Isso levaria à postergação do retorno da democracia e da abertura do Congresso Nacional e das assembleias estaduais (WICHINHESKI, 2014, p. 7).

Nessa época, as tensões políticas e militares começaram a ferver, até que, em 26 de julho de 1930, João Pessoa foi assassinado por motivos pessoais e políticos. A morte de João Pessoa provocou uma intensa revolta popular e foi, segundo Fausto (2010, p. 180), explorada politicamente, pois, com o ocorrido, demais integrantes da Aliança Liberal aderiram ao movimento armado, como Borges de Medeiros<sup>30</sup> e Arthur Bernardes, e também Getúlio Vargas. Este, no entanto, como salienta Fausto (2006, p. 39), tratava de dissimular seu envolvimento, assumindo pela primeira vez a perspectiva de uma ruptura dentro da ordem estabelecida.

Como se pode verificar em Fausto (2010, p. 180), a articulação revolucionária passou a ganhar força com o apoio das Forças Armadas, por intermédio do então tenente-coronel Góis Monteiro. Este havia conhecido Vargas e também outros políticos gaúchos ainda no ano de 1906, quando cursava a Escola Militar, e para os quais prestara ajuda e colaboração em questões internas do estado.

Com seus princípios bem definidos, teve início o processo revolucionário de 1930, que acabou por estourar em Minas Gerais em 3 de outubro de 1930, alastrando-se por vários estados do Nordeste, onde, apesar das resistências, os revolucionários saíram vitoriosos.

Em 24 de Outubro, os generais Tasso Fragoso, Mena Barreto e Leite de Castro e o almirante Isaías Noronha depuseram o então presidente Washington Luís, no Rio de Janeiro, e constituíram uma Junta Provisória de Governo. Essa junta tentou permanecer no poder, mas a pressão das forças revolucionárias vindas do Sul e das manifestações populares obrigaram-na a entregar o governo do país a Getúlio Vargas, empossado na Presidência da República em novembro de 1930 (FERREIRA; PINTO, 2006, p. 407).

Em sua posse, Vargas teve total apoio dos gaúchos, como podemos observar

---

<sup>30</sup> “Antônio Augusto Borges de Medeiros (RS, 1863-1961). Líder do PRR. Cinco vezes governador do Rio Grande do Sul. Revolucionário de 1930 e de 1932. Preso (1932-1933)” (VARGAS, 1995, v. 2, p. 570).

em Fausto:

Getúlio Vargas deslocou-se de trem para São Paulo e daí seguiu para o Rio, onde chegou precedido por 3 mil soldados gaúchos. O homem que, no comando da nação, iria insistir no tema da unidade nacional, fez questão de fazer transparecer, naquele momento, seus traços regionais. [...] O simbolismo do triunfo regional se completou quando os gaúchos foram amarrar seus cavalos em um obelisco existente na Avenida Rio Branco. A posse de Getúlio Vargas na Presidência, a 3 de novembro de 1930, marcou o fim da Primeira República e o início de novos tempos (2010, p. 181).

De fato, a Revolução de 1930 representou o início de uma nova fase na vida política de Vargas e no processo de construção de sua imagem. A figura de líder político já se verificava desde então: “Vitoriosos, os revolucionários, em discurso próprio formulado, apresentam-se como regeneradores da política e da República brasileira, e têm em Vargas o grande líder e mentor” (ABREU, 1996, p. 113). Destarte, Vargas foi visto como o político que veio para derrubar as velhas e defasadas estruturas políticas e a hegemonia das oligarquias. Começava aí sua marcante passagem na política brasileira, que, por consequência, passou a dar maior visibilidade e credibilidade à imagem do presidente que se pretendia transmitir.

Nesse contexto, ao falar em construção da imagem, é preciso destacar a partir de quando se deu esse processo. Ao longo deste capítulo, adentrou-se na trajetória política de Vargas, e, com isso, foi possível levantar indícios de que essa construção esteve presente durante todo o processo que antecedeu sua entrada no poder. Porém, Gomes (2004) argumenta que a construção da imagem de Vargas teria iniciado com a Revolução de 1930:

Ela certamente começou com a Revolução de 1930. Nesse momento, Vargas era apenas um de um conjunto líderes, embora fosse aquele que iria assumir a chefia do Estado. Pode-se então verificar que a figura de Vargas começa a ser trabalhada como exemplo de presidente quando ele ainda é o chefe do Governo Provisório (1930-1934) e, a seguir, o presidente constitucional do país (1934-1937).

Por sua vez, Abreu (1996) afirma que foi entre os anos finais da década de 1920 que o processo de construção da imagem foi obtendo maior força, pois foi a partir de então que suas ações passaram a ter mais destaque na vida política do estado e do país. Ainda segundo o autor, em 1930 a imagem de Vargas já estaria consolidada em nível regional. Abreu também afirma que:

A revolução de 30 é, certamente, um momento crucial no processo de construção de Vargas. Quando não havia mais possibilidades de conciliação política, ante a intransigência do governo federal, Getúlio Vargas foi guiado a líder revolucionário, aquele que veio para dar ao Brasil as liberdades há muito clamadas (1996, p. 111).

Com a Revolução ou Golpe de 1930 (como também é chamado), Vargas deu início ao Governo Provisório<sup>31</sup>, que se estenderia até o ano de 1934. Porém, o ano de 1930 não foi somente o marco inicial de seu governo, foi também o marco inicial dos seus escritos em seus diários. Sobre isso, Fausto (2006, p. 39) diz que “Não foi por acaso que 3 de outubro, início da revolução, foi também a data inicial de um diário que se prolongaria até o fim de 1941”. O próprio Getúlio escreveu, em 3 de outubro de 1930, poucos minutos antes da eclosão da revolução:

Não terei depois uma grande decepção? Como se tornar revolucionário um governo cuja função é manter a ordem? E se perdermos? Eu serei depois apontado como o responsável, por despeito, por ambição, quem sabe? Sinto que só o sacrifício da vida poderá resgatar o erro de um fracasso (VARGAS, 1995, p. 5).

Com essas palavras, Vargas demonstrava certo ar de preocupação com a Revolução de 1930, parecendo estar indeciso quanto ao rumo que deve seguir. Ao ler essas palavras, pode-se refletir: Vargas tinha intenção de se tornar presidente por meio de um golpe? Qual foi sua intenção ao escrever nesse diário? Qual sua intenção ao escrever as palavras citadas acima? Seria essa apenas mais uma ferramenta que viria fortalecer a construção de sua imagem ou da imagem que pretendia passar de si? Com efeito, é impossível obter respostas concretas em relação a essas reflexões, visto que se está a falar de Getúlio Vargas! A única certeza que se pode ter é que a construção da imagem de Vargas foi um projeto arquitetado e centrado em torno de sua própria pessoa, tendo início com seu ingresso na vida política.

---

<sup>31</sup> Governo Provisório é a denominação do período entre 03 de novembro de 1930, quando Getúlio Vargas assumiu a presidência da República, e a sua eleição de forma indireta em julho de 1934, resultante da Constituição do mesmo ano. Ver Wichinheski 2014.

### 3 A TRAJETÓRIA DE VARGAS NAS DÉCADAS DE 1930 E 1940

Após a breve contextualização feita no capítulo anterior, foi possível identificar o início da construção da imagem de Getúlio Vargas. Ao mesmo tempo, pode-se constatar que os meios de comunicação são capazes de difundir imagens e, assim, construir certos personagens — o que, por sua vez, só será possível com o auxílio das representações e do imaginário de determinadas sociedades.

Ao falar sobre a construção da imagem de Vargas, é impossível não falar sobre o período mais polêmico dos seus 18 anos frente à presidência<sup>32</sup>. Afinal, durante o Estado Novo, a imagem do ex-presidente foi intensamente divulgada e propagada pela mídia. Sendo assim, compreendendo a importância do período em questão, neste capítulo busca-se analisar os antecedentes do golpe de 1937, o contexto do período do Estado Novo e algumas ações de Vargas na política e na sociedade, as quais marcaram não só a sua própria história, mas também a de todo o povo brasileiro. Além disso, busca-se compreender como a imagem de Getúlio Vargas foi difundida pela mídia durante aquele período.

#### 3.1 Antecedentes do golpe de 1937

Getúlio Vargas esteve na presidência por 15 anos ininterruptos, entre 1930 e 1945, período que foi denominado de “Era Vargas”. Entre os anos em que Vargas esteve no poder, o período do Estado Novo foi o que mais se destacou. Por consequência, é o que mais gera especulações e discussões, sendo marcado por forte repressão e pela intensa propaganda em torno do presidente e da ideologia que este pregava.

Após a Revolução de 1930, teve início a Era Vargas, a qual abarcou o período do Governo Provisório (1930-1934), Governo Constitucional (1934-1937)<sup>33</sup> e o Estado Novo (1937-1945).

Durante o Governo Provisório, Vargas empreitou uma reorganização na vida política do país, tornando-se o reformulador do Estado Brasileiro. Deu início ao

---

<sup>32</sup> Vargas esteve na presidência do Brasil entre os anos 1930-1945 e 1951-1954.

<sup>33</sup> O Governo Constitucional compreende os anos de 1934 a 1937. Após o período do governo provisório, em 1934 Vargas assume definitivamente a presidência do Brasil, dando início ao Governo Constitucional, período no qual sancionou inúmeras leis, angariando inúmeros apoiadores e também opositores em relação ao seu mandato.

processo de centralização do poder, “tirando de campo” os órgãos legislativos (federal, estadual e municipal) e dando maior poder aos militares, que agora mantinham grande influência e participação no governo. Por seu turno, os militares ou tenentes passaram a receber os principais cargos dentro do governo. Com a eliminação dos órgãos legislativos, foram eles que passaram a assumir o controle dos estados como interventores. Essas primeiras ações de Vargas acabaram por criar um clima de tensão entre as velhas oligarquias e os militares: “Posta à margem do poder, a oposição, principalmente paulistas, mas também parte dos mineiros, gaúchos e outras forças secundárias, reage contra o que entende como autoritarismo de Vargas e passa a pressionar o governo” (WICHINHESKI, 2014, p. 23).

O presidente teve forte oposição em relação a suas ações centralizadoras em São Paulo, pois os paulistas, cujo estado, até a Revolução de 1930, tinha um dos maiores poderes políticos, passaram a perder seu domínio. Sendo assim, “[...] insatisfeitos com a política centralizadora de Vargas e com a lentidão das medidas que restaurariam o Estado de direito, os paulistas, em armas, exigiam o fim do regime ditatorial e maior autonomia para São Paulo” (PANDOLFI, 2003, p. 25).

A insatisfação paulista ganhou força, dando início a um movimento oposicionista contra o governo Vargas, que tinha como finalidade convocar a realização de eleições para a Assembleia Constituinte. Esse movimento, por sua vez, deu origem a um conflito armado que ficou conhecido como a Revolução Constituinte de 1932. Nesse embate, as forças oposicionistas saíram perdedoras, mas Vargas acabou empreendendo algumas mudanças no sistema político, porque:

O momento indicava que era necessária a ação do governo para a recondução à ordem legal. Não era mais possível governar sem atender às demandas do estado mais forte da federação, São Paulo, e das oposições de estados importantes: Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Vargas passou então a controlar o processo de constitucionalização (WICHINHESKI, 2014, p. 29).

Dessa maneira, Vargas acabou convocando a eleição para a Assembleia Constituinte, que ocorreu em 1933. No ano de 1934, foi promulgada a nova Constituição, que traria melhorias e mais esperança ao povo brasileiro em relação a seus direitos como cidadãos.

A Constituição de 1934<sup>34</sup> deu maiores poderes ao poder executivo, implantou medidas mais democráticas, criando leis relacionadas a saúde, educação e trabalho, iniciando as novas bases da legislação trabalhista. Ademais, sancionou o voto secreto e feminino, ampliando o direito à cidadania de uma maior parcela da população brasileira. E, mais uma vez, um ato que deveria ter servido para derrubar de vez o governo de Vargas (Revolução Constituinte de 1932), serviu, na verdade, como mais uma ferramenta para que o presidente articulasse uma nova maneira de se manter no poder. É claro que Vargas saberia se utilizar disso, de modo que a Constituição de 1934 lhe garantiu mais um mandato e lhe rendeu o título de primeiro presidente da República a estender o direito aos pobres. A esse respeito, Wichinheski argumenta que:

A Constituição de 1934 permitiu uma autonomia importante aos estados. Getúlio Vargas fez a leitura do contexto, visto que, sabendo que não poderia manter a política de Estado que seguia logo após a Revolução, soube conduzir e aglutinar novas lideranças políticas, garantindo sua eleição e permanência no governo (2014, p. 31).

Vargas tinha o apoio dos membros da Assembleia Constituinte, sendo eleito de forma indireta por seus integrantes. Em 1934, deu início ao Governo Constitucional, durante o qual a política brasileira foi inspirada pelos ideais fascistas, que vigoravam na Europa, e também por ideais democráticos. Nesse contexto, “À direita e à esquerda surgiram duas organizações políticas não-partidárias que tiveram abrangência nacional e se tornaram bastante expressivas” (PANDOLFI, 2003, p. 31).

Nesse período, o país viu a ascensão de dois principais movimentos políticos, a Ação Integralista Brasileira (AIB), liderada por Plínio Salgado, que defendia as ideias de políticas sociais totalitárias do fascismo e a formação de um governo centralizado, e a Aliança Nacional Libertadora (ANL), liderada por Carlos Prestes e composta por alguns comunistas brasileiros. Segundo Fausto (2006), a ANL defendia ideais democráticos e lutava contra o fascismo e o imperialismo.

A ANL foi ganhando força e mais aliados, aumentando, com isso, as tensões políticas do país, culminando em intensos conflitos entre comunistas e integralistas. Em 1935, membros da ANL, com intenção de comemorar o aniversário dos levantes tenentistas de 1922 e 1924, acabaram provocando inúmeras manifestações públicas

---

<sup>34</sup> A Constituição de 1934 substituiu a Constituição de 1891.

de comemoração, nas quais foi lido um manifesto escrito por Carlos Prestes, no qual ele se propunha a derrubada do governo. De acordo com Fausto, algumas palavras pronunciadas foram as seguintes: “Abaixo o fascismo! Abaixo o governo odioso de Vargas! Por um governo popular nacional revolucionário! Todo o poder à Aliança Nacional Libertadora!” (2006, p. 72).

A esse respeito, Fausto (2006) ainda comenta que o manifesto obteve grande repercussão, e Vargas, aproveitando-se do ocorrido e sabendo que a ANL demonstrara a iniciativa do comunismo em derrubá-lo, assegurou-se na Lei de Segurança Nacional<sup>35</sup>, ordenando o fechamento da ANL. Agora na ilegalidade, os membros da ANL já não podiam se manifestar publicamente, mas, em seu interior, os membros do Partido Comunista e os tenentes começaram articulações para um golpe que pretendia derrubar o governo, e que ficou conhecido como Intentona Comunista<sup>36</sup>. Ocorreram então levantes militares em nome da ANL em algumas partes do país, como em Natal (RN), Recife (PE) e Rio de Janeiro (RJ), porém o governo federal conseguiu conter todas as insurreições, passando a reprimir todos os grupos oposicionistas do país.

A partir desse episódio, Vargas decretou estado de sítio<sup>37</sup>, passando a perseguir e reprimir ainda mais seus oponentes, desarticulando de vez a ANL e o movimento comunista brasileiro. Então, “Desencadeou-se uma intensa repressão que abrangeu milhares de cidadãos, entre os quais estavam não só os comunistas como pessoas de ideias progressistas, na linguagem da época” (FAUSTO, 2006, p. 76). E assim, mais uma vez uma tentativa de golpe contra o governo de Vargas lhe serviu como instrumento para se manter novamente no poder. Ainda em 1937, o governo conseguiu dar sua “cartada final”, ao apresentar um documento que garantiria mais uma vez sua permanência no poder. O suposto documento recebeu o nome de Plano Cohen, o qual alegava a existência de uma conspiração comunista

---

<sup>35</sup> A Lei de Segurança Nacional foi promulgada em abril de 1934 e tinha como finalidade criar uma legislação especial para crimes contra a segurança do Estado, aplicando um regime rigoroso e definindo os crimes contra a ordem política e social.

<sup>36</sup> A Intentona Comunista também é conhecida como Revolta Vermelha de 35, ou como Levante Comunista. Ocorrida em novembro de 1935, foi uma tentativa de golpe contra o governo de Vargas, a qual foi liderada e organizada pelo Partido Comunista Brasileiro, em prol da ANL. Porém, a tentativa não deu certo e os oposicionistas de Vargas foram intensamente reprimidos.

<sup>37</sup> O ato de decretar ou entrar em estado de sítio consiste em uma medida provisória de proteção do Estado, quando se alega que este está sofrendo alguma ameaça que pudesse interferir no governo e no bom andamento da nação. Dessa forma, o estado de sítio é utilizado como um instrumento para que o presidente da República suspenda temporariamente os direitos dos cidadãos, de maneira que os Poderes Legislativo e Judiciário ficam submetidos ao Executivo, com a finalidade de manter a ordem.

que pretendia tomar o poder.

Aparentemente o plano era uma fantasia publicada em um boletim da Ação Integralista Brasileira, mostrando como seria uma insurreição comunista e como reagiriam os integralistas diante dela. A insurreição provocaria massacres, saques, depredações, desrespeito aos lares, incêndios de igrejas, etc. (FAUSTO, 2000, p. 363).

Mesmo não sendo um documento verdadeiro (o que foi provado alguns anos mais tarde), o governo Vargas utilizou-se dessa ferramenta, e “O fato é que de obra de ficção o documento foi transformado em realidade, passado das mãos dos integralistas à cúpula do Exército. A 30 de setembro, era transmitido pela *Hora do Brasil*<sup>38</sup> e publicado em parte nos jornais” (FAUSTO, 2000, p. 364).

Essa notícia acabou por causar um clima de tensão e apreensão entre a população brasileira. Vargas, por sua vez, começou a articular um novo golpe, e em conjunto com algumas lideranças nacionais que lhe haviam apoiado desde a revelação do Plano Cohen, solicitou o adiamento das eleições e o fechamento da Câmara e do Senado.

Com o apoio das principais lideranças nacionais, de militares e de grande parte da população, e também:

Aproveitando-se da comoção popular causada pelo fato e da instabilidade política gerada, Vargas instaurou, às 20 horas de terça-feira, 10 de novembro de 1937, o Estado Novo, com um pronunciamento transmitido nacionalmente no programa radiofônico “Hora do Brasil” (SANTOS; SANTOS, 2007, p. 3).

Sobre o ocorrido no dia 10 de novembro de 1937, pode-se averiguar a fala de Pandolfi que nos diz o seguinte:

---

<sup>38</sup> Desde 1931, com o Departamento Oficial de Publicidade, substituído em 1934 pelo Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), o governo já vinha implantando uma política de controle da informação transmitida pelo rádio e pela imprensa. Quando o DPDC se transformou no Departamento Nacional de Propaganda (DNP), em 1938, inaugurou-se o programa “Hora do Brasil”, transmitido diariamente por todas as estações de rádio, com duração de uma hora, visando à divulgação dos principais acontecimentos da vida nacional. A partir de 1939, a “Hora do Brasil” passou a ser feita pelo DIP, que tomou o lugar do DNP. O programa destinava-se a cumprir três finalidades: informativa, cultural e cívica. Além de informar detalhadamente sobre os atos do presidente da República e as realizações do Estado, “Hora do Brasil” incluía uma programação cultural que pretendia incentivar o gosto pela “boa música”, por meio da audição de autores considerados célebres. Ver CPDOC “Hora do Brasil”.

No dia 10 de novembro de 1937, o presidente Getúlio Vargas, que havia assumido o poder em 1930, reuniu o ministério e, diante dos microfones da Rádio Nacional, através do programa *A hora do Brasil*, apresentou ao país uma nova constituição. [...] Naquele momento, através de um golpe, tinha início o Estado Novo, um dos períodos mais repressivos e eficientes da história do Brasil (2003, p. 15).

Sendo assim, com a implantação do Estado Novo, Vargas anulou a Constituição de 1934 e dissolveu o Poder Legislativo, passando a governar com amplos poderes. Desse modo, teve início o período que é um grande marco na história política e social brasileira, marcado pelo autoritarismo e por transformações políticas, econômicas, sociais e culturais.

Ao analisar os primeiros anos de Vargas na presidência brasileira, pode-se notar que, mesmo sofrendo com os golpes de seus opositores, que queriam lhe tirar do poder, Vargas novamente conseguiu contornar a situação, tornando-se cada vez mais forte e destemido após cada ataque contra a sua pessoa. E, se os acontecimentos políticos e a propaganda em torno de Vargas no pré-1930 contribuíram para criar a imagem de salvador da pátria, principiando a construção de sua imagem, suas ações e manobras políticas que lhe mantiveram no poder em seus primeiros anos de governo foram o alicerce para a construção de sua imagem. No entanto, sua história política estava apenas começando, e a empreitada da construção de sua imagem iria dar uma guinada com o advento do Estado Novo.

### **3.2 As ações de Vargas na política nacional**

“Aquela noite Getúlio anunciou pelo rádio ao povo brasileiro que eles tinham uma nova Constituição, a qual ele denominou Estado Novo. O Brasil havia se tornado uma ditadura completa” (SKIDMORE, 1998, p. 162). Utilizando-se das palavras do historiador norte-americano Thomas Skidmore, passa-se a tratar do período do Estado Novo, ou Estado Getulista, como também é conhecido. Foi a primeira experiência ditatorial dentro da história política brasileira, iniciando em novembro de 1937 e estendendo-se até 1945.

Após o golpe de 1937, Vargas contou com o apoio das Forças Armadas. Nesse momento, uma de suas primeiras ações foi invalidar o Congresso Nacional, as Assembleias Legislativas Estaduais e as Câmaras Municipais, e, a partir de

então, os estados passaram a ser governados por interventores<sup>39</sup>, que seriam nomeados pelo próprio presidente. Desse modo, Vargas passou a exercer o poder máximo e soberano dentro do país. Isso pode ser confirmado por meio das palavras de Fausto:

A inclinação centralizadora, revelada desde os primeiros meses após a Revolução de 1930, realizou-se plenamente. Os estados passaram a ser governados por interventores, nomeados pelo governo central e escolhidos segundo diferentes critérios. Parentes de Vargas, militares, receberam a designação. De um modo geral, porém, nos maiores Estados algum setor de oligarquia regional foi contemplado. (2010, p. 201).

A primeira realização do Estado Novo, ou o ato que deu início ao Estado Novo, foi a nova Constituição de 1937, a qual também ficou conhecida como Constituição Polaca<sup>40</sup>, ou A Polaca. Inspirada na ideologia totalitária europeia, a nova Constituição legitimava o poder absoluto do líder do Estado, ao mesmo tempo em que reprimia inúmeros direitos humanos.

A Constituição de 1937 trouxe consigo inúmeros decretos que iriam mudar completamente a vida dos cidadãos brasileiros, pois ordenou o fechamento do poder Legislativo, decretou a eliminação do direito à greve, estabeleceu a reintrodução da pena de morte e a liberdade de ação da polícia especial, que, por sua vez, funcionava como o aparelho repressor do governo. Não obstante, por ser baseada em moldes autoritários, trouxe também as primeiras experiências de ditadura no país, bem como a veneração em torno do presidente da República, dando a este o respaldo legal para um governo autoritário e repressivo. Desse modo, ao ser anunciada a nova Constituição, “Os opositores mais proeminentes de Getúlio, como o ex-candidato Salles Oliveira, fugiram para o exílio, e o público silenciou enquanto a censura era estabelecida sobre a mídia e a política recebia amplos poderes” (SKIDMORE, 1998, p. 162).

Conforme se verifica em Fausto (2010), Vargas passou a governar um Estado total, onde o presidente, como autoridade máxima, teria todo o sistema político sob o seu controle e sob os cuidados de pessoas de sua confiança ou designados por ele. Outrossim, a nova Constituição lhe concedia o direito legal para um regime

---

<sup>39</sup> Interventores: após a deposição dos governadores, o presidente preenchia o cargo de cada estado com uma pessoa de sua confiança (interventor).

<sup>40</sup> A Constituição de 1937 ganhou o apelido de “Polaca”, pois era muito semelhante à Constituição Polonesa de 1926, a qual era autoritária e de influência fascista, garantindo amplos poderes ao chefe de Estado.

autoritário, e, de certa forma, trazia consigo um retrocesso em relação às conquistas que o povo havia alcançado até então, sobretudo em relação a democracia e direitos humanos. De fato, a autoridade do presidente não regulamentaria apenas os aspectos políticos da sociedade, mas também econômicos, culturais e sociais, ou seja, a partir de então Vargas passaria a interferir em questões da vida pública e privada do povo brasileiro.

Em contraste com as afirmações de Fausto, os autores Faria e Barros (1997) alegam que o Estado Novo não foi um projeto apenas de Getúlio, mas também dos militares e grupos burocráticos, tendo aval, inclusive, das oligarquias regionais e até mesmo da Igreja Católica.

Para esses grupos, somente um regime autoritário e estável poderia conduzir o país no sentido da modernização, racionalizando a administração pública e empreendendo a industrialização através de incentivos e da criação de uma poderosa indústria de base (FARIA; BARROS, 1997, p. 47).

Dessa maneira, pode-se afirmar que o golpe de 1937 foi todo arquitetado por Getúlio, juntamente com os militares e com o apoio de uma grande parcela da sociedade. Efetivamente, desde a Intentona Comunista, ocorrida em 1935, o governo já propagava a ideia anticomunista, principalmente entre as pessoas de classe média, fazendo-as acreditar que somente a centralização do poder político iria conseguir derrotar de vez aquela ameaça.

Outro detalhe que não pode passar despercebido é que essa “aliança” também seria importante para os anseios de todos os grupos citados por Faria e Barros, os quais pretendiam implantar no país uma modernização, de maneira que suas ações deixavam claro que estariam comprometidos em efetuá-la a qualquer custo. Vargas, por exemplo, passou a exercer de vez o papel de golpista e agora também de “ditador”, no entanto, estava preocupado em continuar tendo o apoio do povo. Para isso, precisaria encontrar novos meios de chamar a atenção das massas, e, nesse sentido, era preciso transmitir a ideia de que o país precisava ser modernizado, e, para isso, muita coisa deveria ser mudada.

Diante de todas as mudanças que muitos alegavam ser necessárias para que o Brasil alcançasse a almejada modernização, encontrava-se o principal foco gerador de tensões: a falta de democracia, provocada pela censura e pela ditadura (que muitos estavam tentando mascarar). Desse modo, o governo passou a buscar

meios de se tornar legítimo, aceito e respeitado, e assim Vargas e seus aliados “[...] justificavam a ditadura getulista com base no fato de o Brasil não poder se dar ao luxo da ‘pequena política’ de uma sociedade aberta, por causa dos perigos de seus inimigos, internos e externos” (SKIDMORE, 1998, p. 164, grifo do autor). Nessa linha, também se pode citar Fausto:

De fato, assumindo sem muitos disfarces os supostos méritos de uma ditadura, o discurso getulista tratou de apresentar o Estado Novo como uma fórmula que permitiria, finalmente, realizar as tarefas de unificar o país, promover o desenvolvimento econômico, criar uma nova representação das classes produtoras e dos trabalhadores, introduzir enfim o governo técnico, acima da politicalha dos partidos (2006, p. 90).

Após tratar sobre o golpe de 1937, sobre a implementação da nova Constituição e sobre os discursos getulistas apresentando o novo regime, buscou-se averiguar quais seriam os próximos passos de Getúlio. A esse respeito, diz Skidmore:

Ao julgar por seus discursos e iniciativas governamentais, nos anos posteriores a 1937, ele queria primeiro e, sobretudo, construir um governo central forte — uma meta entusiasticamente compartilhada pela alta cúpula militar. Isso exigiria crescentes investimentos em educação, desenvolvimento econômico e a progressiva integração de terras a oeste. Segundo, queria projetar o poder brasileiro no exterior, o que exigiria uma posição mais forte no comércio internacional. Terceiro, ele queria melhorar o bem-estar social para os trabalhadores urbanos. Aqui ele tinha uma meta não-econômica em mente: um conjunto satisfeito de sindicatos controlados pelo governo lhe proporcionaria uma base política (1998, p. 164).

Com isso, Vargas tinha em mente sua permanência no poder. Contudo, para que isso fosse possível ele precisaria ter a maior parcela da população ao seu lado. Desse modo, o presidente passou a “jogar” dos dois lados, o que já não era novidade em sua carreira política, já que Vargas já era conhecido por ser amigo das pessoas certas nas ocasiões que lhe fossem mais apropriadas, estando ao lado do que lhe fosse mais conveniente em determinados momentos. Em verdade, foi durante o período do Estado Novo que Vargas ganhou o “título” de político mais controverso, uma vez que, ao mesmo tempo em que o país passou por uma fase ditatorial e repressora dos direitos democráticos, foi também o período em que o país teve grande avanço em aspectos econômicos e sociais. Pode-se apreender isso em Fausto (2006, p. 90), que faz a seguinte afirmação: “Na caracterização do regime político do Estado Novo, nota-se de saída sua intenção em inaugurar novos

tempos”.

Durante o Estado Novo, o presidente passou a discursar sobre a importância da modernização do país. Segundo ele, deveriam ser feitas melhorias na economia, sociedade, educação e, é claro, no que diz respeito aos direitos trabalhistas. Assim, com um jogo duplo, Vargas passou a governar o país, iniciando a “mudança” tão necessária e esperada.

No que tange às ações de Vargas, uma das primeiras preocupações nesse período foi a de promover a industrialização. Dessa maneira, “Sob o aspecto socioeconômico, o Estado Novo representou uma aliança da burocracia civil e militar e da burguesia industrial, cujo objetivo comum imediato era o de promover industrialização do país sem grandes abalos sociais” (FAUSTO, 2010, p. 201). Em consequência disso, o Estado agora interferia de forma direta na economia, o que, por sua vez, possibilitou maiores investimentos no setor da indústria. Desse modo, o governo passou a investir, apoiar e voltar seus olhos cada vez mais para as áreas de infraestrutura, dando um impulso para o desenvolvimento industrial do país.

Nessa perspectiva, ao pensar no processo de industrialização<sup>41</sup>, o governo passou a ressaltar a importância dos investimentos nessa área, sobretudo pelo fato de que esse seria o início de um plano maior de desenvolvimento. Como apresenta Corsi (2000), ao desejar investir nas áreas de infraestrutura, o Estado passou a demonstrar seu forte interesse em estimular e criar condições para que ocorresse o desenvolvimento industrial nacional. Isso porque somente a industrialização seria capaz de trazer uma base sólida para a indústria, que atenderia não apenas os anseios políticos do Estado, mas também de outros setores da burguesia e, é claro, das Forças Armadas, que passaram a ser responsáveis pela instalação de uma indústria estatal do aço.

---

<sup>41</sup> Cabe ressaltar que, ao longo das décadas de 1930 e 1940, foram criadas inúmeras leis voltadas para o investimento em infraestrutura, de maneira que, neste período (1930-40), a indústria nacional cresceu de forma significativa.

Na mesma época, intensificou-se também a adoção de outras medidas visando incrementar o desenvolvimento, em particular da indústria. Diversos organismos de estímulo e regulamentação de setores específicos foram criados ou remodelados. A lista a seguir é alternativa: Conselho Nacional do Petróleo (1938); Instituto Nacional do Mate (1939); Conselho de Águas e Energia Elétrica (1939); Conselho Federal de Comércio Exterior (remodelado em 1939); Conselho Técnico de Economia e Finanças (1937); Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do banco do Brasil (1937). Instituiu-se também o Plano Especial de Obras Públicas e Reaparelhamento da Defesa Nacional, cujo objetivo consistia no desenvolvimento da indústria de base e infraestrutura e a modernização das Forças Armadas (CORSI, 2000, p. 72).

Como se pode inferir, o principal intuito do governo com essas ações foi o de promover e incentivar criação de órgãos de investimento em setores das indústrias básicas, de obras públicas, além de investir no aparelhamento da defesa nacional. Em vista disso, todos os setores da sociedade estariam satisfeitos com as novas leis de desenvolvimento pregadas e introduzidas pelo aparelho estatal.

Ao analisar os escritos de Fausto (2006), foi possível perceber que a implementação da indústria de base passou a estabelecer outros pontos fundamentais para o bom seguimento do país, como a nacionalização de bancos, a expansão da rede de transportes, o incremento da produção do carvão nacional, além de contar com a elaboração de políticas para diversificar as exportações. Com isso, o programa de industrialização estaria servindo como base para a realização do grande objetivo de promover a unidade nacional no Brasil, bem como acabaria com a divisão entre a política e a economia. Isso, de fato, seria um grande avanço econômico para a história do povo brasileiro.

Nesse contexto, pouco a pouco o interesse no desenvolvimento da industrialização do país passou a se expandir também para outros setores da sociedade, como no campo da educação<sup>42</sup>. Agora, a “[...] maior preocupação se concentrou em organizar o ensino industrial, com o objetivo de preparar mão-de-obra fabril qualificada” (FAUSTO, 2010 p. 202). Nesse sentido, como se pôde verificar, durante o período do Estado Novo, no setor educacional, foi dado destaque ao ensino profissional, tendo como principal objetivo atender às demandas de mão de obra, já que a industrialização traria consigo um novo leque de atividades para o

---

<sup>42</sup> Em relação à educação no governo Vargas, é necessário salientar que desde 1930 já havia certa preocupação em relação a esse tema, tanto que nesse mesmo ano foi criado o Ministério da Educação, e, em 1931, foi implantada a Reforma Francisco Campos, tendo como finalidade organizar o ensino secundário e superior no Brasil. Porém, a educação durante o Estado Novo ganhou maior destaque pelo fato de estar voltada também para o ensino profissional — e por ter sido utilizada como aparelho ideológico para o governo.

mercado de trabalho.

Em contrapartida, a educação, segundo Silva (1980), além de pregar a valorização do ensino profissional, passou a servir também para “fabricar” bons cidadãos. Tinha-se, como base ideológica, a exaltação da nacionalidade, as críticas ao comunismo e ao liberalismo, assim como a propagação do ideário do novo regime. Desse modo, “A educação ficou a cargo do Estado, porque, segundo se dizia, ela não deveria ter uma postura neutra, mas sim, tomar partido e adotar as ideologias estado-novistas” (HENN; NUNES, 2013, p. 1046).

Tendo em vista os aspectos observados, o Estado, e também o presidente, passaram a interferir diretamente no que era trabalhado nas escolas e instituições. Como consequência, empregou-se uma série de reformas na educação, tanto no ensino primário, quanto secundário. Isso, por seu turno, possibilitaria ao governo introduzir nos conteúdos trabalhados em sala de aula uma boa imagem da ideologia do governo vigente e, conseqüentemente, do presidente. Com isso, muitos materiais de divulgação do novo regime foram inseridos nas instituições educacionais, de forma que:

As imagens e os símbolos eram difundidos nas escolas com o objetivo de formar a consciência do pequeno cidadão. Nas representações do Estado Novo, a ênfase no novo era constante: o novo regime prometia criar o homem novo, a sociedade nova e o país novo. O contraste entre o antes e o depois era marcante: o antes era representado pela negatividade total e o depois (Estado Novo) era a expressão do bem e do bom. Havia promessas de um futuro glorioso. As crianças aprendiam o que significava o novo através de publicações de textos em forma de diálogos (CAPELATO, 2007, p. 123).

Não obstante, durante esse período também:

[...] notou-se a forte presença militar na educação. Os militares utilizaram-se da sua disciplina, ensinada a eles dentro dos quartéis, para ajudar na normatização de regras dentro das escolas públicas, e construir, dessa maneira, alunos que respeitassem hierarquias e, claramente, obedecessem ao seu líder político (HENN, NUNES, 2013, p. 1047).

Dessa forma, a educação durante o Estado Novo desempenhou o papel de aparelho ideológico, servindo como instrumento para a divulgação do regime. Por conseguinte, passou a ser instrumento da construção da imagem de Vargas, que agora estava mais presente nas escolas e instituições, pois era frequente o uso de fotografias suas nesses ambientes. Da mesma forma, todos recebiam periódicos que

retratavam o carisma e a boa imagem do presidente.

Dentro dos setores da sociedade, não foi apenas na educação que Vargas concentrou sua atenção. De fato,

O primeiro alvo corporativista de Getúlio foi o trabalhismo. Como o medo do trabalhismo e da esquerda havia em parte ativado a política repressiva posterior a 1935, ele agora estava preocupado em virar a outra face ao mesmo tempo em que se protegia do perigo potencial da inquietação trabalhista (SKIDMORE, 1998, p. 166).

Nesse sentido, o presidente passou a adotar uma política trabalhista, tanto que suas ações no campo do trabalho tiveram grande notoriedade. Ficaram, inclusive, muito conhecidas e até os dias atuais geram muitas especulações — e foi graças a essas ações que Getúlio ganhou o título de “pai dos pobres”.

Com a finalidade de resolver as questões trabalhistas, no ano de 1939 foi organizada a Justiça do Trabalho. Já em 1940, foi introduzido o salário mínimo, que deveria satisfazer, pelo menos, as necessidades básicas dos trabalhadores. Nesse ínterim, em 1943, em um ato que lhe renderia muitos “fãs”, Vargas criou a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Com isso, houve a ampliação dos direitos trabalhistas, como a carteira profissional, a jornada de 48 horas semanais de trabalho, proteção ao trabalho da mulher e o direito a férias remuneradas. De mais a mais, o presidente passou a conquistar a simpatia dos trabalhadores, principalmente por meio de seus discursos a eles dirigidos, com os quais era possível fazer propaganda política e também exercer o domínio sobre as massas. Sendo assim,

A construção da imagem de Getúlio como protetor dos trabalhadores ganhou forma através de várias cerimônias e do emprego intensivo dos meios de comunicação. Dentre as cerimônias, destacam-se as comemorações de 1º de maio, realizadas a partir de 1939 em estádios de futebol. Nesses encontros, reunindo grande massa de operários e do povo em geral, Getúlio iniciava seu discurso com a exortação “Trabalhadores do Brasil” e anunciava alguma medida muito aguardada de alcance social. Houve também a utilização sistemática do rádio como instrumento de aproximação entre o governo e os trabalhadores (FAUSTO, 2010, p. 207).

Conforme se verifica, aos poucos Vargas passou a ser considerado como uma figura simbólica e até mesmo guia dos brasileiros, principalmente dos trabalhadores, que o consideravam como um “amigo”. E isso era tudo o que Vargas poderia querer e esperar, pois, ao mesmo tempo em que beneficiava o povo, tinha o direito de receber em troca sua fidelidade e apoio. Entretanto, ao mesmo tempo em

que ficou conhecido como “o pai dos pobres”, por trazer melhorias para os trabalhadores, o presidente também passou a ser reconhecido como “a mãe dos ricos”. Com efeito, ao reconhecer as necessidades dos trabalhadores e lhes fornecer alguns direitos, ele conseguiria controlá-los, pois, agora satisfeitos, não mais teriam motivos de iniciar greves, reivindicações ou revoltas, o que garantiria a ordem pública e política e a estabilidade social. Portanto, com funcionários satisfeitos e sem greves, os patrões lucravam cada vez mais, de modo que “todos” saíam ganhando.

No âmbito cultural, o governo mostrou grande interesse, principalmente nas esferas da cultura popular e na busca pela identidade nacional. Com a finalidade de trazer à tona o senso de brasilidade do povo, fazia-se com que o Brasil aparecesse sob um ângulo positivo no contexto internacional, apresentando cidadãos que tinham orgulho de servir à pátria mãe.

Segundo os estudos de Skidmore (1998), atentando-se para a importância que a política da cultura popular possuía, o governo passou a investir em algumas esferas culturais que permitiriam a construção de uma identidade nacional. Um exemplo clássico disso foi o futebol, uma vez que,

A ditadura getulista tinha um agudo senso de importância política da cultura popular como um meio de aglutinar apoio ao governo, fazendo que o Brasil aparecesse sob um ângulo positivo no contexto internacional. Um exemplo era o futebol, no qual o Brasil se destacava na competição internacional. (SKIDMORE, 1998, p. 167).

O autor ainda destaca que, na esfera cultural, o governo promoveu e incentivou o carnaval do Rio, que se tornaria um passatempo popular, além de ser o símbolo internacional reconhecido da cultura brasileira, envolvendo o samba, que mesclava o estilo musical e a dança tipicamente brasileira. No entanto,

Essa política, que ficou mais clara depois do golpe de 1937, tinha não apenas uma razão econômica (atrair o turismo), mas também um papel no fortalecimento do novo senso que a nação tinha de sua própria identidade como, ao menos parcialmente, afro-brasileira, por meio de instrumentos poderosos como a música e a dança (SKIDMORE, 1998, p. 168).

Dessa maneira, investir na cultura durante o período do Estado Novo não significava apenas incentivar o turismo, mas também servia como instrumento para despertar o senso de brasilidade e identidade com a nação.

Ainda durante o Estado Novo, o governo também passou a investir e zelar

pelo patrimônio histórico e cultural por meio de um extensivo programa de restauração da arquitetura, escultura e pinturas históricas. Isso se deu, em grande parte, por intermédio de um novo instituto dedicado ao patrimônio artístico e histórico, o IPHAN<sup>43</sup>, além do patrocínio de eventos culturais e cívicos. De modo geral, “Todos esses programas foram designados para ajudar a amenizar a imagem de repressão e censura da ditadura e apresentá-la como promotora da cultura nacional, e, portanto, da unidade nacional” (SKIDMORE, 1998, p.168).

Nesse caso, a cultura passou a ser voltada para a esfera nacionalista e de enaltecimento da imagem do presidente, pois,

A ideologia propagada pelo governo Vargas, por meio do ideal de construção da nação como uma unidade, suprime e estereotipa os regionalismos. Identificando a nação com o governo — personificado na figura do ditador — a governabilidade em um regime sem democracia torna-se mais fácil. Getúlio Vargas passa a representar a encarnação viva do povo e da nação (BOECKEL, 2005, p. 47).

Como já mencionado, toda essa preocupação do governo em investir nos setores da educação, do trabalho e da cultura estava totalmente ligada à preocupação de mascarar o regime ditatorial que estava sendo empregado nesse governo. Como nem só de “boas ações” se faz um governo, o Estado Novo foi palco de intensa repressão, figurando como forma de governo centralizadora e controladora.

Verdadeiramente, o novo regime promoveu a censura aos meios de comunicação, perseguiu e prendeu inimigos políticos, reprimiu a atividade política, entre muitas outras ações. Vargas passou a perseguir de forma violenta seus opositores políticos, principalmente os partidários do comunismo. A esse respeito, um de seus grandes atos de crueldade foi o de enviar Olga Benário, judia, esposa do líder comunista Luís Carlos Prestes, mesmo estando grávida, para a Alemanha Nazista. Todavia, sobre essas perseguições e atos de crueldade, nada poderia ser feito, pois, como relata Skidmore:

---

<sup>43</sup> O IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) é uma autarquia federal, ligada ao Ministério da Cultura, sendo o responsável pela preservação e promoção do acervo patrimonial, imaterial e material do país.

A tortura de suspeitos políticos era frequente e não havia recurso seguro aos tribunais, dada a constante invocação pelo governo da Lei de Segurança Nacional [...] e havia a censura onipresente, levada a cabo pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) (1998, p. 165).

O DIP foi um órgão criado justamente para propagar a imagem do presidente e a ideologia do Estado Novo, bem como para censurar e reprimir qualquer meio de comunicação e manifestações que fossem contrárias aos desígnios do novo regime. No seio de um período ditatorial, era claro que Vargas teria grande preocupação com sua imagem e com a imagem de seu governo, tanto que

O Estado investiu, significativamente, para construir e difundir uma imagem positiva da nova ordem; a ordem autoritária que exigia a subordinação dos meios de comunicação de massa: jornais, revistas, cinema e rádio. Em dezembro de 1939, foi criado o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), cuja instalação era no Palácio do Catete, fruto da ampliação da capacidade do Estado em intervir nas esferas cultural e ideológica do país por meio de instituições que garantissem ao aparelho estatal a legalidade, a institucionalização e a sistematização de sua presença nessas esferas (FERREIRA, 2010, p. 16).

O DIP, por sua vez, tornou-se o principal meio de divulgação do regime, bem como da “boa” imagem de Vargas, sendo o porta-voz oficial do regime. “Passou a organizar homenagens a Vargas, tornando-se instrumento de promoção do chefe do Governo, de sua família e autoridades” (FERREIRA, 2010, p. 17).

Dando seguimento às ações de Vargas, outro fator que chamou a atenção durante o período do Estado Novo foi a chamada Campanha Nacionalista<sup>44</sup>, que abarcava um conjunto de medidas utilizadas pelo governo com a finalidade de integrar as comunidades de imigrantes estrangeiros que viviam no Brasil. Visava-se, com isso, acabar com qualquer tipo de influência que essas comunidades pudessem trazer ao país. Assim, principalmente durante o Estado Novo, a Campanha passou a demonstrar cada vez mais forte apelo nacional, inclusive muitos imigrantes passaram a não ser bem-vindos, sendo os judeus inicialmente os mais afetados.

Entre as ideias que orientaram as ações do Estado Novo para ‘nacionalizar’ os brasileiros estava a de dissolver a possibilidade de formação de enquistamento étnico nas regiões de imigração, como a italiana, alemã e japonesa, que eram marcadas por traços culturais característicos dos lugares de onde provinham os imigrantes (WERLE, 2011, p. 6).

---

<sup>44</sup> Vale ressaltar que, embora a Campanha Nacionalista tenha ganhado bastante destaque durante o período do Estado Novo, tivera início já em 1930.

Dentre uma série de medidas tomadas pela Campanha de Nacionalização, estava a proibição de algumas festas, idiomas, músicas e livros, ou seja, qualquer elemento que fizesse lembrar outras culturas e os países de origens dos imigrantes. As primeiras medidas foram aplicadas desde 1934 (período anterior ao Estado Novo), porém foi a partir de 1938 que essas medidas foram postas em prática, de forma mais hostilizadora, principalmente nas escolas, onde a língua portuguesa passou a ser obrigatória<sup>45</sup> — e os professores e funcionários das instituições educacionais deveriam ser brasileiros. Além disso, houve a introdução da obrigatoriedade das disciplinas de educação moral e cívica e de educação física<sup>46</sup>, que eram ministradas pelos militares. Houve também censura aos meios de comunicação, que não poderiam mais ser transmitidos em língua estrangeira e deveriam ter publicações patrióticas.

A campanha nacionalista acabou ganhando maior ênfase entre o final da década de 1930 e início da década de 1940, quando as repressões passaram a ser mais intensas com os imigrantes de nacionalidade ligadas às potências do Eixo — alemães, japoneses e italianos. Em função disso, muitos correriam o risco de serem presos caso fossem flagrados falando outro idioma que não fosse o português.

Nesse período tão controverso, ainda durante o Estado Novo, mais precisamente no ano de 1942, o país foi palco de um acontecimento que talvez nenhum brasileiro jamais esperasse que fosse acontecer. Até o ano de 1942, o Brasil se encontrava neutro em relação aos conflitos da guerra, visto que dependia economicamente dos Estados Unidos. Por outro lado, tinha uma política semelhante à alemã, além de manter certa simpatia pela ideologia e projetos apresentados pelos líderes totalitários e ditadores Hitler e Mussolini. Porém, “O jogo entre Brasil e as grandes potências teve fim com o ataque japonês a Pearl Harbor, em 7 de dezembro de 1941, do qual resultou a entrada ostensiva dos Estados Unidos no conflito mundial” (FAUSTO, 2006, p. 102).

Quando os Estados Unidos declararam guerra ao Eixo, passaram a pressionar pelo apoio brasileiro. Vargas acabou cedendo, mas, ao entrar na guerra ao lado dos Aliados, que tinham como objetivo frear o avanço do expansionismo fascista, passou a contrariar muitas concepções políticas e ideológicas que, até

---

<sup>45</sup> Cabe ressaltar que a língua portuguesa passou a ser obrigatória nas escolas brasileiras desde 1934.

<sup>46</sup> A obrigatoriedade do ensino de Educação Física também foi introduzida em 1934.

então, ele próprio defendia. Esse ato acabou expondo mais uma vez o aspecto controverso de seu governo. No entanto, mesmo declarando-se aliado dos EUA, até então o Brasil não havia efetivamente entrado na guerra. Contudo, em 1942,

As ações de submarinos alemães se encarregaram de definir de uma vez por todas a política externa em face da guerra. O torpedeamento de navios brasileiros transportando passageiros em agosto de 1942, com a morte de 610 pessoas em apenas três dias, provocou indignação geral. As grandes manifestações nas maiores cidades brasileiras criaram um clima de união nacional contra a agressão do Eixo (FAUSTO, 2006, p. 104).

E assim, em 1942, o Brasil declarou estado de guerra em todo território nacional. Conforme Skidmore (1998), o alinhamento do Brasil com os Aliados completou-se quando, em junho de 1944, a Força Expedicionária Brasileira (FEB) foi enviada para lutar na Europa. Mais de 20 mil homens lutaram na Itália até o fim do conflito, em maio de 1945, poucos meses antes do término da Segunda Guerra Mundial, tendo um saldo de 454 mortes entre os brasileiros.

O ano de 1945, além de marcar o fim da guerra, marca também o fim do Estado Novo e, conseqüentemente, a deposição de Vargas em 29 de outubro. Segundo Fausto (2010), o Estado Novo, com seu regime autoritário e modernizador, havia sido programado para ter uma longa duração. No entanto, a entrada do Brasil na guerra ao lado dos Aliados trouxe maior visibilidade para as contradições do presidente e de seu governo, bem como para suas ações ditatoriais. Dessa maneira, as oposições aproveitaram as contradições existentes e o desgaste do governo para promover a ideia da queda de Vargas, levando o Estado Novo à crise e posteriormente ao fim, em 1945.

### **3.3 DIP: a propaganda e a construção da imagem de Vargas**

Ao longo do período do Estado Novo, muitos acontecimentos nos setores da política e sociedade, somados a algumas atitudes de Vargas, fizeram com que o regime político brasileiro passasse a ser comparado com o governo totalitário vigente em vários países — o próprio Getúlio chegou a ser comparado aos líderes ditadores Hitler, da Alemanha, e Mussolini, da Itália<sup>47</sup>. No entanto, Vargas contava

---

<sup>47</sup> Vale ressaltar que o Nazismo (Hitler) e o Fascismo (Mussolini), ideologias de alguns governos europeus, se diferenciam da forma de governo de Vargas pelo fato de o nazismo e o fascismo pregarem o expansionismo de seus territórios e ideologias, enquanto no caso brasileiro Vargas não

com grande parte da população ao seu lado, pois muitos acreditavam em seus discursos, além de idolatram o presidente devido às melhorias que este havia efetuado, principalmente no campo do trabalho. Contudo, ainda em relação aos regimes totalitários e ditatoriais, Skidmore apresenta em sua obra o seguinte trecho:

Getúlio Vargas era o ditador menos carismático de então [...]. Pouco atraente, suas principais características físicas eram a barriga e um sorriso irônico habitual. Mas ele usava sua *persona* pouco expressiva de modo vantajoso, pois combinava-a com uma excepcional habilidade para avaliar outras pessoas e induzir seus inimigos a subestimá-lo. Era um admirável ouvinte e tinha habilidade de convencer a maioria de seus interlocutores, quaisquer que fossem suas posições, de que ele autenticamente os compreendia ou mesmo de que concordava com eles (1998, p. 163).

Sendo assim, uma das características mais marcantes de Vargas veio se fortalecendo cada vez mais durante esse período. Isso porque, com o intuito de se favorecer a todo custo, o presidente deu seguimento ao seu jogo duplo, passando a aliar-se às pessoas certas sempre que lhe convinha, fazendo-se de “amigo”, “pai” e “mãe”. Todo esse estilo controverso do presidente justificava-se pelo fato de que ele precisava da burguesia, pois era ela quem sustentava o governo, ao mesmo tempo em que precisava do apoio do povo, que, por sua vez, era a verdadeira massa da sociedade e poderia lhe garantir o voto. O grande problema, no entanto, era: como conseguir conquistar essa massa? E o que poderia ser mais eficaz do que apropriar-se da propaganda e da mídia para conseguir tal façanha? Sendo assim,

Após o advento do Estado Novo, deu-se a consolidação de uma política de massas que vinha se preparando desde o início da década. Constituídos a partir de um golpe de Estado, sem qualquer participação popular, os representantes do poder buscaram legitimação e apoio de setores mais amplos da sociedade através da propaganda, veiculada nos meios de comunicação, voltada para a sociedade, e em geral às classes mais populares (CAPELATO, 2007, p. 110-111).

Em função disso, Vargas, juntamente com o seu governo, passou a influenciar as massas por meio das mais variadas formas de propaganda. Com efeito, o presidente, com seu poder de persuasão e sua fala com palavras bonitas, buscava a manutenção ideológica para seu sistema político e para a construção de

---

era tão radical quanto os ditadores europeus. Teve o governo comparado àqueles, em virtude de questões da propaganda em torno de sua imagem e da ideologia de governo, bem como em função de algumas ações ditatoriais como repressão, censura e perseguição daqueles que fossem contrários ao seu regime de governo.

uma boa imagem para sua própria pessoa. Para tanto, utilizava-se dos meios de comunicação e de seus conhecidos discursos, nos quais “O conteúdo de sua fala acentuava o propósito de atender às carências dos humildes — nomenclatura vaga, mas eficaz — e mais precisamente aos trabalhadores, nos discursos de 1º de maio” (FAUSTO, 2006, p. 122).

Outro ponto importante nos discursos de Vargas era o fato de que ele fazia questão de ressaltar que todas as suas ações eram voltadas para o bem do povo e da pátria, conseguindo, dessa forma, conquistar a simpatia de grande parcela da população. Destarte, “Getúlio inaugurou no Brasil as presidências carismáticas” (FAUSTO, 2006, p. 121).

Além dos discursos proferidos por Vargas, a propaganda midiática também passou a ser explorada, servindo principalmente como veículo influenciador e de legitimação para um governo que havia sido instaurado por meio de um golpe.

Nesse contexto, a criação do DIP, em 1939, subordinada ao presidente, veio para reforçar a ideologia política nos órgãos de propaganda. Ora, em um período tão conturbado quanto o Estado Novo, nada melhor do que a propaganda para alicerçar os ideais de um governo e a imagem de um presidente que “faria tudo por sua nação”. Sobre isso, Fernandes acrescenta:

Foi realizado um esforço no sentido de demonstrar que o governo comandado por Vargas era ajustado à realidade nacional, devido à capacidade de seu chefe, pelas obras realizadas e pelo apoio da população. A figura de Getúlio Vargas precisava passar confiança ao povo, nesse sentido, foi construída uma forte imagem carismática para o governante. (2014, p. 3).

E foi assim que começou uma política de governo, alicerçada nos meios de comunicação, como se verifica em Fausto:

O cinema, a imprensa e principalmente o rádio — cuja amplitude era muito maior que a dos outros meios de comunicação — foram os instrumentos mais importantes na divulgação das imensas virtudes do presidente Vargas e das glórias do Estado Novo. Numa época ainda distante da transmissão quase instantânea de imagens, o *Cinejornal Brasileiro*, produzido pelo DIP, levava às telas dos cinemas a figura de Getúlio, aproximando-a dos espectadores. Era o presidente visitando escolas, hospitais, cortando fitas de inauguração das mais variadas obras, com o que se tratava de associar, na mente das pessoas, os valores da educação, da solidariedade social e do desenvolvimento econômico (2006, p. 125).

Como é possível perceber nos escritos de Fausto, a propaganda era voltada

para exaltar a boa imagem do presidente como um líder preocupado com o povo, alguém presente e disponível. Isso, de certa forma, era uma grande verdade, pois Vargas fazia-se presente em muitas cerimônias e eventos importantes, como inaugurações, formaturas, festas cívicas, entre muitos outros acontecimentos, e talvez essa fosse mais uma de suas estratégias, pois o que seria melhor do que alimentar a propaganda, do que sua própria presença?

Além da presença constante de Vargas em eventos e de seus discursos, sua imagem também foi intensamente divulgada pelo DIP. Esse órgão foi o responsável por propagar a imagem de Vargas e a ideologia pregada pelo Estado Novo. Nessa perspectiva, ao DIP eram atribuídas inúmeras funções, como a de centralizar e coordenar a propaganda do governo e da imagem do presidente; submeter à censura todos os órgãos de comunicação e atividades culturais, as quais poderiam ser reprimidas caso veiculassem alguma notícia ou ato que pudesse “perturbar a paz” do governo, além de criar e divulgar material de propaganda. E ainda, conforme Fausto, as funções do DIP eram bastante vastas, pois englobavam “cinema, rádio, teatro, a imprensa, a literatura ‘social e política’, a organização do programa de rádio oficial do governo e a proibição da entrada no país de ‘publicações nocivas aos interesses brasileiros’” (FAUSTO, 2010, p. 207).

Além das funções de controle e censura aos meios de comunicação, o DIP também passou a ser responsável por todos os serviços de publicidade e propaganda, sendo o principal instrumento a legitimar o novo sistema de governo. O órgão também foi “[...] o principal instrumento de culto à personalidade do chefe de estado, organizando homenagens à figura de Getúlio Vargas e das autoridades em geral” (BOECKEL, 2005, p. 53).

Por intermédio das ações do DIP, o governo passou a controlar diretamente a imprensa, utilizando-se da censura aos opositores e àqueles que tivessem opiniões opostas ao que o Estado Novo pregava. Ao mesmo tempo, começou-se a propagar uma nova imagem para o presidente e seu governo, algo que pudesse atrair os cidadãos e trazê-los para o lado do regime. Dessa forma, à medida que o governo passasse a controlar todos os veículos de imprensa, seria possível que o povo brasileiro tivesse conhecimento apenas dessa boa imagem que se pretendia passar de Vargas e de suas ações. Nesse processo,

Os organizadores da propaganda se valeram de símbolos e imagens na busca de consentimento e adesão da sociedade. A bandeira brasileira e a figura de Vargas foram os símbolos mais explorados nas representações visuais do Estado Novo (CAPELATO, 2007, p. 123).

Por sua vez, as imagens enaltecendo o nacionalismo, o patriotismo e a figura do presidente eram comuns em periódicos, livretos e nas mais diversas publicações, onde frequentemente vinham acompanhadas de pequenos textos ou reportagens que retratavam as virtudes de Vargas e vangloriavam os feitos do Estado Novo. Como se pode supor, não eram mencionados os acontecimentos ruins que ocorriam naquele período, o que é ratificado por Boeckel:

Como a mídia passa a ganhar cada vez mais espaço e importância na vida das pessoas por ser um meio acessível de se obter informação e entretenimento, o governo percebe que este é um eficiente veículo de propaganda de seus atos e passa a controlá-lo para que apenas boas notícias a seu respeito sejam veiculadas. A consequência de uma bem-sucedida campanha de censura é a construção de uma boa imagem do governo, pois apenas os prós (e nunca os contras) são conhecidos pelo povo (2005, p. 71).

E assim, com todo o aparelho de publicidade e propaganda a seu dispor, Vargas passou a divulgar e criar uma boa imagem de si próprio, principalmente a imagem de “pai dos pobres”. Isso se deu na medida em que a maior parte de sua propaganda política estava voltada à massa popular, que era mais influenciável, além de contar com a maior parcela da população.

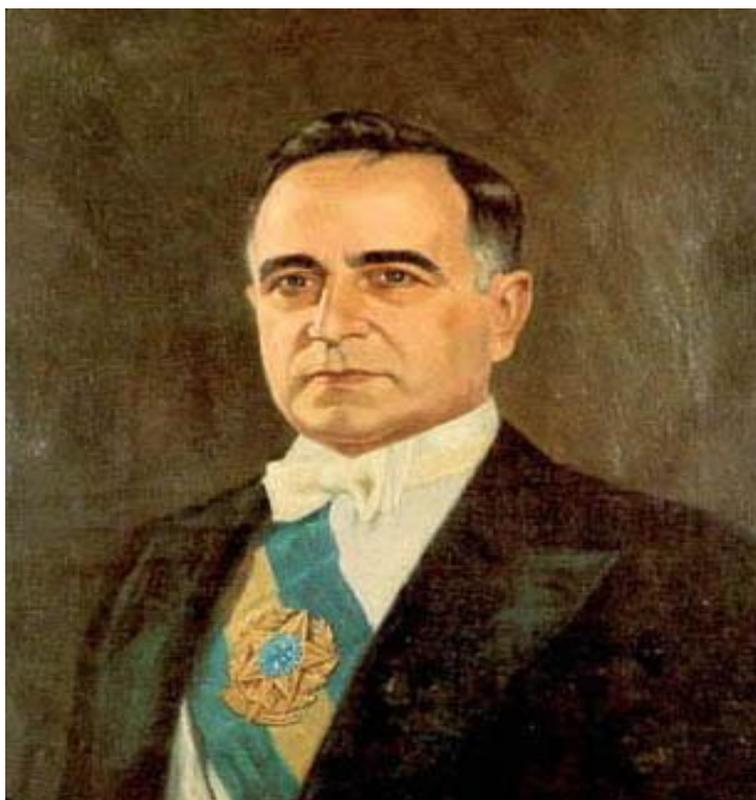
Ao que tudo indica, toda a propaganda em torno do Estado Novo e do presidente surtiu efeito, pois é perceptível que todas as manobras de Vargas, juntamente com sua lábia e poder de persuasão, estavam cristalizando sua imagem. Ao mesmo tempo, a utilização da propaganda e da mídia a seu favor passou a alicerçar a imagem de bom político, preocupado com o povo, visto que mesmo em meio a um período tão conturbado e contraditório como o Estado Novo, o presidente acabou por se tornar o ídolo de grande parte da população brasileira, sendo visto como “guia do povo”, e inclusive toda essa propaganda em torno de sua imagem pode ter colaborado para que, após ser afastado do cargo em 1945, retornasse à presidência em 1951, não por meio de um golpe, mas pelo voto popular.

### 3.3.1 Imagens de um “certo” presidente

Durante o período do Estado Novo, a propaganda acerca do novo regime de governo e da figura do presidente foi bastante trabalhada, tanto que a imagem de Getúlio Vargas foi destaque em muitos meios de comunicação. É possível dizer que o governo seguia à risca o ditado “quem não é visto não é lembrado”, pois, além do fato já mencionado de que Vargas se fazia presente em muitos eventos, sua imagem e seus feitos também eram recorrentes na mídia. Além disso, era comum a distribuição de imagens do presidente em vários órgãos do país, conforme Boeckel:

A divisão de divulgação também é responsável por distribuir a fotografia oficial de Getúlio Vargas em colégios, repartições públicas, bancos, rodoviárias, aeroportos e em qualquer lugar em que a imagem do governante pudesse ficar à mostra (2005, p. 57).

#### **Imagem 1 - A Foto Oficial, com a faixa de presidente da República**



**Fonte:** Acervo O globo. Disponível em: <<http://acervo.oglobo.globo.com/fotogalerias/avida-do-mito-getulio-vargas/9406960>>. Acesso em: 30 de out. de 2017.

A imagem anterior é considerada a fotografia oficial de Vargas como presidente. Foi uma das mais distribuídas entre os órgãos públicos, sendo comum vê-la, inclusive, em porta-retratos. Por sua vez, esse uso e distribuição das imagens do presidente foi um ponto crucial no período do Estado Novo, já que “[...] entre os

distintos fatores que contribuíram na construção da imagem de Vargas, pode-se dizer que a fotografia teve papel fundamental ao aproximar o presidente das classes trabalhadoras” (OLIVEIRA, 2011, p. 1024). Desse modo, a divulgação da imagem de Getúlio passou a fazer parte de sua estratégia de governo, sendo utilizada como instrumento de propaganda e de construção da imagem de sua pessoa.

Por seu turno, Oliveira (2011) lembra que todas as transformações ocorridas na política e na sociedade, desde a chegada de Vargas ao poder, fez com que fossem necessários o apoio e a aceitação popular em relação ao presidente e seu governo. Para isso, as principais ferramentas utilizadas foram o rádio e a fotografia, tendo havido, por exemplo, distribuição de fotografias e livros que narravam a vida do presidente, promovendo a aproximação entre ele e o povo. Então, iniciou-se um processo de construção da imagem de Vargas, no qual, além de destacarem seus feitos e falas, também eram ressaltados seus aspectos físicos, como se vê em:

[...] os órgãos de propaganda converteram em virtude traços físicos como a altura do presidente, transformando-o no ‘nosso querido baixinho’, um verdadeiro gigante pela força de vontade e pelas realizações. Um detalhe de sua figura foi extremamente valorizado- o famoso sorriso, enigmático para os adversários, confortante para os admiradores (FAUSTO, 2006, p. 123).

De fato, a presença de imagens apresentando a figura de Vargas nos mais variados eventos era muito comum, como se pode ver em dois exemplos que serão apresentados a seguir. As imagens 2 e 3 mostram fotografias do presidente na inauguração da prefeitura de São Leopoldo, no ano de 1940. A imagem 2 apresenta o presidente em um ato já comum para a sua personalidade, que era o de cortar fitas de inauguração<sup>48</sup>.

---

<sup>48</sup> Cabe ressaltar, que em meio a tantas imagens que ilustram a participação de Vargas em eventos, foram escolhidas imagens da inauguração da prefeitura de São Leopoldo pelo fato de ser uma cidade do Rio Grande do Sul. Portanto, é uma região mais próxima da autora deste trabalho, além do que esta fotografia também serve para demonstrar que o presidente se fazia presente nas mais diversas regiões do Brasil.

### Imagem 2 - São Leopoldo, 1940



**Fonte:** Acervo Fotográfico do Museu Histórico de São Leopoldo

Já a imagem 3 apresenta o presidente soltando uma pomba, fotografia que faz refletir, pois, como se sabe, em 1940 o mundo já se encontrava na Segunda Guerra Mundial. Existiam, portanto, o medo e a apreensão de muitos países e de suas populações, entre eles o Brasil, que até então se encontrava neutro em relação às questões da guerra. Olhando por esse ângulo, a imagem de Vargas soltando uma pomba parece remeter à ideia de transmitir paz, esperança, além de pretensamente reforçar a personalidade serena e carismática do presidente.

### Imagem 3 - São Leopoldo, 1940



**Fonte:** Acervo Fotográfico Museu Histórico de São Leopoldo

Quando se analisa o enquadramento dessas duas fotografias, pode-se observar a figura de Vargas sempre ao centro e em primeiro plano, talvez com o intuito de mostrar o seu poder. O presidente seria visto como o poder central e de maior autoridade dentro do governo e do país.

Outro fato que chama a atenção é a questão de Vargas ter vindo até São Leopoldo, pois se sabe que, em 1940, era já forte a questão da Campanha Nacionalista e a repressão em relação aos imigrantes — e a cidade em questão era considerada como o berço da imigração alemã no Brasil. Pode-se inferir que sua presença nesse local possa ter ocorrido também pelo fato de Vargas querer se fazer presente em locais de grande concentração de imigrantes, possivelmente com o intuito de despertar o sentimento de identidade e de nacionalidade entre aqueles que agora iriam se tornar “novos brasileiros”. Para isso, nada melhor que a presença constante do presidente em muitas regiões e eventos, para reacender o senso de brasilidade entre a população.

Vale também ressaltar que muitos dos eventos foram mencionados pelo próprio presidente em seus diários, além de existirem muitas imagens que comprovam sua presença em variados locais. Dessa forma, sabendo da existência de muitas fotografias, e também dos diários de Vargas, que são considerados documentos, é possível partir do pressuposto de que as imagens e documentos podem ser considerados como testemunhos oculares. Talvez não sejam testemunhos da realidade, mas da ideia que se pretendia criar dessa realidade, podendo servir como instrumentos para que se acreditasse naquilo que se pretendia transmitir.

Não obstante, o fato de Vargas ser uma figura ativa em vários eventos pode ser apresentado sob o aspecto do conceito de onipresença, apresentado por Boeckel da seguinte maneira:

O conceito de onipresença na propaganda política do primeiro governo de Getúlio Vargas está diretamente ligado à questão da obediência do povo. Por onipresença política, podemos definir a sensação de que o poder oficial está em todas as partes. Isso é observável na existência de fotografias com a imagem do presidente não somente nos órgãos do governo, mas em quase todos os lugares públicos e nos grandiosos eventos realizados em honra do poder federal, inauguração de obras ou simplesmente em homenagem ao presidente da República. Estes gestos simbólicos servem para dar a impressão de um governo grandioso o suficiente para guiar o povo com mão de ferro (2005, p. 36).

Assim, o povo passaria a acreditar que precisa da figura do líder como um representante máximo, ao passo que este exerce o domínio sobre a grande maioria. Além do mais, sua presença frequente em determinados eventos, bem como a divulgação de sua imagem, permitem o aumento de sua popularidade, afinal, o uso de imagens é capaz de possibilitar o intermédio entre o povo e o presidente. Tratava-se da representação de uma realidade construída, que se pretendia transmitir, sendo utilizada diretamente na construção da imagem de Vargas. Como acredita Borges:

Longe de ser um documento neutro, a fotografia cria novas formas de documentar a vida em sociedade. Mais que a palavra escrita, o desenho e a pintura, a pretensa objetividade da imagem fotográfica, veiculada nos jornais, não apenas informa o leitor — sobre datas, localização, nome das pessoas envolvidas nos acontecimentos — sobre as transformações de tempo, como também cria verdades a partir de fantasias do imaginário, quase sempre produzidas por frações da classe dominante (2005, p. 69).

Visto isso, é perceptível que, ao longo dos governos de Vargas, o uso de suas imagens passou a ser empregado também como meio de representação, no que diz respeito à criação de uma imagem de bom homem e político, que, mesmo tão atarefado na função de presidente do país, fazia-se presente em muitos eventos pelo Brasil. Além disso, o uso de imagens é capaz de proporcionar inúmeros resultados, servindo para os mais diversos fins, porque, pelo que se sabe:

Ao longo dos séculos, as diferentes sociedades têm criado distintas formas de produzir, olhar, conceber, dialogar e utilizar suas produções imagéticas. Ao possibilitar o constante desejo de eternizar a condição humana, por certo transitória, a imagem fotográfica se aproxima de outras iconografias produzidas no passado. Como essas, a fotografia também desperta sentimentos de medo, angústia, paixão e encanto. Reúne e separa homens e mulheres, informa e celebra, reedita e produz comportamentos e valores. Comunica e simboliza. Representa (BORGES, 2005, p. 37).

Ainda sobre o emprego das imagens, Burke (2004) ressalta que estas podem ser utilizadas como instrumentos, porquanto “Uma solução mais comum para o problema de tornar concreto o abstrato é mostrar indivíduos como encarnações de ideias e valores” (BURKE, 2004, p. 81). No caso de Vargas, as imagens passaram a representar o presidente como um herói, alguém que cuida do povo e que está presente em todos os lugares, podendo ser utilizadas como veículos de propaganda do governo e da figura do presidente, uma vez que

Durante o período do Estado Novo o governo buscou conhecer o país em sua totalidade e nesse momento as fotografias tiveram papel importante. Delas, obtinha-se boa parte do material utilizado como propaganda do regime. A fotografia como um forte instrumento de comunicação de massa, e principalmente de manipulação da mesma, alia-se ao constructo político para a criação do mito, isso se dá pelo caráter de verdade que a fotografia impõe já de antemão (SANTOS, 2016, p. 3).

Partindo desse pressuposto, é possível citar Sontag:

[...] é possível dizer que a fotografia restaura a relação mais primitiva — a identidade parcial da imagem e do objeto — o que é que os poderes da imagem são agora sentidos de um modo muito diferente. A noção primitiva da eficácia das imagens presume que as imagens possuem as qualidades das coisas reais, mas agora tendemos a atribuir às coisas reais as qualidades de uma imagem (SONTAG, 1986, p. 139-140).

Sendo assim, fica claro o poder que as imagens têm, pois são capazes de comunicar ao público suas intenções. Obviamente, nem sempre o que se mostra é a realidade, mas a representação da realidade que se pretende transmitir, criando um elo entre os transmissores de imagem (neste caso, o governo e a mídia) e os receptores (o povo brasileiro). Com efeito, depois de impressas, as imagens foram capazes de possibilitar sua distribuição e disseminação maciça por parte dos veículos de comunicação, suprimindo, assim, uma necessidade coletiva da época: a de que o povo precisava enxergar na figura de seu líder a imagem de seu salvador. Em função disso, as imagens eram carregadas de simbolismo, principalmente no que se refere a mostrar o lado carismático do presidente, resultando na relação de intimidade entre o líder e seu povo.

#### **4 A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DE GETÚLIO VARGAS**

Objetivando analisar como se deu a construção da imagem de Getúlio Vargas, neste capítulo se busca analisar o conteúdo de seus diários escritos entre os anos 1930 e 1942. Considerando que nos capítulos anteriores trabalhou-se com o início da construção da imagem, com as ações de Vargas e toda propaganda que foi montada em torno de sua pessoa, agora se começa a analisar e averiguar o que pode ter sido um instrumento utilizado por Vargas em sua empreitada política: as falas do próprio presidente.

Ao analisar os diários, estes serão tratados como documentos históricos, sob o pressuposto de que trazem registros escritos pelo próprio Getúlio. Sendo assim, os diários servem como instrumentos de pesquisa e análise para o propósito deste estudo. No entanto, ao se pensar nas contribuições que os diários possam ter trazido para a construção da imagem de Vargas, podendo servir até mesmo como prova de que houve essa construção, é preciso primeiramente compreender os debates em torno do uso de fontes e objetos de pesquisa como documentos históricos.

Inicialmente, havia muita desconfiança em relação ao uso de documentos e até mesmo de diários como fontes de pesquisa histórica, pois muito se duvidava de sua veracidade. Desse modo, o uso de certas fontes trouxe, em um primeiro momento, a velha insegurança e até mesmo críticas. A respeito disso, Luca (2005, p. 112) afirma que, para chegar à realidade concreta do ocorrido, o historiador deve utilizar fontes marcadas por objetividade, neutralidade e fidedignidade. Em outras palavras, o pesquisador deve estar livre de qualquer envolvimento com o seu objeto de estudo, para que seja possível valer-se de métodos críticos, e não pessoais, de interpretação e análise.

Tomando como base os escritos de Luca, pode-se julgar que os diários, de certa forma, apresentam imagens parciais e distorcidas, porquanto são relatos e visões de quem os escreve. Porém, neste trabalho, não se busca a realidade do cotidiano de Getúlio Vargas, mas o modo como esse cotidiano era apresentado pelo próprio presidente, ou seja, qual imagem se pretendia passar a partir dos escritos. Sabe-se que muitos de seus feitos foram “maquiados”, ou até mesmo “esquecidos” pela imprensa e, por consequência, pelo povo também. É justamente por isso que

neste trabalho se decidiu basear-se na hipótese de que houve uma construção em torno da imagem de Vargas.

No que lhe concerne, o reconhecimento de documentos como fonte e objeto de análise e pesquisa teve seu marco inicial no ano de 1970, “[...] período em que emergiram novas tendências historiográficas, revolucionando a historiografia para a incorporação de novos problemas, objetos e abordagens e redimensionando o olhar da História para o campo social, cultural e do cotidiano” (LEITE, 2015, p. 6). Portanto, com o advento da nova corrente historiográfica que ficou conhecida como Nova História, e que correspondente à terceira geração dos *Annales*<sup>49</sup>, houve uma renovação dentro da historiografia, principalmente em relação à utilização de fontes históricas e à interdisciplinaridade.

A Nova História passou a deixar de lado as visões tradicionais e a utilização da história unicamente através da narrativa, de maneira que outros campos passaram a ser explorados. Foi a partir de então que houve a valorização e a utilização dos documentos como fontes históricas, já que, nesses documentos, podem-se englobar os veículos de imprensa, como jornais, publicações, revistas, diários, livros de registro, entre outros. Conforme Leite (2015, p. 3), a década de 1970 foi marcada por críticas em relação à História tradicional, assim como pela ascensão de novos métodos com a Nova História. Sendo assim, a historiografia passou a ganhar novos rumos e olhares, abrindo espaço para a análise crítica de novos documentos. Desse modo, “Com a terceira geração dos *Annales*, a renovação marxista e principalmente as contribuições de Michel Foucault, a historiografia abre-se a proposta de novos objetos, problemas e abordagens” (LEITE, 2015, p. 3).

Efetivamente, abriu-se um leque de novas possibilidades, com um olhar mais aprofundado por parte dos historiadores para as contribuições históricas de novos tipos de fontes. Porém, o historiador deve tomar o cuidado de preservar uma postura crítica ao analisar e pesquisar determinadas fontes, sempre em busca da verdade. No caso aqui trabalhado, busca-se investigar qual a “verdade” que se pretendia transmitir a respeito Getúlio Vargas, por meio da análise de fontes escritas pelo próprio. São feitas reflexões relacionando os principais acontecimentos dos governos de Vargas e os escritos do próprio presidente em relação a esses acontecimentos.

---

<sup>49</sup> A Escola dos *Annales* foi um movimento historiográfico surgido na primeira metade do século XX, na França.

#### 4.1 As narrativas de Getúlio Vargas

Os diários de Getúlio Vargas foram lançados para o público no ano de 1995, apresentados por Celina Vargas (neta do ex-presidente). Celina alega que os diários estavam em poder de sua mãe, Alzira Vargas do Amaral Peixoto, juntamente com mais alguns objetos e documentos de seu avô. Os diários eram, na verdade, uma coleção de 13 cadernos, nos quais Vargas fez anotações diariamente entre os anos 1930 e 1942. Celina, valendo-se de uma frase do próprio avô, “Gosto mais de ser interpretado do que me explicar” (VARGAS, 1995, v. 2. p. 209), resolveu, juntamente com a Fundação Getúlio Vargas (FGV), reunir os diários e publicá-los em dois volumes, para que ficassem disponíveis para a leitura de todos os interessados. É necessário ressaltar que os diários foram publicados mantendo sua integridade respeitada, porém a ortografia foi atualizada.

Em verdade, saber da existência de tais diários suscita inúmeras dúvidas. Por que um homem tão importante e com tantos afazeres tiraria tempo, quase que diariamente, para escrever um diário? Afinal, será que Vargas teria a intenção de que mais alguém tivesse ciência desse material, e de que este viesse a público? Teria o ex-presidente utilizado esses diários como mais um de seus instrumentos de manipulação, com o propósito de colaborar com a construção de sua própria imagem, para que assim conseguisse entrar para a história, como ele mesmo escreve em sua carta-testamento<sup>50</sup>? Desse modo, com inúmeras perguntas sem respostas, procurou-se adentrar os escritos do ex-presidente, a fim de investigar suas intenções e suas visões sobre si mesmo e seu governo. Vale ressaltar que não se pretende aqui seguir uma linha cronológica de análise dos diários, mas tomar como referência questões levantadas ao longo do texto, analisando concomitantemente escritos das mais variadas datas e anos.

Em seus diários, Vargas escreve sobre seu dia a dia como presidente, seus afazeres, passeios, viagens, eventos, expõe alguns de seus temores e acontecimentos em sua vida, não só como presidente, mas também como homem, embora escreva pouco sobre sua família e vida pessoal. Por seu turno, esse fato motivou, no momento da pesquisa, outra pergunta: como uma pessoa que escreve um diário pode escrever tão pouco sobre si e sobre os seus sentimentos?

---

<sup>50</sup> A Carta-Testamento de Getúlio Vargas é um documento endereçado ao povo brasileiro, escrito por Getúlio Vargas horas antes de seu suicídio, em 24 de Agosto de 1954.

Outro fato que chama a atenção nos diários de Vargas é a proporção de seus escritos ao longo dos anos. Para justificar essa afirmação, abaixo apresenta-se uma pequena tabela, mostrando os anos em que foram escritos os diários e a quantidade de páginas que cada um deles contém.

**Tabela 1 - Demonstrativo de páginas escritas por ano**

Ano em que foi escrito:	Quantidade de páginas:
1930	38 páginas
1931	46 páginas
1932	86 páginas
1933	88 páginas
1934	90 páginas
1935	114 páginas
1936	112 páginas
1937	92 páginas
1938	88 páginas
1939	96 páginas
1940	82 páginas
1941	82 páginas
1942	32 páginas

**Fonte:** Quadro produzido pela autora. Dados obtidos através dos dois volumes de *Getúlio Vargas: Diário (1995)*.

Quando se analisa a tabela, pode-se observar a evolução das produções de Getúlio ao longo de seus 12 anos de escritos. Verifica-se que o pico de suas anotações ocorre entre os anos de 1935 e 1936, havendo uma redução gradativa a partir de 1937, com o advento do Estado Novo.

Sabe-se que, entre os anos de 1935 e 1936, Vargas vinha se preparando para o golpe de 1937, ou melhor, o contexto do governo de Vargas durante esse período vinha servindo como base para a implantação do Estado Novo. Talvez por

isso, Vargas tivesse maior necessidade de escrever durante esse período, visto que precisava “explicar” todo o contexto político e social da época, o qual estava alicerçando um novo golpe de Estado. Dessa maneira, Vargas estava deixando registrados os principais acontecimentos que norteavam e justificavam os eventos que estavam por vir. Já a partir de 1937, com o advento do Estado Novo, Vargas passou a escrever cada vez menos, possivelmente por não querer apresentar muitas de suas ações durante o período, e também pelo fato de passar a se mostrar cada vez mais “cansado e desanimado” com os rumos que o Brasil estava tomando.

Em linhas gerais, os escritos de Getúlio seguem um viés político, sendo seu tema principal justamente a política e seus afazeres na administração do país, mesmo viés que se enfoca no decorrer deste trabalho. Como já mencionado, a Nova História Política, segundo a concepção de Rosanvallon e Rémond, abrange o político contemplando a sociedade como um todo, em seus âmbitos social, político e cultural.

No que lhes diz respeito, diários são escritos pessoais em que as pessoas deixam registrados seus segredos mais íntimos, ou acontecimentos de seu cotidiano, dos quais não se espera que outras pessoas tenham conhecimento. No entanto, pode ser usado como um documento concreto e como fonte histórica de determinada época, pois poderá servir como prova ou testemunho, tanto em relação aos acontecimentos que foram ali escritos e descritos, como prova para elaborar a construção e caracterização do indivíduo que a escreve — pois o próprio ali se representa. Porém, Wichinheski (2014, p. 32) sustenta que o uso de diários como fonte histórica pode gerar controvérsias, já que, por ser algo íntimo, conta apenas as visões e sentimentos de seu autor. Desse modo, o conteúdo escrito nem sempre é fidedigno, podendo não expressar a realidade dos fatos.

Conforme Rangel e Pimenta (2009), sabe-se que Vargas não fez questão de explicar as razões concretas para a existência de seus diários, mas tinha muito cuidado para que estes não viessem a público ou caíssem em “mãos erradas”, que pudessem utilizar suas próprias palavras contra ele. Isso pode ser confirmado em seus escritos registrados entre 15 de abril e 5 de maio de 1941, onde escreve: “Perdi minhas notas e observações, ou antes, o pequeno bloco que as continha e que me acompanhou na viagem a São Lourenço. Tê-lo perdido não é o pior, mas cair nas mãos de pessoas que podem explorá-los” (VARGAS, 1995, v.2, p. 392).

Sobre o fato de Vargas fazer anotações em seus diários, podem-se verificar os escritos de Remédios (2005, p. 2), nos quais a autora acrescenta que os diários foram, na verdade, um projeto arquitetado e centrado apenas em Vargas, que escreve a cada dia sobre si próprio como homem e político. Remédios ainda afirma que o próprio Vargas diz que, pelo fato de estar escrevendo para si mesmo, ele não precisa se explicar e nem mesmo se justificar, pois compreende os fatos descritos, já que ele mesmo os viveu e escreveu.

Ademais, segundo a autora, Vargas não tinha intenção de que seus diários fossem lidos por outras pessoas, porque escrevia para si mesmo, algo por ele alegado ao longo de seus escritos — e, por esse motivo, não necessitaria de justificações explícitas. Porém, ao ler os diários, percebe-se que ele não escreve como alguém que escreve para si, mas para o outro, uma vez que, ao contrário do que se diz, em inúmeras passagens escreve sobre determinados acontecimentos justificando-se, parecendo estar preocupado em dar explicações sobre tudo que era falado sobre ele.

Getúlio iniciou seus escritos em 3 de outubro de 1930, com a seguinte anotação:

Se todas as pessoas anotassem diariamente num caderno seus juízos, pensamentos, motivos de ação e as principais ocorrências em que foram parte, muitos, a quem um destino singular impeliu, poderiam igualar as maravilhosas fantasias descritas nos livros de aventura dos escritores da mais rica fantasia imaginativa. O aparente prosaísmo da vida real é bem mais interessante do que parece. Lembrei-me que, se anotasse diariamente, com lealdade e sinceridade, os fatos de minha vida como quem escreve apenas para si mesmo, e não para o público, teria aí um largo repositório de fatos a examinar e uma lição contínua da experiência a consultar (VARGAS, 1995, v.1, p.3).

Nessa passagem, Vargas mostra sua intenção em guardar seus escritos para si, assume sua identidade e seu futuro lugar na história, e demonstra que ainda teria histórias e acontecimentos importantes para contar. A partir de então, seus diários passariam a ser sua memória, que se preservaria mesmo após sua morte. São seus feitos escritos por ele mesmo, e não contados por outras pessoas ou veículos de mídia.

Com efeito, o marco inicial dos diários por si só faz refletir. Como já mencionado, Vargas iniciou suas anotações em 3 de outubro de 1930, dia da Revolução, ao que sua própria neta Celina observa que o avô escreve como “[...]”

preunciando o papel histórico que lhe caberia na vida do país” (VARGAS, 1995, v.1, p. IX). Assim, nota-se que Vargas preferiu não anotar os antecedentes da Revolução, e apenas escreve sobre suas dúvidas e acontecimentos a partir desse determinado dia. Em uma das passagens do dia 30 de outubro, registra o seguinte pensamento: “[...] a minha sorte não me interessa e sim a responsabilidade de um ato que decide o destino da coletividade. Mas esta queria a luta, pelo menos nos seus elementos mais sadios, vigorosos e ativos” (VARGAS, 1995, v.1, p. 4). Essas palavras podem dar a entender que não era Vargas quem queria a Revolução, e que ele apenas estava empreendendo o ato por ser um elemento sadio e necessário para os destinos da sociedade, sendo esta, segundo ele, que ansiava pela revolução e pelas mudanças que estavam por vir.

Em outra passagem, em 20 de novembro, Vargas faz a seguinte afirmação:

Bem amargas deveriam ser as reflexões do dr. Washington Luís. Recordei-me que muito mais havia eu sofrido em torturas morais, pela quebra de amizades e compromissos resultantes da campanha da Aliança, e pelas perspectivas e ameaças que de futuro poderiam advir, acarretando prejuízos e desgraças para o Rio Grande e para os que o acompanharam, e tudo ser atribuído a mim, como responsável. Quantas vezes desejei a morte como solução da vida. E, afinal, depois de humilhar-me e quase suplicar para que os outros nada sofressem, sentindo que tudo era inútil, decidi-me pela revolução, eu, o mais pacífico dos homens, decidido a morrer. E venci, vencemos todos, triunfou a Revolução! Não permitiram que o povo se manifestasse para votar, e inverteram-se as cenas. Em vez de o Sr. Júlio Prestes sair dos Campos Elísios para ocupar o Catete, entre as cerimônias oficiais e cortejos dos bajuladores, eu entrei de botas e esporas nos Campos Elísios, onde acampeei como soldado, para vir no outro dia tomar posse do governo no Catete, com poderes ditatoriais. O Sr. Washington Luís provocou tormenta, e esta o abateu. Dizem que o destino é cego. Deve haver alguém que o guie pela mão! (1995, v. 1, p. 27).

Nesse trecho, Vargas aparenta ser um homem sofrido e injustiçado, que optou pela revolução para impedir o sofrimento do povo. Mesmo sendo um homem pacífico, entraria nessa empreitada, e inclusive, se necessário, daria sua vida pela causa e pela pátria. Ao final, ainda dá a entender que a sociedade precisa de um guia, alguém que lute por ela e por boas mudanças. Esse guia seria considerado um herói? E esse herói seria o próprio Vargas? Sobre essa passagem, pode-se recorrer aos escritos de Wichinheski (2014, p. 40-41), em que o autor afirma que Vargas se coloca como um herói da nação, que coloca sua reputação política e vida em risco por ter que assumir o país de forma ditatorial — e não seria isso o que ele queria. O autor também afirma que Vargas dá a ideia de heroísmo, alegando que abdicava de

seus próprios interesses privados e arriscava tudo para que a revolução pudesse sair vitoriosa, pois, segundo Getúlio, era isso que o povo almejava. De fato, ao longo de seus escritos, Vargas mencionou que daria sua vida pela pátria, ou que preferia morrer a tomar alguma decisão que prejudicasse os destinos do país, mostrando-se como alguém que estava disposto a doar a sua vida em troca do bem da pátria.

Já na presidência, Vargas relatou, ao longo das páginas de seus diários, seus extensos compromissos, mostrando-se muito compromissado e atarefado, alegando que dava a sua vida pela pátria. Portanto, Vargas não era mais o homem, mas o político, que deixava sua vida e sua família de lado, em prol de seus afazeres como presidente. Falou de despachos, audiências, recepções, fazer e receber visitas. Deixou claro que recebia muitas pessoas importantes, deixando de lado sua vida particular, cuidando de quase todas as questões políticas e administrativas pessoalmente. Tudo isso pode ser verificado em alguns de seus escritos datados entre 13 e 15 setembro de 1938:

Dia 13: Atendi a diversas audiências e regresssei ao Guanabara, onde despachei volumoso expediente, trabalhando até tarde da noite. Dia: 14 Foi um dia de muito trabalho. Recebi os ministros da Fazenda, Trabalho, Prefeitura e o presidente do Banco do Brasil. Recebi depois várias audiências, só regressando ao Guanabara às 18 horas, trazendo uma volumosa papelada, principalmente processos da Fazenda a despachar, o que me consumiu o tempo até depois da meia[-noite], depois de tudo despachado. Recebi antes o ministro do Exterior, que mandara chamar para tratar assuntos de serviço. Dia 15: Despacho com os ministros militares. Entre as audiências do dia, recebi os oficiais recém-promovidos, que vieram apresentar-se, e o Conselho Nacional do Petróleo, recém-organizado. À noite, trabalhei, como de costume, despachando o expediente (VARGAS, 1995, v.1, p. 157).

Nessa passagem, também é possível perceber que Vargas faz questão de mostrar que estava envolvido nas mais variadas questões de administração do país, sacrificando seus dias e horas pelas questões da nação. Era como se o país girasse em torno dele, e a vida dele em torno do país, como se vê nos escritos de 20 de março de 1941: “Trabalhei, à noite, despachando todo expediente do dia” (VARGAS, 1995, v.2, p. 471).

Quase sem tempo para o descanso, trabalhava durante a noite, aos finais de semana e até mesmo feriados, conforme se verifica nos registros entre os dias 4 e 5 de março de 1933: “Sábado e domingo deveriam ser dias de repouso, mas [não] chegaram a ser. A mulher e os filhos foram para a cama, atacados da gripe. Além da

assistência que lhes devia, aproveitei para trabalhar, despachando um longo expediente” (VARGAS, 1995, v.1, p. 192). E no dia 2 de novembro de 1939: “Sendo feriado, não saí de casa e aproveitei para trabalhar, pondo em dia todo o serviço atrasado” (VARGAS, 1995, v.2, p. 267).

Vargas ainda relatou que não deixou seus compromissos nem quando enfermo, por vezes recebendo visitas no hospital ou em seu leito. Escreveu em 8 de março de 1933 que “Embora cansado e indisposto, o dia foi bastante trabalhoso” (1995, v.1, p. 193). Ainda relatou que, após um acidente de carro sofrido em 15 de abril de 1933, mesmo estando imobilizado em seu leito por causa de fraturas em suas pernas, continuava com seu trabalho e recebendo visitas.

Continuo na minha imobilidade forçada, escrevendo estas notas deitado no leito. Hoje, porém, sentei-me e, sobre a mesinha em que colocam a comida para as refeições assinei os decretos sobre os fiscais do imposto de consumo e alguns decretos do ministério da Viação (VARGAS, 1995, v.1, p. 208).

Outrossim, nos escritos de 2 de outubro de 1939, Vargas ainda ressaltava que, mesmo não estando bem, não deixava de trabalhar: “Continuo não me sentindo bem. Há uma descompensação orgânica. Não chamo médico. Retorno ao trabalho normal, mas faço-o um tanto mecanicamente, sentindo as pulsações descompassadas do coração” (VARGAS, 1995, v.2, p. 259). Já em seus escritos de 29 de abril de 1936, Vargas salientou que “Estas breves anotações não refletem geralmente a soma de trabalho que recai diariamente sobre um presidente da República” (VARGAS, 1995, v.1, p. 501), parecendo afirmar que, embora escrevesse bastante sobre seu dia a dia no trabalho, ainda assim o que escrevia era pouco em relação a tudo que de fato ele fazia em suas obrigações como presidente, o que escreve seriam apenas detalhes e relatos de forma resumida.

Algo recorrente ao longo de suas anotações também era a presença constante em eventos. Conforme já mencionado no capítulo anterior, Vargas se fazia presente em muitas festividades, cerimônias, formaturas, inaugurações, churrascos e banquetes, tendo registrado suas participações em suas anotações, como se pode ver nos trechos dos dias 29 a 31 de maio de 1931: “Domingo, compareço à grande festa religiosa consagradora de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, e à noite vou ao Instituto Constant assistir à passagem de uma fita cinematográfica da inspeção das fronteiras, feita pelo general Rondon” (VARGAS, 1995, v.1, p. 64). Nos

dias 18 e 19 de novembro de 1932:

O dia da Bandeira foi grandemente festejado. Ocupei-o fazendo visitas e assistindo festividades. Pela manhã, fui ao Grupo-Escola, ao meio-dia, à solenidade de hasteamento da bandeira, pela prefeitura, no Russel, e à tarde, ao Colégio Militar e ao de Educação Física, em São João. À noite compareci à patiscada da festa das medalhas ao general Valdomiro (Vargas, 1995, v.1, p. 154).

No decorrer dos escritos, continuou anotando sobre sua vida atarefada e cheia de compromissos, aos quais fazia questão de estar presente, sendo possível observar, entre os dias 8 e 10 de abril de 1933: “Domingo fui ao churrasco em casa do desembargador Alencar” (VARGAS, 1995, v.1. p. 202). De 25 de dezembro de 1938: “Após o churrasco fomos ao *golf*, não chegando a completar a partida pela necessidade de regressar para outra solenidade” (VARGAS, 1995, v.2, p. 184), e de 5 de janeiro de 1939: “Pela manhã comparecia às cerimônias de entrega de diploma dos oficiais que tiraram o curso na Escola Técnica do Exército” (VARGAS, 1995, v.2, p. 190). Possivelmente utilizando-se do ditado “quem não é visto não é lembrado”, fazia questão de escrever sobre o quanto se interessava em se fazer presente nos mais variados eventos, estando ao lado dos mais diversos setores da sociedade, em muitos momentos. Assim, demonstrava se importar e se preocupar com os interesses da população, por mais ínfimos que fossem.

Algo bastante visível nas anotações de Getúlio são as passagens em que este faz questão de descrever o quanto era bem recebido nos locais por onde passava ao longo de seus governos. Era ovacionado, recebido com flores, cortejos e festejos, algo bem aparente em passagens dos primeiros dias de outubro de 1930, quando escreve que, em viagem rumo ao teatro de operações no Paraná e depois prosseguindo viagem a São Paulo, era recebido com entusiasmo pelo povo dos lugares por onde passava. Fez menção a “manifestações populares”, “delírio coletivo da multidão”, “demonstrações entusiásticas do povo”, “comissões municipais vêm cumprimentar-me”, “grupo numeroso entusiasta esperava-me” e “grandes aglomerações”. Com essas palavras, Vargas parecia querer demonstrar que o povo estava contente e satisfeito com os rumos da revolução de 1930, já que essas passagens se referem a outubro daquele ano. Dessa maneira, estariam a vê-lo como um herói que trazia as esperanças que o povo tanto almejava em relação ao futuro do país, sendo já amado e adorado por muitos.

Em várias outras passagens, Vargas continuou anotando informações sobre as recepções à sua pessoa. Entre 29 de agosto e 3 de setembro, por exemplo, em viagem a Minas Gerais, apesar de algumas pessoas e até mesmo os jornais da oposição o terem alertado que seria vaiado em alguns lugares, disse ele:

Devo, porém, declarar que a recepção que tive, não somente de elementos oficiais, mas do povo, em todas as suas classes, foi de franca simpatia, acolhimento carinhoso e entusiástico. Recebido entre aplausos, retirei-me também calorosamente aplaudido. Não sou vaidoso, não cortejo essas demonstrações, mas elas são as únicas recompensas na vida dos homens públicos. (VARGAS, 1995, v.1, p. 419).

Pode-se ver essa imagem de “bem visto” pelo povo em outra passagem, de 2 de agosto de 1941, onde se lê: “Quando, após o desfile, regressei a palácio, grande multidão encheu a praça fronteiria, aclamando-me ruidosamente [...]. Atravessamos algumas povoações, sempre recebidos festivamente” (VARGAS, 1995, v.2, p. 412).

Nessas passagens, é perceptível a preocupação de Vargas em deixar claro o quanto era bem visto. Mesmo com a oposição falando mal de seus atos e personalidade, o povo o amava e festejava seus feitos ao longo de seus governos.

Retomando suas anotações em relação aos seus governos, como já mencionado no capítulo anterior, após a Revolução de 1930 muitas pessoas ficaram insatisfeitas com as ações políticas de Vargas, principalmente as velhas oligarquias de São Paulo e Minas. Conforme Wichinheski (2014), muitos políticos tradicionais também mostravam grande descontentamento e pediam pela constitucionalização. À medida que Vargas implantava suas reformas governistas, era visível o aumento da insatisfação e a iminência de um movimento contrário ao governo. Desse modo, Vargas passou a se sentir ameaçado, o que pode ser ratificado em texto de abril de 1931:

Nota-se um movimento civil de políticos em favor do constitucionalismo. Tomam parte os libertadores do Rio Grande, os democráticos de São Paulo, os partidários de Arthur Bernardes em Minas e outros grupos. O ministro da Justiça pressente uma campanha que ele chama de descrédito contra mim, uma conspiração nesse sentido (VARGAS, 1995, v.1, p. 59).

Dando continuidade à narração, salientou:

Foram dias penosos e cheios de confusão. São Paulo continua sendo um ponto de inquietação e ameaças. Murmura-se sobre conspirações [...], crise militar entre o ministro da Guerra e oficiais revolucionários descontentes como o ministro sobre a promoção de generais, ataques azedos do *Correio da Manhã* contra o governo. Poderá este manter-se sem luta? Estamos atravessando hora grave em que é preciso decisão (VARGAS, 1995, v.1, p. 61).

Com esses escritos, Vargas parecia estar dando justificativas para, quem sabe, uma possível mudança no governo, com ações centralizadoras para que assim fosse possível acalmar os ânimos dos revolucionários e conter os conspiradores, concedendo a si o poder de decisão sobre os rumos do país.

Entre 1930 e 1932, em relação aos boatos de conspiração das velhas oligarquias que lhe queriam tirar do poder, Vargas escreveu inúmeros trechos em que alega haver boatos de uma intenção de ditadura por parte dos militares e revolução por parte das velhas oligarquias. Diz, no texto de 12 de dezembro de 1930: “Continuam os boatos de conspiração no Exército, no sentido de uma ditadura militar. Não tomo providencia alguma, por descreer dos boatos” (VARGAS, 1995, v.1, p. 32). Depois, em 6 de setembro de 1931: “Osvaldo vem afirmar-me que a ideia de ditadura ganha terreno. São os oficiais que a preparam [...]. Afirma-se que o governo mineiro está combinado para este fim com conspiradores da capital” (VARGAS, 1995, v.1, p. 71). Em seguida, entre 15 e 20 de setembro, afirma que “Estabelecida a censura da imprensa, reunião do grupo revolucionário no Guanabara para troca de impressões, diminuem os boatos de revolução e ditadura militar” (VARGAS, 1995, v.1, p. 72). Porém, entre 22 e 24 de junho de 1934, segue falando sobre boatos de conspiração: “Continuam as denúncias sobre conspiração” (VARGAS, 1995, v.1, p. 303).

Contudo, nem só de boatos de conspiração das oligarquias ou dos opositores se queixava Vargas, ele também mencionou muito o fato de seus amigos o terem abandonado e traído ao longo de seus governos e viradas políticas. Por vezes, reclamava da deslealdade de amigos, de conspirações e do descontentamento de alguns oficiais e pessoas de seu círculo de amizade. A esse respeito, lê-se, na citação do dia 20 de maio de 1933:

Todas essas coisas e, principalmente, as manobras ocultas de pessoas que se diziam meus amigos. E essa falta de franqueza tanto mais me desgosta porque nunca fui um postulante de candidatura, nunca me apresentei como tal para a eleição próxima (VARGAS, 1995, v.1, p. 212).

Sobre essa argumentação de Vargas, pode-se reforçar que muitos daqueles que o ajudaram a chegar no poder foram-lhe realmente abandonando ao longo dos tempos. De fato, a contradição nas ações e falas de Vargas, seus golpes para se manter no poder e a questão do não cumprimento de muitas promessas da Aliança Liberal aos aliados políticos — em relação a cargos públicos e regalias dentro do governo — acabaram por culminar em muitas traições e afastamentos.

No entanto, como é possível perceber em algumas passagens de seus escritos, mesmo perdendo apoio e com muitos lhe querendo tirar o poder, o presidente estava ciente de seus atos, alegando que tudo se justificava em nome do “bem-estar” da população e da pátria. Alegou ele em reflexão do dia 6 de setembro de 1931: “Estou bem com a minha consciência no sincero esforço empregado para melhorar a situação do país” (VARGAS, 1995, v.1, p. 71).

Em algumas passagens dos diários, vê-se também certo ar de solidão, ou até mesmo sofrimento e isolamento. Soa controverso, por se tratar de alguém tão presente e tão amado pelo povo. Sobre isso, escreveu em 3 de maio de 1933:

Passei a noite com insônia. Com frequência, vieram-me ao pensamento as ameaças de um antigo amigo, hoje rancoroso e despeitado inimigo, prometendo escrever um livro contra mim, divulgando correspondência secreta. Trata-se de um caso de *chantage* (VARGAS, 1995, v.1, p. 209).

Vargas ainda se defendia das conspirações, afirmando que todas as tensões e complicações no bom andamento do país eram culpa dos conspiradores revolucionários e opositores, algo perceptível em seus escritos também do dia 3 de maio de 1933:

Realizou-se o grande pleito. Está cumprida a palavra do Governo Provisório, apesar de todas as descrenças e dos embaraços criados por uma paradoxal Revolução Constitucionalista, feita preventivamente para realizar uma constitucionalização já com data marcada. As notícias de todo o país informam que o pleito se realizou em contemplada ordem e plena liberdade-concorrência numerosa e entusiasmo. Antes assim. Os jornais da capital trazem informações muito lisonjeiras sobre o pleito e a correção de atitude do governo (VARGAS, 1995, v.1, p. 208-209).

Aqui fica clara a intenção de Vargas em culpar os revolucionários por todos os problemas que o país vinha enfrentando ao longo do Governo provisório, alegando que lutaram por algo que já estava marcado para acontecer. Sendo assim, não foram as circunstâncias e nem os conflitos contra ele e o governo que o obrigaram a

convocar a constituinte e promulgar a nova Constituição, já que esta “já era sua intenção” desde o início.

Em relação às eleições de 1934, que se aproximavam, Vargas passou a se mostrar alheio aos acontecimentos. No início de janeiro, alegou que “[...] na véspera, reuniram-se no Guanabara Flores, Juraci, Lima Cavalcanti e Medeiros Neto, discutindo a necessidade de fazer agora a eleição de presidente, que era, no fundo, o maior motivo das crises<sup>51</sup>. Abstive-me a opinar” (1995, v.1, p. 262). Depois, no dia 22 de fevereiro, ao receber a visita do deputado de São Paulo Macedo Soares, dá a entender que não estava planejando continuar no poder e nem estava pensando nisso, o que pode ser visto no seguinte trecho, sobre a conversa com o deputado: “Trazia uma proposta, com garantia de aceitação geral por parte de São Paulo de votação imediata da Constituição, para depois eleger-se o presidente. Respondi-lhe aceitar qualquer proposta, pois eu não estava pleiteando coisa alguma” (VARGAS, 1995, v.1, p. 271).

Ainda “alheio” aos assuntos da constituição e da próxima eleição, em 28 de fevereiro de 1934, escreveu: “Continuam as *démarches* na Constituinte para apressar a Constituição e eleger-se o presidente da República. Tenho procurado manter-me alheio às combinações” (VARGAS, 1995, v.1, p. 272).

Sobre a nova Constituição, entre 3 e 4 de março de 1934, Vargas alegou ter recebido o projeto. Ao lê-lo, afirma não ter tido uma boa impressão: “Achei-o um tanto inclinado ao parlamentarismo, reduzindo muito o poder do Executivo e, principalmente, complicando a máquina burocrática, de modo a dificultar a administração” (1995, v.1, p. 273). Mostrava, portanto, que essa forma de governo não seria a melhor opção para o país, que agora necessitava de um governo autoritário. Estava, desse modo, preparando o terreno e já justificando as ações que estavam por vir, prova disso são seus escritos do dia 20 de março de 1934, quando mencionou que continuavam os boatos de conspiração de reacionários:

---

<sup>51</sup> Diversos líderes de bancadas estaduais tentaram promover uma reforma no Regimento Interno da Constituinte, de modo a inverter a ordem dos trabalhos, elegendo-se o presidente da República antes da votação do texto da constitucional. Esta fórmula, conhecida como “Indicação Medeiros Neto”, não teria êxito.

Nesse íterim, aparece o general Rabelo, que diz ter conversado com o general Góis, estando este de acordo em dar um golpe de Estado para dissolver a Constituinte e outorgar-se ao país uma Constituição nos moldes da que Júlio de Castilhos deu ao Rio Grande. Traz uma proclamação em nome do Exército e da Marinha, e diz que eu devo dar esse golpe para evitar a revolução. Prometo examinar o caso, mas digo-lhe que é preferível tentar junto à própria Constituinte melhorar o projeto em discussão (VARGAS, 1995, v.1, p. 279).

Nessa passagem, parece querer ainda mais justificar suas futuras ações. Escreve como se estivesse sendo compelido a algo, como se as circunstâncias das tensões o estivessem obrigando a tomar atitudes drásticas, às quais ele não queria precisar recorrer.

Já no dia 17 de julho de 1934, Vargas escreveu que saiu vitorioso das eleições, porém, parece não estar muito entusiasmado. Fora eleito de forma indireta por integrantes da Assembleia Constituinte, dando início ao Governo Constitucional, ao que alega que seu desejo era de organizar um governo prestigiado pelo apoio de todo o país, e que “[...] não tinha ressentimentos nem má-vontade em se tratando de servir ao interesse do país” (VARGAS, 1995, v.1, p. 307). Nesse trecho, Vargas parece dar a entender que, se fosse pelo bem da pátria, faria alianças até mesmo com seus opositores e conspiradores.

Por outro lado, entre 24 e 25 de novembro de 1935, falou sobre as rebeliões de comunistas, afirmando que o governo havia pedido estado de sítio, e que os votos das bancadas estavam divididos entre favoráveis e contrários:

Termo material da luta. Boatos de origem comunista procurando lançar a suspeita em outras unidades da tropa, anunciando revoltas fictícias, pretendendo manter um estado de inquietação e alarma, para o que contribuem os rádios clandestinos (VARGAS, 1995, v.1, p. 448).

E assim, ao longo de seus escritos, Vargas passava a demonstrar as proporções trágicas que a revolta comunista estava tomando, frisando as vidas perdidas em função dos conflitos. Em uma passagem do dia 28 de novembro de 1935, escreveu sobre “Sepultamento dos oficiais mortos em defesa da ordem” (VARGAS, 1995, v.1, p. 448). Entre 29 e 30 do mesmo mês, sustentou que “A reação do espírito público contra os rebeldes e as crueldades praticadas está a exigir um castigo exemplar. No sentido de trocarmos ideias sobre a aplicação da Lei de Segurança Nacional” (VARGAS, 1995, v.1, p. 448). E é então que Vargas passou a apelar ao lado sentimental do povo, alegando que as crueldades dos rebeldes

mereciam um castigo, ou seja, o movimento comunista deveria ser desarticulado e seus líderes condenados.

Em finais de 1935 e início de 1936, Vargas seguiu falando sobre o estado de sítio e a situação dos rebeldes, que passa a ganhar maiores proporções. Sobre isso, em 21 de novembro de 1935, anotou: “Durante o dia é aprovada na Câmara, e à noite, no Senado, por grande maioria, a prorrogação do sítio e a autorização para declarar o estado de guerra” (VARGAS, 1995, v.1, p. 457). Posteriormente, em 19 de março de 1936, escreveu:

Após explicar o motivo da reunião, que era combinar medidas para a repressão do comunismo ante o atual momento, dei a palavra ao chefe de Polícia. Este, baseado na documentação apreendida após a prisão de Luís Carlos Prestes, no andamento do processo conspiratório e em novas articulações, considerava o momento grave e acentuava a necessidade de providências enérgicas (VARGAS, 1995, v.1, p. 488).

E, em um longo trecho no mesmo dia, ainda salientou:

O deputado Adalberto Correia expôs longamente o ponto de vista da Comissão, os tropeços criados pelo Judiciário, a necessidade de medidas extremas, até de fuzilamento, a ação do prefeito Pedro Ernesto, que deve [ser] preso, a necessidade de decretar o estado de guerra e de ir mesmo até um golpe de Estado e reformar a Constituição. Falaram depois todos os outros: os militares, no ponto de vista de medidas enérgicas; o ministro do Trabalho, expondo a ação do seu ministério no meio proletário e as medidas tomadas na conformidade da Lei de Segurança; e o ministro da Justiça, defendendo o ponto de vista de enquadrar os atos do governo dentro das disposições legais. [...] ficou assentado que, ao terminar o prazo de estado de sítio, se declarasse estado de guerra (VARGAS, 1995, v.1, p. 488).

Nessas passagens, percebe-se que Vargas pretendeu mostrar que não era apenas ele que acreditava ser necessário tomar providências enérgicas para conter o comunismo e os opositores de governo. Alegava que uma saída para os conflitos seria um golpe de Estado e a reforma da Constituição, porém justifica que essa não foi uma ideia sua, mas que talvez fosse o melhor meio para conseguir conter as crises e conflitos políticos em que o país se encontrava.

Ao longo de 1936, Vargas seguiu falando de boatos de conspirações e rebeliões. Até que, em setembro de 1937, falou sobre a declaração do estado de guerra, sendo esta a única maneira para assegurar a lei, conforme texto do dia 7 de setembro daquele ano: “Não é mais possível recuar. Estamos em franca articulação para um golpe de Estado, outorgando uma nova Constituição e dissolvendo o

legislativo” (VARGAS, 1995, v.2, p. 82). Nessas frases, o presidente parece querer mostrar que já não havia mais o que ser feito, e que o golpe era a única saída cabível, justificando, mais uma vez, seus atos em nome do bem da nação. Nessa linha, escreveu também em 3 de dezembro de 1937: “Pela manhã eu assinara o decreto dissolvendo os partidos e a Ação Integralista. Houve desgosto e inquietação entre estes. Não tive, porém, o propósito de hostilizá-los. Foi um ato de governo necessário (VARGAS, 1995, v.2, p. 90).

Nos primeiros meses de 1937, verifica-se que Vargas escreveu trechos menores do dia a dia e também parecia mais deprimido. Em várias passagens, o presidente mostrava-se bastante cansado, e desanimado também com sua vida particular: “Dias amargos e de inquietação na vida particular” (VARGAS, 1995, v.2, p. 67). Nesse ano, Vargas passou também a escrever mais sobre sua vida particular e seus encontros com a “bem-amada”, sua amante, ou uma delas. Segundo ele mesmo, esses encontros eram os únicos momentos de alegria que tinha em sua vida naquele momento, a respeito do que escreve em 16 de novembro de 1937: “Terminado o expediente, fui ver a bem-amada. Derivativo para uma vida de trabalhos e hostilidades” (VARGAS, 1995, v.2, p. 93). Por meio dessas passagens, percebe-se que, de certa forma, Vargas parecia querer se fazer de vítima, sofredor, alguém que, como ele mesmo afirma, dá a sua vida pela pátria, enquanto esta só lhe dá trabalhos.

Ademais, em junho de 1938, Vargas escreveu sobre boatos de um novo movimento revoltoso contra o governo: “O próprio chefe de Polícia, pessimista e alarmado, apresenta um relatório de trabalhos feitos no Exército e na Armada para uma próxima revolta, além do trabalho de inquietação pública constante” (VARGAS, 1995, v.2, p. 138). E assim seguiu ao longo de 1938, com novas ondas de boatos, ao que Vargas comentaria em 16 de fevereiro: “Ontem foram-me trazidos pelo capitão Alencastro Guimarães. Procuo evitar esses informes porque me tomam o tempo para tratar da administração e existem órgãos próprios de vigilância do Estado a quem compete resolver” (VARGAS, 1995, v.2, p. 109).

Em 29 de maio de 1939, Vargas continuou falando sobre conspirações e investidas contra a sua pessoa, e do quanto se sentia só e abandonado.

A campanha de boletins infames contra mim é muito grande. Confesso que estou apreensivo com estas conspirações e a falta de coesão entre os elementos que apoiam o governo. Estou à mercê do Exército, sem força que o controle, e sem uma autoridade pessoal e efetiva sobre ele. Estou só e calado, para não demonstrar apreensão. As próprias pessoas da minha família passeando, na maior despreocupação. O inimigo esparso e difuso procura diluir as resistências (1995, v.2, p. 226).

Já em junho de 1939, o presidente passou a discorrer sobre seus projetos do Estado Novo, mencionando alguns dos mais importantes. No entanto, não deu muitos detalhes de suas ações: “Estou examinando vários e importantes projetos-revisão do Código Administrativo, colônias militares, Lei de Sindicalização, Justiça do Trabalho, etc.” (VARGAS, 1995, v.2, p. 229). Em setembro do mesmo ano, falou sobre a Segunda Guerra Mundial, mencionando os decretos de neutralidade em relação aos países em guerra.

Em 19 de abril de 1940, Vargas fez questão de mencionar os festejos de seu aniversário: “Pelos jornais do dia, recebidos do Rio, e pelo rádio, tivemos conhecimento das comemorações do meu aniversário” (1995, v. 2, p. 309). Entretanto, não mencionou que o DIP houvera decretado que a ocasião seria comemorada como uma data nacional, tendo que ser celebrada com festejos, desfiles, publicações na mídia e pelo rádio, sendo essa mais uma ferramenta que contribuiria para a construção da imagem do bom presidente que todos amavam e vangloriavam.

Não obstante, no dia 1º de maio de 1940, durante as comemorações do dia do trabalho, Vargas aproveitou-se do momento para discursar e comunicar aos trabalhadores sobre a instituição do salário mínimo: “[...] à tarde, sigo com o ministro do Trabalho para as festas comemorativas do dia, no estádio do Vasco da Gama. Muita gente, muitos aplausos, discursos” (1995, v. 2, p. 310). Nessa passagem, Vargas revela como sabia se aproveitar das situações para fazer propaganda para o seu governo, pois o que haveria melhor do que uma festa para os trabalhadores, para lhes dar a boa notícia da instituição do salário mínimo? Certamente não haveria momento mais oportuno para um discurso.

Mais tarde, em 3 de novembro de 1940, após as comemorações pelo décimo aniversário de seu governo, escreveu:

Assim encerrou-se esse aniversário do meu décimo ano de governo. Permaneci esse tempo não por amor ao governo, mas pelo desejo de servir ao meu país, de realizar um plano de administração e de criar a estrutura de um regime e de uma mentalidade que melhor se adapte às razões do seu triunfo. Se não conseguir levar a termo esses objetivos, terei fracassado, pelo menos em parte (VARGAS, 1995, v. 2, p. 349).

Vargas deixa claro que não amava a presidência, mas o país, estando disposto a fazer de tudo por ele. Também pareceu justificar suas ações no Estado Novo em prol do bom seguimento da nação, dando a entender que o seu regime de governo era algo necessário para aquela sociedade e época.

Encerrando o ano de 1941, Vargas escreveu: “Nesta aparente alegria, encerrou-se 1941, cheio de apreensões. Penso muito menos em mim do que no Brasil” (1995, v. 2, p. 446). Demonstrava, mais uma vez, como sua vida particular e seus anseios se encontram em segundo plano, pois só pensava no bem-estar da nação, e não em si mesmo.

Já no início do ano de 1942, Vargas mostrou-se apreensivo e preocupado com as questões da Segunda Guerra Mundial, pois, como se sabe, após permanecer neutro em relação aos combates, mesmo já tendo se declarado solidário aos Aliados, neste ano o Brasil finalmente cortou as relações com o Eixo. Sobre isso, Vargas afirmou, no dia 20 de janeiro de 1942, em resposta ao presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt: “Respondi-lhe que ele poderia contar com o Brasil, mas que, nessa decisão, eu jogava a minha vida, porque não sobreviveria a um desastre para a minha pátria” (VARGAS, 1995, v. 2, p. 454). Percebe-se a preocupação de Vargas com os destinos do país, reafirmando que daria sua vida caso algo ruim ocorresse com a pátria devido a sua decisão de apoio aos Aliados.

Após o dia 30 de abril de 1942, escreveu apenas mais uma anotação em seu diário, provavelmente no final de setembro:

A 1º de maio descii para o Rio, com o propósito de comemorar esse dia no grande comício dos trabalhadores no estádio do Vasco da Gama. Um incidente de automóvel imobilizou-me no leito durante vários, vários meses. Só a 27 de setembro regressei a Petrópolis para transportar partes das coisas que ficaram no Rio Negro. Quantos acontecimentos de grande transcendência ocorreram na vida do Brasil. Aqui chegando, tracei rapidamente estas linhas, dando por encerradas as anotações. Para que continuá-las após tão longa interrupção? A revolta, o sofrimento também mudou coisa dentro de mim (VARGAS, 1995, v. 2, p. 477).

Assim, Vargas encerrou os escritos em seus diários, em um momento crucial

para a história do Brasil e para os destinos de seu governo. Com efeito, sabe-se que, após a entrada do Brasil na guerra ao lado dos Aliados, muito se questionou sobre o caráter do presidente, que até então pregava em seu regime de governo algumas concepções e ideologias que eram defendidas por Itália e Alemanha (países que faziam parte do Eixo). É provável que Vargas não tivesse conhecimento das proporções que a entrada na guerra tomaria, de modo que, após 1942, o governo de Vargas recebeu intensos ataques de seus opositores. A campanha contra o presidente passou a fervilhar, e o potente Estado Novo começou a declinar. Seria esse o motivo de Vargas ter decidido encerrar seus escritos?

Após analisar os diários, continuam as perguntas sem respostas, pois, se os escritos de Vargas eram para si, por que ele se explicou em inúmeras passagens? Por que justificou tanto algumas de suas ações (principalmente as mais enérgicas), alegando que tudo era em prol do bem do país? Por que não escreveu mais sobre sua família e sentimentos? Ou será que a resposta a essas perguntas não seria o fato de que esses diários não foram escritos apenas para uso pessoal, mas para que mais pessoas o pudessem ler? Ora, se assim não fosse, por que o presidente, ao longo dos 12 anos de escritos, fez questão de deixar clara sua importância para os destinos da nação — outorgando a si essa responsabilidade de ser o guia do povo brasileiro, sendo o único capaz de trazer a mudança que o povo tanto almejava?

## 5 CONCLUSÃO

No decorrer deste trabalho, buscou-se analisar como se deu a construção da imagem de Getúlio Vargas. Para isso, propusemo-nos a analisar os diários escritos pelo próprio presidente, bem como adentramos a história de seus governos entre os anos 1930 e 1942 (anos em que os diários foram escritos), para tentar compreender se realmente houve esta construção da imagem do presidente. Do mesmo modo, pretendeu-se averiguar quais foram os principais fatores que contribuíram para propagar essa construção e alimentar o imaginário social em torno da imagem do presidente.

Ao nos depararmos com Getúlio Vargas e o lugar que lhe cabe na História, acabamos percebendo que esse político usou e abusou das mais variadas facetas ao longo de seus governos, para que sua imagem fosse cristalizada como um grande político dentro da história do Brasil. Vargas, de fato, entrou para a história como um dos políticos mais controversos, alguém que implantou a ditadura no país, arrastou o Brasil para a guerra e que, mesmo assim, é lembrado por muitos como um herói da pátria — e essa visão entorno de sua pessoa veio se fortalecendo desde início de sua história na política.

Por seu turno, os governos de Vargas por si só já remetem ao caráter ambíguo do presidente, que era conhecido como o pai dos pobres e a mãe dos ricos. Isso porque Vargas andava lado a lado com a elite e com as camadas populares, algo que já gera suspeitas pelo fato de os anseios dessas duas camadas da sociedade serem totalmente opostos naquela época. Sobre isso, ainda encontramos uma passagem nos diários de Vargas, na qual o presidente, em uma conversa com seu filho Lutero, no ano de 1936, revela o seguinte pensamento:

No conceito que eu lhe repetia e que ele encontrara nestas anotações ou referencias, estava, como aplicação da teoria darwiniana, que vencer não é esmagar ou abater pela força todos os obstáculos que encontramos — vencer é adaptar-se. Como tivesse dúvidas sobre a significação da fórmula, expliquei-lhe: adaptar-se não é o conformismo, o servilismo ou a humilhação; adaptar-se quer dizer tomar colaboração do ambiente para melhor lutar (VARGAS, 1995, v. 1, p. 486-487).

Com essas palavras, estaria Vargas traduzindo um “ideal” que utilizava em seus governos? Afinal, sabe-se que Vargas é conhecido por sempre estar do lado das pessoas certas nos momentos mais oportunos, e, se ao “meio-dia almoçava

com a massa”, à “noite jantava com a elite”, além de ter firmado aliança com muitos de seus opositores ao longo dos 15 anos da Era Vargas. Desse modo, ao longo de seus governos, Vargas ia se adaptando a cada nova situação, e sempre tendo bons resultados em cada uma de suas ações para se manter no poder.

Não obstante, durante a década de 1920 o país atravessava um momento bastante conturbado na política, devido ao sistema de oligarquia, de maneira que o povo exigia mudanças. Nesse contexto, Vargas surgiu como alguém que seria capaz de trazer a mudança que há tanto o povo clamava, e foi precisamente essa idealização que lhe rendeu ao status de “salvador da pátria”, conduzindo o país à Revolução de 1930. Desse modo, podemos concluir que a construção da imagem de Vargas teve início antes deste vir a se tornar presidente da República, pois antes mesmo da eclosão da Revolução ele já vinha sendo considerado por muitos como um salvador, ou o “homem certo no lugar certo”. De fato, fora o único capaz de unificar o Rio Grande de Sul e o único que seria capaz de trazer novos horizontes para o Brasil, e é claro que a propaganda em torno de sua imagem, principalmente nos jornais, foi colaborando cada vez mais para fomentar o imaginário da sociedade em torno de sua pessoa.

Como se percebe, durante os governos provisório e constitucional, Vargas reorganizou o país e continuou se utilizando da propaganda para divulgar sua imagem e governo, recorrendo às mais diversas artimanhas para se manter no poder. Conseguia sempre se livrar de todos os opositores de seu governo, chegando cada vez mais perto das massas, alicerçando, assim, a construção de sua imagem.

Por sua vez, o período do Estado Novo foi o auge da construção da imagem do presidente. Embora essa imagem já estivesse construída, ganhou maior destaque ainda durante esse período, devido principalmente às ações do DIP, que montou todo um aparato em relação à personalidade do presidente e às ideologias do novo regime de governo. Essa imagem foi transmitida à população, e houve repressão a qualquer ato que fosse contra as ações do presidente e os princípios do Estado Novo.

Ademais, quando analisamos seus feitos ao longo do Estado Novo, chegamos à conclusão de que Vargas realmente foi um político que contribuiu de inúmeras formas com o desenvolvimento do país e da sociedade. Porém, se com uma mão ele dava, com a outra tirava do povo brasileiro. O que acontece é que a extensiva propaganda em torno de sua imagem acabou por maquiar os problemas

do governo e as ações que iam contra os direitos dos cidadãos. Em verdade, sabemos que, durante o Estado Novo, o povo brasileiro sofreu com um sistema ditatorial que reprimiu a democracia, impôs a censura e a repressão, mas, mesmo assim, após a saída de Vargas do poder em 1945, o presidente conseguiu ser eleito em 1951, democraticamente, por meio do voto do povo. Trata-se, portanto, de uma prova de sua popularidade entre a massa popular, popularidade esta que foi conseguida por intermédio da intensa propaganda durante o Estado Novo.

Com efeito, a maior parte da propaganda em torno da imagem de Vargas estava voltada para a massa popular. A saber: primeiro, era essa massa que mais tarde poderia lhe colocar no poder novamente, já que seria difícil o presidente conseguir arquitetar mais um golpe de Estado. Segundo: perdendo muito de seus apoios político e da elite, o presidente precisava do apoio das massas. Terceiro: as massas populares são as mais influenciáveis e mais fáceis de convencer, algo recorrente, inclusive, nos dias atuais, em que os políticos fazem o que bem entendem, pensam somente em si próprios, roubam milhões, mas, se fizerem apenas o mínimo para a população, a massa de eleitores acaba “esquecendo” as coisas ruins, lembrando-se apenas do pouco que lhes foi dado. Infelizmente, a política é assim no país, porquanto “a história sempre é a mesma, só mudam os personagens”.

No que concerne a este trabalho, pudemos constatar que, durante os governos de Vargas, os meios de comunicação serviram como ferramenta para propagar e criar uma imagem positiva do presidente e de seu governo. Nessa perspectiva, foram empregados os mais diversos meios de representação, como imagens, escritos, discursos, onipresença, as ações de Vargas para o desenvolvimento do país e, principalmente, as ações voltadas para a massa, como as leis trabalhistas que lhe renderam o status de “pai dos pobres”.

Por meio deste estudo, foi possível perceber que houve, sim, a construção da imagem do presidente, algo que, na verdade, foi bastante recorrente entre os políticos que seguiam regimes totalitários na época, utilizando-se de variados instrumentos para propagar uma boa imagem de si e de seus governos. Dessa maneira, por meio de propaganda, passavam a impor à população a imagem de seu líder como um herói para a pátria. Vargas, é claro, soube se utilizar muito bem da propaganda, além de ter sabido tirar proveito de seus escritos nos diários. Por mais que esses textos não viessem a público naquela época, posteriormente surgiram

para dar continuidade à sua imagem de “bom moço”, porque, quando se lê os diários, tem-se a impressão de que passam uma imagem distorcida dos acontecimentos e dos verdadeiros fatos. É como se ele criasse uma nova história, sendo ele o protagonista principal, o mocinho. Em vista disso, alguém que não conhece a verdadeira história de Getúlio Vargas — e não foi a fundo em relação aos acontecimentos, tendo apenas o conhecimento prévio dos livros didáticos, por exemplo — possivelmente acreditará que ele foi realmente um político carismático, preocupado com o povo, que dava sua vida ao país, tratando-se realmente de um herói, um salvador.

Porém, quando lemos seus escritos, já sabendo dos fatos a partir da visão de historiadores e pessoas que viveram naquela época (1930-1942), é possível acreditar que o Vargas que escreve nos diários não é o mesmo que empreitou golpes para se manter no poder, e que inclusive instaurou uma ditadura no país. O que também se apreende é que suas palavras parecem ter sido pensadas e planejadas, porque, nos escritos, o presidente não dá detalhes em relação a muitas de suas ações, principalmente durante o Estado Novo, e muito pouco menciona sobre os atos ditatoriais e de censura. Ao contrário, apenas frisa bastante as conspirações contra ele, as traições, seus opositores e os atentados sofridos por parte deles, alegando que estes deveriam ser contidos para que a ordem fosse instaurada no país. Desse modo, os diários podem ter sido escritos com a intenção de se tornarem públicos, servindo de ferramenta para a construção da imagem de um presidente carismático e que se preocupava mais com a nação do que com a sua própria vida pessoal e familiar. Em síntese, ter-se-ia imagem de alguém que estava disposto a ser o guia da população e que daria a sua vida por ela, sendo o único capaz de conduzir a nação, outorgando a si essa responsabilidade.

Concluimos, por fim, que a construção da imagem de Vargas veio de fato a se concretizar com um último golpe: o seu suicídio, em 1954, que teve como toque final sua carta-testamento ao povo brasileiro — mas isso já é outra história.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Luciano Aronne de. *Getúlio Vargas: a construção de um mito: 1928-1930*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.
- BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social*. In: Leach, Edmund *et alii*. *Anthropos-Homem*. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.
- BARROS, José D'Assunção. *História, imaginário e mentalidades: delineamentos possíveis*. In: Revista Conexão – Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul, v. 6, nº 11, jan./jun. 2007. p. 11-39. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conexao/article/view/191>>. Acesso em: 05 de abril de 2017.
- BOECKEL, Cristina. *História e Propaganda Política: A construção da imagem de Getúlio Vargas (1930-1945)*. Monografia (graduação em Comunicação Social) - UFRJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005. Disponível em: <<http://pantheon.ufrj.br/handle/11422/879>>. Acesso em: 20 de jul. de 2017.
- BORGES, Maria Eliza Linhares. *Fotografia: desafios da interdisciplinaridade*. In: Revista do Departamento de História: Estudos Ibero-Americanos. PUCRS, v. XXXI, n. 2, p.41-51, dezembro 2005. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iberoamericana/issue/view/128>>. Acesso em 10 de ago. de 2017.
- BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2007.
- BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: história e imagem*. Bauru: EDUSC, 2004.
- CAPELATO, Maria Helena. *O Estado Novo: o que trouxe de novo?* In: FERREIA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida das Neves. *O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p.109-143.
- \_\_\_\_\_. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
- CHARTIER, Roger. *O mundo como representação*. In.: CHARTIER, Roger. *À Beira da Falésia: A história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da Universidade - UFRGS, 1991, p. 61-80.
- CORSI, Francisco Luiz. *Estado Novo: política externa e projeto nacional*. São Paulo: Editora UNESP: FAPESP, 2000.
- ELIADE, Mircea. *Mito e Realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- FARIA, Antonio Augusto; BARROS, Edgard Luiz. *Getúlio Vargas e sua época*. 8. ed. São Paulo: Global, 1997.

FAUSTO, Boris. *Getúlio Vargas: o poder e o sorriso*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. *História concisa do Brasil*. 2. ed., 3. reimp. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2010.

\_\_\_\_\_. *História do Brasil*. 8. ed. São Paulo: Editora Universidade de São Paulo: Fundação para o Desenvolvimento da Educação, 2000.

FÉLIX, Loiva Otero. *A fabricação do carisma: a construção mítico-heróica na memória republicana gaúcha*. In: FÉLIX, Loiva Otero; Elmir, Cláudio P. (org). *Mitos e Heróis: a Construção de Imaginários*. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 1998, p. 141-162.

FERNANDES, Bárbara Ferreira. *Propaganda política no Estado Novo: a Revista Ilustração Brasileira*. In: GT de Historiografia da Mídia: III Encontro Regional Sudeste de História da Mídia. UFRJ: Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/eu/Downloads/gt\_historiografia\_da\_midia\_Barbara\_Fernandes%20(1).pdf>. Acesso em 01 de ago. de 2017.

FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Conde Sá. *A Crise dos anos 20 e a Revolução de 1930*. In: DELGADO, Lucília de Almeida Neves; FERREIRA, Jorge (org). *O Brasil Republicano: O tempo de liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

FERREIRA, Marta de Azevedo. *Estado Novo (1937-1945): Cultura e Educação em perspectiva*. Monografia (Pós-graduação em especialista em docência do Ensino Superior) - Universidade Cândido Mendes. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: [http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias\\_publicadas/g200369.pdf](http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/g200369.pdf). Acesso em: 23 de jul. de 2017.

FRANCO, Sérgio da Costa. *Getúlio Vargas e outros ensaios*. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1993.

GOMES, Ângela de Castro. *O Mito Vargas*. Rio de Janeiro: CPDOC\FGV. 2004. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas2/artigos/AlemDaVida/MitoVargas>>. Acesso em: 19 de nov. 2016.

HENN, Leonardo Guedes; NUNES, Pâmela Pozzer Centeno. *A educação escolar durante o Estado Novo*. In: Revista Latino-Americana de História, UNISINOS, São Leopoldo, V. 2, nº 6, agosto 2013. p. 1040-1049. Disponível em: <<http://projeto.unisinos.br/rla/index.php/rla/article/viewFile/254/207>>. Acesso em: 10 de ago. de 2017.

LEITE, Carlos Henrique Ferreira. *O uso dos jornais para o conhecimento histórico: teoria e metodologia*. In: V ENEIMAGEM e II EIEIMAGEM: V Encontro Nacional de Estudos da Imagem e II Encontro Internacional de Estudos da Imagem, História, Imprensa e Sociedade: As Influências do Jornal Paraná-Norte na Sociedade Londrinense (1934-1953). Londrina, 2015. Disponível em: <[http://www.cih2015.eventos.dype.com.br/resources/anais/4/1435718521\\_ARQUIVO\\_Texto\\_Final\\_CarlosHenriqueFerreiraLeite\\_UEPG\\_2015.pdf](http://www.cih2015.eventos.dype.com.br/resources/anais/4/1435718521_ARQUIVO_Texto_Final_CarlosHenriqueFerreiraLeite_UEPG_2015.pdf)>. Acesso em 14 de set. de 2017.

LEVI, Giovanni. *Usos da biografia*. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de M. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV, 1996, p. 167-182.

LUCA, Tânia Regina de. *A história dos, nos e por meio dos periódicos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. P. 111-153.

NETO, Lira. *Getúlio: 1882-1930: dos anos de formação à conquista do poder*. Porto Alegre: Companhia das Letras, 2012.

OLIVEIRA, Eliane de. *Na Vanguarda da Era da visibilidade: Getúlio Vargas e as imagens do 1º de maio*. In: III Encontro Nacional de Estudos da Imagem. In: *Periódicos UFPB*, Londrina, 03-06 de maio, 2011. P. 1024-1034. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/tematica/article/view/23705>>. Acesso em 12 de ago. de 2017.

PANDOLFI, Dulce Chaves. *Os anos 1930: as incertezas do regime*. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *O tempo do nacional-estatismo: do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. V.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, p. 13-38.

PAZ, Elisete de Souza Ramão. *Identidade cultural e Representação social: Uma possibilidade de leitura sobre o desenvolvimento regional*. Tese (Mestrado em Desenvolvimento Regional). Faccat - Faculdades Integradas de Taquara. Taquara, 2016.

PESAVENTO, Sandra Jatthy. *Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário*. *Revista Brasileira de História*, n. 29, 1995. Disponível em: <[www.anpuh.org/arquivo/download?ID\\_ARQUIVO=3770](http://www.anpuh.org/arquivo/download?ID_ARQUIVO=3770)>. Acesso em: 03 de abril de 2017.

\_\_\_\_\_. *História e História Cultural*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PIOVESAN, Greyce Kely. *Biografia, Trajetória e História*. In: Encontro Regional Sul de História Oral, Florianópolis, 2007. *Anais Eletrônicos do IV Encontro Regional Sul de História Oral*. Florianópolis: UFSC, nº 1, 2007. Disponível em: <<http://portalcfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Greyce%20Kely.pdf>>. Acesso em: 06 de Nov. de 2017.

RANGEL, Carlos Roberto da; PIMENTA, Renata Waleska de S. *Getúlio Vargas por ele mesmo*. In: ANPHU- XXV Simpósio Nacional de História. Fortaleza, 2009. Disponível em: <<http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1514.pdf>>. Acesso em 14 de set. de 2017.

REMÉDIOS, Maria Luiza R. *História e Ficção: O Diário de Getúlio Vargas*. Porto Alegre: Conexão Letras, v. 1, p. 219-227, 2005. Disponível em: <<http://www.artistasgauchos.com/conexao/01/maria.pdf>>. Acesso em: 19 de nov. de 2016.

RÉMOND, René. Do Político. In: Rémond, René (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ROSANVALLON, Pierre. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda, 2010.

SANTIAGO JR, Francisco das Chagas Fernandes. *Sobre o conceito de representação: etnicidade e análise histórica das imagens cinematográficas*. In: Seminário Nacional de História da Historiografia: aprender com a história?, 3, 2009, Ouro Preto. *Anais*. Ouro Preto: Edufop, 2009. Disponível em: <[http://www.seminariodehistoria.ufop.br/t/francisco\\_das\\_chagas\\_fernandes\\_santiago\\_junior.pdf](http://www.seminariodehistoria.ufop.br/t/francisco_das_chagas_fernandes_santiago_junior.pdf)>. Acesso em: 03 de abril de 2017.

SANTOS, Ciranda Campos Santana dos; SANTOS, Laís de Souza dos. *A Nova imprensa: como os veículos baianos de comunicação realizaram a cobertura do Estado Novo*. 2007. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/7o-encontro-2009-1/A%20NOVA%20IMPrensa.pdf>>. Acesso em 12 de jul. de 2017.

SANTOS, Jessica Leme. In: GT de História da Imprensa: 6. Encontro Regional Sul de História da Mídia- Alcar Sul. Ponta Grossa, 2016. Disponível em: [http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sul/6o-encontro-2016/historia-da-midia-imprensa/getulio-vargas-visita-o-parana.-discurso-fotografia-e-propaganda-politica-na-formacao-da-imagem-do-presidente/at\\_download/file](http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-regionais/sul/6o-encontro-2016/historia-da-midia-imprensa/getulio-vargas-visita-o-parana.-discurso-fotografia-e-propaganda-politica-na-formacao-da-imagem-do-presidente/at_download/file). Acesso em: 6 de Nov. de 2017.

SCHMIDT, Benito Bisso. História e biografia. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). *Novos domínios da história*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

SERBENA, Carlos Augusto. *Imaginário, ideologia e representação social*. Revista Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, Santa Catarina, nº 4-52, dez. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/cadernosdepesquisa/article/view/1944>>. Acesso em: 06 de abril de 2017.

SILVA, Marinete dos Santos. *A Educação Brasileira no Estado Novo (1937-1945)*. São Paulo: Editorial Livramento, 1980.

SKIDMORE, Thomas E. *Uma história do Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

SONTAG, Susan. *Ensaio sobre a fotografia*. Lisboa: Dom Quixote, 1986.

WERLE, Bibiana. *A Campanha da Nacionalização em Estrela- RS: Impactos e Memórias*. Monografia (Licenciatura em História)- UFRGS, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011. Disponível em: < <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/36945>> Acesso em: 10 de ago. de 2017.

WICHINHESKI, Leonardo Cardoso. *O Governo Provisório de Vargas: Um olhar sobre a escrita privada do presidente*. Monografia (Licenciatura em História)- FACCAT, Faculdades Integradas de Taquara. Taquara, 2014.

VARGAS, Getúlio. *Diários (1930-1942)*. São Paulo: Siciliano; Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1995, 2 volumes.

VIGÁRIO, Jacqueline Sirqueira. *História e Imaginário*. In: Seminário de Pesquisa em Pós-Graduação em História UFG/UCG, 2, 2009, Goiás. *Anais*. Goiás: Pontifícia Universidade Católica de Goiás, 2009. Disponível em: <[http://www.cpgss.pucgoias.edu.br/ArquivosUpload/16/file/Anais\\_II\\_Seminario\\_de\\_Pesquisa\\_da\\_Pos-Graduacao\\_em\\_Historia\\_UFG-PUC\\_Goias/pdfs/IISPHist09\\_JaquelineSgario.pdf](http://www.cpgss.pucgoias.edu.br/ArquivosUpload/16/file/Anais_II_Seminario_de_Pesquisa_da_Pos-Graduacao_em_Historia_UFG-PUC_Goias/pdfs/IISPHist09_JaquelineSgario.pdf)>. Acesso em: 06 de abril de 2017.